

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

M E M O R I A L

M I N H A M E M Ó R I A

*Documentos apresentados ao Concurso
de Livre Docência em Antropologia
do Simbolismo do Departamento de
Ciências Sociais do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas*

1987

Ao Leitor,

Entre obrigatórios, recomendáveis, voluntários ou dispensáveis, os documentos que apresento aqui estão distribuídos da seguinte maneira:

- A Um volume dividido entre o MEMORIAL e a MINHA MEMÓRIA, acrescido de três pequenos anexos. O terceiro lista os livros e artigos que submeto a exame.
- B Dois volumes contendo cópias dos documentos oficiais e derivados, relacionados entre o MEMORIAL e a MINHA MEMÓRIA e, infelizmente, em alguns momentos mais confusos e incompletos do que seria desejável.
- C Quatro volumes que em uma não rigorosa ordem cronológica reúnem escritos meus anteriores e atuais não escolhidos para comporem o conjunto submetido a exame.
- D Um volume contendo algumas resenhas, alguns prefácios e notícias mais breves a respeito de livros que escrevi.
- E Um volume de REMEMÓRIAS, em que faço um dispensável exercício de antropologia gráfica e visual a respeito do que, com relativo maior rigor, está escrito nos documentos anteriores.
- F Um conjunto de livros e artigos enviados em cópia única e no original.
- G Finalmente, o pequeno repertório de livros e artigos que selecionei e, com mais ênfase e menos temor do que no caso dos outros, submeto a exame, para o que os envio aqui em 10 exemplares.



Memorial

Ao leitor sem tempo

Este documento de que todos os outros são anexos, ou outras variações de complemento, está dividido em dois planos de escrita: MEMORIAL e MINHA MEMÓRIA. Eles se sucedem em um mesmo texto, mas o índice destaca as páginas onde, a cada vez, cada um deles recomeça.

No MEMORIAL a lógica do depoimento é, como de praxe, regida pela contabilidade. Ali dou conta de mim mesmo, desfio o que fiz, por onde andei, no que me formei, onde trabalhei, do que participei, o que ganhei com isto e aquilo, o que pesquisei e escrevi. À diferença de outros relatos de memória para efeitos de concurso de livre docência, o meu é cronológico. Ao invés de separar o que é preciso ser enumerado de acordo com as sequências temáticas da carreira, preferi dispor, misturados e sucessivos, os meus dados ao longo da trajetória de minha própria vida até aqui. Este não é também um memorial rigorosamente profissional. Difícil fazer a seleção do que deve ser revelado. Procurei ressaltar aquilo que de fato mais se aproxima do campo de idéias e práticas a que se dirige o meu exame. Mas não deixei de relacionar dimensões de vida e de trabalho que considero tão importantes quanto os estritamente profissionais e, no seu interior, tão importantes quanto o que consegui realizar como antropólogo.

Para que a leitura do que importa possa ser, em um momento, feita de maneira mais conveniente, anexo ao final de todo o depoimento uma espécie de *curriculum vitae*, onde os dados são re-ditos obedecendo a uma ordenação e a uma lógica mais costumeiras.

Os documentos enumerados aqui estão reunidos em um outro volume, tal como obrigam as normas do concurso. Nem sempre fui feliz em enumerá-los. Alguns saltam números (nunca fui bom em estatística), outros, depois de enunciados, descobri que não os tinha mais comigo e não haveria como consegui-los de volta em tão pouco tempo. Se o leitor acreditar em mim no que documento, peço que acredite também no que conto, sem documentar.

Campinas, 21 de outubro de 1987.

Carlos Rodrigues Brandão

Minha Memória

Ao leitor sem pressa

Já que por força das regras do ofício tenho que dizer de mim mesmo com objetividade e provas documentais, me conto e comprovo. Faço a minha contabilidade: o censo e a geografia de mim mesmo. Este é o MEMORIAL, cujo pequeno prefácio você deve ter acabado de ler. Mas já que devo depor ao *outro* sobre *mim*, me conto. Reconto a vida e o que houve nela até aqui, para que o corpo de dados do MEMORIAL ganhe na MINHA MEMÓRIA a sua alma. Se lá eu me dou por números — valho quantidades? — aqui eu me dou por nomes e, permita-me o leitor generoso, escrevo aos pedaços alguma coisa da história de minha biografia.

Distraído e errante, andava entre viagens, em um semestre de "licença" na UNICAMP para a realização de pesquisas de campo, quando fui alertado para o fato de que tinha então menos de um mês disponível para entregar a documentação completa necessária ao concurso de livre docência. Precisei ainda viajar e, assim, comecei esta narrativa em Goiânia, continuei-a no Sul de Minas e a concluí na manhã do dia em que viajei a Águas de São Pedro, para a reunião anual da ANPOCS: Não quero dizer que teria feito um documento melhor se tivesse mais tempo. Ele teria sido, no entanto, pelo menos mais fiel. E certamente mais curto. Um dia o padre Antônio Vieira escreveu uma carta enorme a um amigo distante e concluiu com algo mais ou menos assim: "perdoe esta carta ser tão longa, é que não tive tempo de fazê-la curta". Devo dizer, com a mesma humildade, a mesma coisa a meu leitor.

Mesmo no MEMORIAL fiz a listagem completa de que fui até agora. Seletivamente completa, ela não inclui, com evidência, tudo o que foi vivido, pensado e feito até aqui. Pouco, o leitor, por exemplo, da enumeração de infinitas participações em reuniões, seminários e semelhantes pouco próximos do que de fato importa. Mas, pelas razões pessoais da mesma lógica, enumerei lá e descrevo aqui frações de minha vida e de meu trabalho que, em outras dimensões que não propriamente as da "matéria do concurso", estão unificadas em minha maneira de ser e viver, de pensar e escrever. Como esconder, por razões profissionais, que escrevo Poesia desde muito antes de pensar através da Antropologia e que tenho uma prática e livros como poeta? Como silenciar que por 25 anos tra-

balhei sem cessar como uma espécie de militante dos movimentos antigos e recentes de cultura e educação popular, ainda que isto posa haver, em alguns momentos, comprometido a própria qualidade de meu trabalho como pesquisador e antropólogo? Aqui o silêncio profissional não estaria distante de ser uma mentira, porque encobrindo o que *também* fui para ser quem sou, ocultaria partes de mim cuja vivência tem sido tão determinante na difícil unidade de meu próprio ser.

Assim, para eu não deixar por um momento de ser verdadeiro, o leitor terá que conviver aqui com as confissões de um antropólogo que, no começo de tudo, queria ser piloto de aviões e engenheiro agrônomo ou florestal e que, na vizinhança do final de tudo, gostaria de tornar-se um escritor de "dedicação exclusiva" aposentado, mas não esquecido da Antropologia.

Tal como o MEMORIAL e acompanhando-o, a sucessão de MINHA MEMÓRIA é cronológica e desfia momentos que parecem possuir uma certa unidade biográfica e profissional.

Devo dizer que os escritos inseridos nestas páginas descrevem mais uma trajetória de vida do que de idéias. O que aprendi e pensei, as transformações pelas quais passei *nisto*, apenas acompanham aqui a narrativa de meus passos entre teias e tramas de vida e trabalho. Isto porque acredito que o lugar da exposição das idéias deve ser o dos livros e artigos que incorporo a este repertório de depoimentos: uns envolvendo praticamente tudo o que escrevi até hoje, segundo as normas do concurso; outros aqueles que submeto à leitura dos leitores componentes de minha banca de exame, como o que escrevi de meu doutorado para cá. Devo acrescentar que interpretei a idéia de "toda a produção científica, artística, etc." seletivamente. Se no MEMORIAL procurei contabilizar *tudo* e se na relação dos textos em geral procurei incluir *todos*, no caso dos que, em princípio, devem ser examinados em lugar de uma tese, relacionei apenas os livros e artigos que mais diretamente têm a ver com a região temática do exame. Escritos que, mais do que os outros feitos de então para cá, ousou imaginar que merecem melhor o tempo e a atenção do leitor.

Deponho aqui sobre 27 anos dedicados à universidade, como aluno, como professor, como pesquisador. Deponho sobre 20 anos dedicados à docência e um pouco menos à pesquisa como antropólogo.

Eis uma pequena história feita, mas não acabada. E, esperançosamente, gosto de crer que o melhor ainda está por vir.

Campinas, 21 de outubro de 1987.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Carlos Rodrigues Brandão', with a stylized, cursive script.

Carlos Rodrigues Brandão

ÍNDICE

Memorial: <i>os primeiros dados</i>	8
Minha Memória: <i>os primeiros tempos</i>	8
Memorial: <i>de 1961 a 1969</i>	15
Minha Memória: <i>entre 1961 a 1966</i>	16
Memorial: <i>de 1961 a 1966</i>	27
Minha Memória:	28
Memorial: <i>de 1967 a 1968</i>	30
Minha Memória: <i>de 1966 a 1968</i>	33
Memorial: <i>de 1969 a 1972</i>	45
Minha Memória: <i>entre 1969 e o 2º semestre de 1972</i>	49
Memorial: <i>de 1972 a 1975</i>	56
Minha Memória: <i>de 1972 a 1975</i>	60
Memorial: <i>de 1976 a 1979</i>	69
Minha Memória: <i>de 1976 a 1979</i>	75
Memorial: <i>depois do doutorado</i>	84
Minha Memória: <i>1980 até hoje</i>	115

*Aos meus amigos e alunos,
a razão de tudo.*

*Maria de Lourdes Malta Serra organizou
dados e Marilza Aparecida da Silva fez
a datilografia.*

*Agradeço, em nome de ambas, a todos os
que ajudaram.*

Memorial

os primeiros dados

Carlos Rodrigues Brandão

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, no dia 14 de abril de 1940. Filho de Joaquim Rodrigues Brandão e de Solange Hartung Brandão (doc. 1).

Casado em 13 de janeiro de 1966 com Maria Alice Martins Brandão e pai de André Rodrigues Brandão (1968) e de Luciana Rodrigues Brandão (1970).

Residente à rua dr. Sampaio Ferraz, nº 392, no Cambuí, em Campinas, no estado de São Paulo.

Professor MS-4, em regime de tempo integral e dedicação exclusiva, do Conjunto de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, desde 1º de dezembro de 1975.

Registro civil nº 9.854.310, expedido pela SSP do estado de São Paulo; eleitor, quando possível, desde 1958, com título atual nº 172233401-24; certificado de "isenção definitiva do serviço militar em tempo de paz" (depois de haver servido por um ano) nº 008024, da 3ª Zona Aérea, Escola Preparatória de Cadetes do Ar, Ministério da Aeronáutica, expedido em 25 de novembro de 1957. CPF nº 004448471-20 (docs. 2, 3, 4 e 5).

Grupo sanguíneo B, positivo.

Estudo iniciais de 1º e 2º graus realizados no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, entre 1945 e 1960. No Rio de Janeiro, em sucessivos colégios, como o Paulista, o Guy de Fontgaland, o São Bento, o Mallet Soares (pelo qual conclui o 1º grau) e, finalmente, o Colégio Andrews (por onde conclui o Curso Clássico, hoje 2º grau) (doc. 6). Em Minas Gerais, na cidade de Barbacena e na Escola Preparatória de Cadetes do Ar, durante o ano de 1956.

Minha Memória

os primeiros tempos; entre 1940, no Rio de Janeiro e 1956, em Barbacena; de volta ao Rio de Janeiro; acertos e tropeços; uma primeira busca de motivos e uma síntese antecipada do que veio a seguir.

Penso que entre nós, que por um motivo ou vários nos dedicamos a pensar, pesquisar, escrever e lecionar, há pelo menos três categorias de pessoas: os que trabalham com exclusividade em um campo único de atividade e realizam produtivamente *isto*; aqueles que por desejo ou obrigação se abrem a vários campos e fazem *isto* e *aquilo*; os que ao longo da carreira e da vida oscilam entre um tipo e o outro.

Devo confessar de saída que me aproximo mais das pessoas e dos profissionais da segunda categoria, e desconfio que o que escrevo daqui em diante serve para explicar a mim mesmo e para justificar ao meu *outro* o porquê *disto*.

Para que seja fácil falar de mim com menos silêncios e refúgios, gosto de acreditar que aos primeiros antropólogos devem haver atraído tanto os segredos dos "Mares do Sul" quanto os desafios do "amor à ciência". Pois eu queria ser mesmo era piloto de aviões e, anos mais tarde, engenheiro agrônomo ou florestal. Sem dizer isto e as suas consequências, todas as explicações posteriores resultariam um exercício de retórica destinado a encobrir as primeiras razões verdadeiras das escolhas que me conduziram à Antropologia Social, em benefício de afirmações tão mais respeitadas quanto enganosas.

Assim, no ano de 1956, para espanto de minha ampla parentela que sempre viu — com justiça — em mim o menos dedicado aos estudos escolares de uma geração de irmãos e primos, passei ao mesmo tempo nos concursos do Colégio Naval e da Escola Preparatória de Cadetes do Ar.

Nasci em uma família de funcionários, engenheiros e oficiais de marinha, onde as mulheres da geração de minha mãe eram donas-de-casa ou, no limite, professoras. Esta relativa tradição naval deu a meus pais e aos navegantes da parentela a certeza de que eu optaria pela Marinha, cujo "colégio" e carreira possuíam, então, maior prestígio do que seus equivalentes da Aeronáutica. Causou desalento entre os tios e temor entre os pais a minha decisão inabalável de ir para a Aeronáutica.

Demorei a descobrir que antes de ser um bom piloto era necessário um estágio de três anos como um bom aluno. Não o fui e terminei reprovado em meus estudos de 1º ano. Nas férias um grave acidente de mergulho em um rio de Itatiaia exilou-me para sempre da aventura do voo; pelo que me lamentei muito tempo. Mas a

espinha partida entre a 2^a e a 3^a vértebras cervicais afastou-me para sempre da carreira militar, o que fez de mim uma vítima a mais da retórica de que "há males que vêm pra bem". Acidentado em férias e não "em serviço", sequer fui "reformado". Saí de Barbacena com uma ficha escolar pouco recomendável (doc. 7), mas também "isento do serviço militar". Não me arrependo de haver entrado: queria voar. Nem me arrependo de haver saído: queria ser livre.

Salto alguns anos para não perder o fio da lógica que me explica. No ano de 1960, enquanto cursava a última série de meu "Clássico" no Colégio Andrews, matriculei-me em um "cursinho" de uma rua escondida, quase um beco em Botafogo, que preparava com exclusividade candidatos aos vestibulares de agronomia, veterinária e engenharia florestal. Desde a saída da Aeronáutica eu me havia convertido, de um ano para o outro, em um aluno quase exemplar (fato que meus amigos de rua Cedro, na Gávea, lamentaram por vários anos e unanimemente atribuíram ao poder maléfico da pedra em Itatiaia em que abri a cabeça). Acabava de ser criado em Viçosa um primeiro curso de Engenharia Florestal e eu não saberia reconhecer então uma melhor profissão para mim. Estudei com afinco, mas dois meses antes do exame vestibular o diretor do "cursinho" chamou-me à sua sala e revelou-me, com uma rara coragem, que a minha capacidade para lidar com três das quatro disciplinas do concurso (matemática, física e química) estava bastante abaixo do limiar em que certezas ou mesmo esperanças remotas são permitidas. Desde Barbacena minhas notas escolares já o diziam, mas o desejo de uma carreira que me levasse do voo à floresta fez-me querer acreditar sempre mais em mim do que nelas.

Desisti a tempo e agora como não confessar que de uma dupla perda me compensei duas vezes, e depois outras? Como não revelar estes reais motivos da origem de minhas buscas, que apenas bastante mais tarde receberiam razões e nomes mais profissionalmente e nunciáveis? Saído da Aeronáutica recuperei em um ano a saúde e, em 1958, ingressei em um clube de excursionistas e, no ano seguinte, em um outro de escaladores de montanhas. Pouco mais tarde fundaria um pequeno grupo de montanhistas, de vida efêmera. Se escrevo isto aqui e esta confissão brincalhona parece inútil, é porque assim não foi e nem é, agora que a relembro. Isto porque aqueles foram anos de uma — afinal — vocação bem vivida e de um aprendizado consistente e sério. Porque, ali, aos 18 anos e mais do que na escola, eu me esmerava: estudava com raro afinco para

os cursos que fiz. Por isso mesmo, até hoje sei fazer mais de 15 tipos de nós, sei armar barracas e montar equipamentos, sobreviver na floresta e me orientar por pássaros e estrelas. Mas aprendi ali, também, um raro tipo de generosa experiência de solidariedade e companherismo que não vi reproduzir-se com frequência em outros lugares por onde andei. Passei alguns anos entre estudos de escola, leituras por minha conta, as diversões de um carioca de classe média nos "anos dourados" e as viagens ao campo e escaladas de montanhas (doc. 8). Fiz cursos de *guia excursionista* (doc. 9) e de *guia escalador* (doc. 10). Em anos seguintes passei em ambos em 2º lugar e aqueles são os únicos diplomas que ousei pendurar na parede de minha casa, ao lado de fotos das montanhas de Itatiaia, as primeiras que escalei. Em 1960 ideiei a aventura e participei da equipe do Clube Excursionista Rio de Janeiro que conquistou, no Irmão Maior do Leblon, o Paredão Baden Powell, um difícil e técnico "4º grau superior" (doc. 11). Em nome de um dos cursos tornei-me "voluntário da Cruz Vermelha", o que me obriga, mais do que aos outros, a socorrer, em qualquer lugar público, qualquer pessoa em mau estado (doc. 12).

Saído do susto dado pela revelação do professor do "cursinho", tive não mais do que dois meses para oscilar entre o curso de Comunicação (muito recente e de fácil ingresso) e o de Filosofia, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Optei pelo segundo, muito embora sonhasse então ser um jornalista, e fiz apenas dois anos do seu curso (doc. 13). Em 1962 ingressei no Curso de Formação de Psicólogos da mesma PUCRJ e 07 anos depois de licenciado em Psicologia ingressei no mestrado de Antropologia Social da Universidade de Brasília. Já que não poderia lidar profissionalmente com as plantas, estudaria o semeador: dediquei-me desde então à pesquisa de sociedades camponesas. No entanto esta é uma narrativa a ser feita com vagar, adiante.

Com ou contra quem ou o que pensamos, até quando chegamos um dia a Freud, Malinowski e Marx? E, depois deles e de outros, a quem ou o que exorcizamos, para aos poucos virmos a ser quem finalmente somos? Que leituras e autores é preciso silenciar, primeiro da notícia aos outros, depois, do desejo de nós mesmos? Em cada um de nós, qual terá sido a sucessão da bibliografia básica, mas a partir de um certo ponto da trajetória e da identidade, esquecida ou não confessada? Já que estamos sempre tão determinados a desentranhar de nossa cultura e da dos outros os menores segre-

dos de suas falas e gestos de sentido ou delírio, porque ocultamos esses primeiros escritos a que fomos submetidos, como nos colégios religiosos, ou que conquistamos, não raro às escondidas, como as leituras que deliciosamente circularam entre grupos e anos de amigos da infância à juventude, em minha vida? E, no entanto, foi *entre* e *com* elas que começamos a pensar e a compreender o mundo. Mais tarde, terá sido contra eles, pais fundadores do imaginário que depois é preciso matar, esquecer ou submeter à análise, para seguir vivendo e ascender sem remorsos ao reino não menos surpreendente da ciência.

Pois comecei a ler Freud e a respeito dele e de outros, apenas após o 2º ano de meu curso de Psicologia. Marx invadiu minha cabeça da mesma maneira como para a maioria das pessoas de minha geração e origem cristã. Fui estudante universitário no Rio de Janeiro entre 1961 e 1966. Durante os três primeiros anos o país e o mundo seriam em pouco tempo transformados pela oportuna associação histórica entre nossas idéias e ações, e a construção de um inevitável poder popular que tratávamos de descobrir e acender. Durante os dois últimos anos estivemos ocupados em pensar onde foi que erramos, ou onde uma história imediata simplesmente nos havia traído. Marx chegou-me diluído em textos e fragmentos de textos *sobre* e *através* dele, segundo os termos e limites com que um universitário e "militante cristão" podia submetê-lo a uma leitura profeticamente evangélica, mas nem por isto acreditada como menos radical e transformadora. Mais adiante deverei dizer que se dependesse de meus primeiros cursos e contactos *de* e *com* a Antropologia, eu jamais teria pensado seriamente em me dedicar a ela. Os primeiros antropólogos que li não me disseram nada. Eles pareciam estar tão na pré-história quanto os seus objetos de estudo, apresentados entre crânios e lascas de pedras, em anos de estudo onde as teorias políticas a respeito da *cultura popular* pareciam ser tudo o de que necessitávamos, mesmo quando apresentadas em um panfleto de CPC. Malinowski e outros de seu tamanho, eu os vim a conhecer muito mais tarde, primeiro por minha própria conta e risco, depois, nos estudos do mestrado em Antropologia Social, na Universidade de Brasília.

O certo é que muito antes deles e bastante mais importantes do que todas as minhas leituras escolares até então, os meus mais decisivos iniciadores nas ciências sociais foram outros três mortos: Julio Verne, Karl May e Edgard Rice Burroughs. Por dever de

justiça acrescento um quarto: Daniel Defoe do Robinson Crusoe. Mais do que a nenhum outro, devo ao Julio Verne da infância e da adolescência a realidade e o encantamento do mundo. A ciência dada na escola me aborrecia, mas a dele, mais fantástica e, por isso mesmo, mais verdadeira, me fascinava. Por exemplo, aprendi uma Amazônia sem vida e irreal no colégio; a que me fez ir um dia lá eu a li em *A Jangada*. Nos três volumes de Winettou, Karl May deu-me um primeiro índio humano. Li-o várias vezes com emoção e não duvido de que, anos mais tarde, a Antropologia apenas me tenha devolvido, com um mais fértil rigor e menos imaginação, o que já me houvera sido revelado. Tarzan foi a lógica da aventura. Me nino de Copacabana e, depois, da Gávea (uma rua entre matas e morros), li quase todos os seus livros, colecionei suas revistas, vi várias vezes os seus filmes e, com os amigos de rua, brinquei de ser ele, até quando as moças da vizinhança começaram a dizer que isso era ridículo. Estes e outros, próximos, foram os autores de minha primeira formação. De algum modo reconheço neles os primeiros meses aceitos por minha própria vontade. Eles sucediam as leituras costumeiras dos livros infantis. Ainda fui do tempo em que as tias reuniam os filhos e sobrinhos e liam, nas noites longas das férias, as histórias — estas sim, terríveis — dos livros "da Carochinha". Eles conspiravam contra aqueles que, antes e depois, fui obrigado a ler, seja por razões de dever escolar, seja por obrigações de "formação cristã". Eles antecederam leituras de mistério e detetive, assim como as "de sacanagem" que, confesso, nunca me atraíram do mesmo modo. Antecederam, também, as leituras de romances e contos mais sérios e consagrados que, felizmente, nunca li antes do tempo.

Porque não reconhecer neles, portanto, algumas origens de minhas tendências e evidentes limitações até hoje? Por exemplo, um gosto sempre maior pelas leituras e pelo trabalho de pesquisa de campo, em detrimento de estudos mais propriamente teóricos. O foco do olhar sobre mundos e culturas que vão do camponês ao indígena e evitam, quando podem, os homens e as questões da cidade moderna. Uma acentuada e, não raro, perigosa inclinação por uma "antropologia do consenso" contra uma "sociologia do conflito".

Mau estudante até os 18 anos, fui um leitor inveterado, mas não precocemente seletivo, é preciso insistir, desde quando aprendi a ler. Por isso mesmo, em meu caso pessoal é preciso abrir aqui um lugar para a leitura e, depois, para a prática da poesia, que

me acompanham sem tréguas desde pelo menos os meus 12 anos. Não está claro para mim se este é o lugar adequado e competente para falar sobre isto. Entre os meus muitos companheiros de universidade, não sei se às vésperas de sua Livre Docência algum físico terá confessado o seu pendor para a flauta, ou algum sociólogo a sua vocação para a pintura. Mas, uma vez mais, eu não saberia separar o meu saber e a minha escrita de literatura daquelas que, com mais rigor do que o que me tem acompanhado até aqui, eu deveria talvez julgar academicamente dignas de serem enumeradas nestas memórias. Isto porque eu comecei a pensar poeticamente o mundo muito antes de buscar compreendê-lo através de qualquer ciência e, quando se paro em mim as minhas falas, descubro que, bem ou mal, a da poesia ocupa o silêncio de todas as outras.

Pouco depois de abandonar, por volta dos 16 anos, aquela primeira leitura ingênua em que o mundo me era apresentado como heroísmo e aventura, comecei a ler e a estudar os primeiros poetas. Alguns deles me acompanham cotidianamente até hoje. Contra as leituras obrigatórias que hoje a memória esquece, meus primeiros livros de poesia foram também os meus primeiros estudos voluntários. Entre os brasileiros: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e, mais tarde, João Cabral de Melo Neto, até quando descobri em 1965 João Guimarães Rosa, que mudou o sentido e a fala de tudo à minha volta e foi, desde então, decisivo no meu desejo de ir viver um dia no Planalto Central. Entre os outros, primeiro Juan Jamon Jimenez e Federico Garcia Lorca, anos antes de Pablo Neruda e, mais ainda, de Saint-John Perse (uma leitura quase diária), T.S. Eliot e Rainer Maria Rilke.

Quando eu ainda era leitor costumeiro de Julio Verne e não conhecia Tolstoi, fui apresentado por meu pai à música sinfônica de que, tal como a poesia, nunca mais me afastei.

Durante os três anos de curso Clássico no Colégio Andrews, formei com um amigo pintor, Rubens Guershman e dois poetas, Armando de Freitas e Camargo Meyer, uma pequena roda inseparável de estudantes artistas. Se poucos anos mais tarde os envolvimento da militância estudantil deixariam em mim os compromissos com o estudo universitário em um franco segundo plano, entre 1958 e 1960 a acalorada questão da arte submeteria o tempo e o interesse pelos estudos da escola. Anos mais tarde, Armando de Freitas me apresentaria a Mario Chamie que, a partir de 1965, conquistaria a minha

nunca entusiasmada adesão à *Instauração Praxis*, um movimento de vanguarda literária de que participei até pelo menos 1971.

Quais terão sido, ainda antes da universidade, as minhas primeiras leituras de ciências sociais? Com menos interesse do que a Beethoven e a Mozart, meu pai apresentou-se a uma fração de biblioteca que havia herdado de seu pai. Meu avô havia sido engenheiro da Central do Brasil e nas horas vagas colecionava selos e livros. Via meu pai herdei uma coisa e a outra. Dei cedo fim aos selos, mas alguns livros antigos eu os tenho até hoje. O ramo paulista de meus ancestrais, inclusive meu pai, nascido em Mogi das Cruzes, era suficientemente ligado às suas tradições e histórias para submeter aos estudos sobre São Paulo qualquer outro, menos os da religião. Havia, por exemplo, uma pequena coleção de livros sobre "bandeirantismo", mas como os heróis em questão eram mais violentos, sérios e fracassados do que os de Julio Verne, nunca me atraíram muito a atenção. Porém foi com os livros desta biblioteca de capa dura que tomei os primeiros contactos com Oliveira Vianna, Gustavo Barroso, Nina Rodrigues e Saint-Hilaire. Li-os com respeito, mas sem ainda o entusiasmo que transforma a curiosidade em vocação. Dependesse deles e eu jamais teria chegado à Antropologia.

Memorial

1961 a 1969: os estudos de formação de 3º grau

1961/62, Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica (PUCRJ), Faculdade de Filosofia: dois anos de estudos do Curso de Filosofia. Desistência devida à incompatibilidade de horários com o curso de Formação de Psicólogos, em que ingressei em 1962 (doc. 13).

1962/65, Rio de Janeiro, PUCRJ; Faculdade de Filosofia: *Licenciando em Psicologia* após 04 anos de estudos no Curso de Formação de Psicólogos. (docs. 14 e 15) (Registro nº 368 fls. 18, Livro Faculdade de Filosofia da PUC/DEE 08 de agosto de 1967, Universidade do Brasil).

1963, Rio de Janeiro, PUCRJ, Centro Acadêmico de Psicologia: co-fundador e primeiro presidente (sem doc.).

1966, Pátzcuaro, México, Centro de Educación Fundamental para el Desarrollo de la Comunidad en America Latina (CREFAL/

- UNESCO): *Especialista em Educação de Adultos*, após cursar estudos por 08 meses dirigidos à Educação para o Desenvolvimento da Comunidade, como bolsista da OEA. (Docs. 16, 17 e 18).
- 1969 Rio de Janeiro, PUCRJ, Faculdade de Filosofia, *Psicólogo*, após conclusão tardia no Curso de Formação de Psicólogos, a realização de 680 horas de estágio supervisionado e a apresentação de trabalho de conclusão de curso. (Docs. 19, 20 e 21). (Registro nº 951, fls. 52 v. Livro nº 1, FF-PUC, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1971; registrado como psicólogo no Ministério da Educação sob nº 1951).
- 1961/65, Rio de Janeiro, PUCRJ, Ingresso na Juventude Universitária Católica, da Ação Católica; membro das equipes de Filosofia e, depois, de Psicologia; membro da Equipe de Coordenação do Estado da Guanabara (65) (sem doc.).

Minha Memória

Entre 1961 e 1966: o ingresso na universidade e no movimento estudantil; da Filosofia à Psicologia e da Psicologia à Educação Popular; entre o estudo e a militância; a descoberta da cultura através da cultura popular.

O ingresso na universidade, no movimento estudantil e nos movimentos de cultura popular mudou em poucos meses algumas de minhas idéias, preocupações e leituras. Dos três anos de curso clássico, afora o desencanto, já narrado aqui, com a desistência dos estudos de Engenharia Florestal, eu vinha de um período de descoberta da literatura e de uma vida em pouco tempo transitada de uma euforia carioca a um desejo de recolhimentos e profundidades. Sem ter quem me orientasse então, a não ser os colegas do grupo de poesia do Colégio Andrews, busquei por algum tempo e pela primeira vez, voluntariamente, autores e leituras do que então chamava: "sentido de vida". É sempre triste o momento em que Julio Verne já não sabe mais pronunciar as palavras necessárias. Devo tê-lo deixado com pesar em alguma floresta da África. As primeiras novas leituras foram depressa esquecidas. Eram mestres medianos de espiritualidade cristã e, poucos anos depois, entre os fervorosos companheiros militantes de Ação Católica eu não ousaria sequer pronunciar os seus

nomes. Mas um deles, não cristão, eu o li todo, várias vezes e muito embora não o tenha feito de novo desde muitos anos, tenho até hoje todos os seus livros. Não há de ser por mero acaso que elegi um piloto de aviões, herói de seus voos e livros: Antoine de Saint-Exupéry.

Mais do que em qualquer momento antes, na universidade fui de imediato intensamente influenciado por grupos de idéias e práticas cujas marcas trago comigo até hoje. Como creio haver dito aqui, ingressei no Curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em março de 1961 e no de Psicologia em 1962. Menos de um mês após meu primeiro ingresso na PUC, comecei a fazer parte da Juventude Universitária Católica e, através dela, envolvi-me ativamente com o que, então, denominávamos de *movimento estudantil*. Durante pelo menos os anos de 1961 e 62 estive mergulhado prioritariamente em questões ligadas à própria universidade e, mais ainda, à face estudantil da "luta pela reforma universitária". Assim, já no meu primeiro ano de estudos na PUC, fui a Curitiba participar de uma 1^ª Semana Nacional de Estudantes de Faculdades de Filosofia. Um certo pudor crítico me faz não incluir entre os documentos anexos uma cópia do que apresentei lá. Mas foram os recém-criados e efervescentes *movimentos de cultura popular* os que muito depressa atraíram, primeiro, o interesse de minha militância e, depois, o de minha vocação profissional. Após um estágio de um ano como monitor do Instituto de Psicologia da PUC, deixei-o e ingressei como estagiário e, depois, como técnico em educação do Movimento de Educação de Base (MEB), certamente o movimento de cultura popular de mais longa existência (até hoje está vivo, embora mal de saúde) e de mais criativa diferenciada experiência entre todos. Um prêmio internacional da UNESCO em pleno período agudo de repressão militar no país e pelo menos seis teses a seu respeito dão conta de sua dimensão.

Quase todas as gerações universitárias devem pensar a seu respeito o mesmo que a minha. Mas gostamos de acreditar que tivemos mais idéias, ações, mártires e histórias do que todas as outras. Tal como lembrei de passagem algumas páginas atrás, vivi, assim como outros tantos colegas de estudos e companheiros de "movimento", cerca de três anos e três meses acreditando que tudo o que havia de realmente importante em termos de crítica acertada da sociedade e de projeto de transformação de "suas estruturas", estava sendo realizado e seria consumado por não menos do que *nós* mesmos

e mais aqueles a quem havíamos recentemente descoberto: aqueles a quem — como mágicos que a tudo transformam com o poder de mudar os nomes — havíamos desde então chamado de "o povo brasileiro: aqueles a quem, finalmente, nos apressávamos a resgatar, através da dádiva de nossas próprias idéias investidas conscientizadamente sobre eles, entre as suas diferentes categorias de grupos e sujeitos. Sem se deixarem prender entre os ritmos lentos e armadilhas da "ciência burguesa", as pessoas "engajadas" de minha geração consideravam-se estudiosas — vivíamos intensamente entre reuniões de revisões, críticas e estudos; entre seminários e leituras — mas não intelectuais. De resto, a palavra era simplesmente detestável, até a vulgarização posterior das idéias de Gramsci. Havia um sentido cósmico e histórico no fluxo de tudo, e nós estávamos aos poucos descobrindo não apenas a chave do segredo de sua compreensão, como também os modos de atuar sobre o seu maquinismo. Entre os cristãos éramos não menos do que proféticos: em meio a cantos e estudos, redescobrimos o sentido revolucionário da idéia ali contida. Submetendo todas as leituras da arte e da ciência a um apressado pensamento derivado de Marx, mas subordinando-o, depois, a uma leitura redentoramente cristã, acreditávamos, com rara franqueza e entusiasmo (quem sabe, no sentido originalmente grego da palavra: *enthousiasmós* = condição da comunhão com o deus?) estar desvelando algo próximo à essência absoluta do sentido da dialética entre todas as coisas, com o simples dar novos significados a palavras costumeiras como: *homem, liberdade, processo, história e cultura*. Palavras às quais associamos, vezes seguidas, qualificadores ou substantivos que à fórmula obtida atribuissem um poder de deciframento e orientação do trabalho político, a meio caminho entre uma lógica científica fácil e irrefutável — todo o povo deveria ter acesso a ela — e a simples magia de sua própria força: *consciência histórica, cultura popular, processo revolucionário, ação transformadora*.

Muito mais do que cursos universitários, vivi estas palavras de que embriaguei a cabeça e o coração. Vivi os lugares entre corredores, passeatas, salões de seminários e salas de reuniões de equipes, onde elas eram, como fórmulas de ciência e prece, pronunciadas entre todos nós até serem acreditadas, de tanto haverem sido ditas.

Meu histórico escolar nega a realidade de um estudante por 04 anos descuidado, por vocação, das obrigações sérias do estudo

acadêmico. Fora as abomináveis matemáticas e estatísticas, eu me saía bem em todas as outras disciplinas. Fui convidado para ser monitor do IPA e, por duas vezes, uma em 1965 e outra em 1969, receberam-me com bolsas de pós-graduação nos Estados Unidos, começo de uma carreira possivelmente promissora. Devo dizer que desde pelo menos o meu 2º ano de curso descurei as questões de fundo sobre a psicologia do comportamento, em nome das questões de prática da conduta pastoral e política. Do mesmo modo, descrei cedo e irresponsavelmente das idéias de Freud sobre o inconsciente (como transformar o mundo acreditando nisto?) em nome dos achados da consciência e/ou da ideologia em Marx, no ISEE, nos escritos dos CPCs, em Paulo Freire, em Teilhard de Chardin e em Henrique da Lima Vaz. Se anos depois de havê-lo descoberto e aos seus heróis de ciência, com rara alegria, eu não podia mais ler os livros de Júlio Verne, agora simplesmente não precisava mais deles: os heróis eram outros: nossos autores eleitos e nós próprios. Que esta frase não pareça um recurso vazio de retórica. A memória me diz que vivíamos isto plenamente e nos sentíamos assim. Uma ingênua geração de narcisos mal armados, mas bela, por certo, como poucas.

Não é fácil descrever agora, com os olhos da memória, a divisão com que vivi os meus primeiros anos de vida universitária. Em primeiro lugar, pelo menos até ingressar profissionalmente no Movimento de Educação de Base, eu vivia *a* e *na* universidade. Esta hoje estranha substância que é o viver todas as horas do dia na experiência ativa do "ser universitário", estudante e militante, eu a realizei intensamente. Saía cedo de minha casa na Gávea — entre a montanha e a PUC — e voltava a ela em geral à noite. Participei de um bom curso de Psicologia. Ele foi o primeiro do país e guardava uma intenção de qualidade de que sou testemunha e vítima. Oscilava entre duas tendências que se relacionavam entre a aliança suspeita e o conflito aberto: a psicologia clínica e psicanalítica versus a psicologia experimental. Durante períodos de hegemonia "experimental", quando o poder da influência norte-americana era então absoluto, tínhamos um ano inteiro de estudos de matemática, dois de estatística (estudávamos estatística inferencial até um nível razoável) e mais dois de métodos e técnicas de pesquisa, para os que cumpriam, como a regra, os cinco anos de curso.

Mas esta face competente de estudos universitários conspirava contra a outra, a da "vida universitária". Ela que, empapada de trabalho pré-político e antevisões proféticas, conquistou-me por

inteiro. Ao contrário do Curso de Sociologia e do de Política, o meu parecia, a mim e aos outros, ser "individualista" e "alienado" demais para merecer-me. Não o deixei, no entanto, o que poderia ter sido um acerto em um tempo em que mudávamos de cursos e idéias com frequência e sem culpas. Tal como disse, cumpria com razoável eficácia o meu plano de estudos do curso e penso que fui um "monitor de Psicologia" sério e competente. Minha saída do IPA foi lamentada sem exageros, mas foi a partir deste momento, que antecedeu de dias o meu ingresso profissional em um Movimento de Cultura Popular, que uma vida de estudos e trabalhos — e suas divisões — tomou afinal o seu perfil.

Preciso lembrar que eu vinha de uma família de ancestrais paulistas ("o lado do pai") e gaúchos ("o lado da mãe") com alguns integralistas na ascendência paterna. Uma família rigorosamente católica de que meu pai seria um bom exemplo. Tal como no caso dos tempos da opção entre a Marinha e a Aeronáutica, as minhas escolhas presentes eram abertamente mal vistas. Primeiro porque, entre os mais práticos, "aquilo" não era "lugar de homens", em uma família burguesa de funcionários, engenheiros, médicos e oficiais. Segundo porque, ademais de inúteis, os redutos onde eu me metia compensavam malevolamente a sua inutilidade com a criação e a difusão, "entre os jovens", de idéias no mínimo "perigosas", seja para a plena ortodoxia da fé (quem, dizia-se, sai um bom cristão de um curso de Psicologia?) seja para a harmonia da ordem estabelecida (como ler Marx por obrigação discente ou militante e, depois, não se converter à vocação indecente de um devasso político "de esquerda"?). Meu duplo ingresso em um curso de ciências humanas e na Ação Católica — de que dois primos mais submissos aos desejos do clã haviam se retirado logo após os começos de sua "guinada para a esquerda" — provocou, desde 1961, momentos tensos e de quase ruptura entre o conselho de anciãos de minha parentela e um jovem a partir de então tido como irremediavelmente perdido.

Não fui, propriamente um estudante, um militante e, depois, um profissional produtivo. Mas estava sempre presente e, fora das salas de aulas, estive sempre ativo e entusiasmado. Escrevia pouco, mas o suficiente. Militei em diretórios, fundei o Centro de Psicologia de meu curso e fui o seu primeiro — improdutivo — presidente. Fiz cursos sobre a "realidade brasileira", participei de quase todos os debates político-estudantis de meu tempo no Rio de Janeiro. Acompanhei de perto os primeiros gestos de criação dos

movimentos de cultura popular. Fiz na União Metropolitana de Estudantes (no mesmo prédio da UNE) um curso de jornalismo e fui, por um ano e meio, repórter de seu jornal. Dava-me, sem dúvida, por inteiro e o sentido profeticamente cristão muitas vezes disto, orado e escrito entre reuniões e documentos da Juventude Católica, foi o fio da fê de todas as minhas experiências de então. Nunca estive nas reuniões de portas fechadas, entre os escolhidos da Ação Católica, dos diretórios, dos MCPs e, mais tarde, da Ação Popular, onde as decisões estudantis, políticas ou pastorais de tudo o que deveria ser feito, eram tomadas. Mas fui um participante sempre ativo dos seus desdobramentos.

Sou um dos primeiros a ler e a defender, entre colegas de psicologia "fechados para o social", o nosso: "Manifesto do DCE da PUC" que por meses foi assunto em todo o país. Participo de um curso promovido pelo "grupão" com o padre Henrique da Lima Vaz, de que pouco mais tarde sairá a Ação Popular. Nunca fui dela um militante "de ponta", mas acompanhei sua trajetória até depois de casado e professor, em Goiânia.

Vivíamos um tempo intenso de "descoberta da Cultura Popular" (escrita agora com maiúsculas). Pouco me lembro de meus livros das disciplinas dos cursos de Psicologia. Mas lia tudo o que podia entre os autores cristãos de "espiritualidade e militância", os documentos do ISEB e outros a respeito de "realidade brasileira", as folhas mimeografadas *de* e *sobre* Marx, os primeiros documentos nordestinos de Cultura Popular", os manifestos estudantis e, depois, dos MCPs e CPCs.

Os estudos do curso eram a fuga, mas também o pretexto para a participação legítima na "vida militante": o sentido de realidade e coerência de tudo. A partir de 1962 e, mais ainda, de 1963, envolvo-me de corpo e coração com a Cultura Popular. Tratava-se de resgatar com urgência "a cultura legítima de nosso povo"; tratava-se de fazê-lo subir aos seus negados lugares de direito, o palco e o leme do drama e do barco da história. Para tanto era missão nossa torná-lo finalmente consciente "de si mesmo, de seus valores" e, mais adiante, do seu lugar na condução das transformações sociais e da criação de uma nova sociedade. Frequento cursos no Rio de Janeiro *de* e *sobre* Paulo Freire, de quem, anos mais tarde, venho a me tornar amigo pessoal. Um convite recusado por um colega do curso de psicologia é estendido a mim e eu ingresso, entre fins de

1963 e 1964, no Movimento de Educação de Base na sua recém-criada Equipe de Animação Popular. Havia sido contratado a nada menos do que o Paraiso. Entreo o 3º e o 4º ano, meus quase 40 colegas de curso preparavam-se para ser bons psicólogos — os mais afoitos, psicanalistas — de minha parte o Brasil era ainda pouco para mim. Eu resgataria o homem do povo e transformaria com ele o mundo e a história.

Depois de um treinamento de formação de quadros em Garanhuns, no Sertão de Pernambucc, volto ao Rio de Janeiro como educador do MEB. Finalmente eu aliara a militância voluntária a um embrião de vida profissional. O embrião tornou-se um corpo, às vezes leve e amigo, às vezes pesado e estranho, que levo comigo até hoje; até agora. Pois em 1964, como tantos outros de minha geração, vindos das mais diversas áreas da universidade, eu era aquilo a que dávamos, entre os cristãos "de esquerda", o nome: "profissional engajado". Era um educador popular e queria negar, com sê-lo e viver a "prática da educação" como uma forma de *compromisso*, todos os outros, a começar pelos meus professores da PUC. Mais necessário e heróico do que os meus primeiros mestres de Antropologia Social, ainda no Rio de Janeiro, eis-me não apenas um sujeito da cultura, mas um ativo agente da Cultura Popular.

Muito mais no Movimento de Educação de Base do que na própria Ação Católica, ou na militância dos movimentos estudantis, aprendi depressa uma lição no entanto nunca inteiramente sabida. Aprendo a conviver, pela primeira vez, com sujeitos reais: as pessoas do campo no Nordeste, no Centro Oeste, a que até então dera o nome fácil e genérico de "povo". Com os companheiros de Animação Popular procuro, aos tateios, as palavras e as teorias que, anos mais tarde, me levariam por desvios que não os da universidade, acmestrado e à Antropologia Social. O MEB tratava de providenciar uma suposta sólida formação de seu quadro, dos monitores (camponeses educadores de nossas escolas radiofônicas) aos supervisores de educação. Éramos uma das poucas instituições que possuíam, fora da universidade, filósofos e cientistas sociais profissionalizados como tais. Entre nossos "documentos de estudo" havia textos a respeito de conscientização, escritos por Paul Landim, mas havia também uma das primeiras traduções de teorias então recentes da Antropologia, com um texto de Leslie White sobre cultura, que li e reli algumas vezes.

Já em minha primeira viagem ao campo, em Pernambuco, fiz algumas frágeis gravações de cantos e danças de camponeses do sertão. Foi o meu primeiro deslumbramento e cerca de 300 fitas gravadas pelo Brasil afora, evidenciam que não me curei dele. Repeti de imediato a experiência, ainda no Nordeste e, principalmente, em Goiás. Ora, durante um longo treinamento na Ilha de Itaparica, na Bahia, fomos a uma comunidade de pescadores e realizamos ali um primeiro "estudo de área". Ciência fácil e muito mais coerente e utilitariamente imediata do que os complicados testes de hipótese que eu aprendia no 3º e 4º anos da PUC, em 10 dias criamos um questionário, testamos itens, escolhemos uma comunidade, fizemos sua amostragem, aplicamos a pesquisa, tabulamos juntos "à mão", iniciamos uma "análise dos dados" e demos a tudo uma forma final. Olhada de lá, como avaliar a pesquisa e a ciência que nos ensinavam a fazer "aqui", na universidade e no Rio de Janeiro? Eu começava a pensar no desejo de abandonar uma e o outro e isto não demoraria muito tempo.

Pois os rigorosos psicólogos da PUC ("o que não se conta e não se testa, não se sabe e não se escreve") obrigavam-me a crer em números, testes de hipóteses e inferências; no rigor da neutralidade diante do outro, entre "cliente" e "objeto". Mas eis que, generosamente, os companheiros de Cultura Popular devolviam-me as pessoas vivas, suas casas barreadas e roupas sujas; o questionário aplicado entre xícaras de café e confidências, as confissões do desespero, os cantos de fé e festa nos confins dos sertões de Goiás. Criadores sérios e ardorosos de um novo saber "comprometido", eis-nos livres das "teorias dominantes" e inventores do resgate da ciência para o lado certo do homem e da história. Participantes, nem precisávamos ser rigorosos, como na PUC, pois já então éramos rigorosamente comprometidos.

Desgraçadamente importante para a vida do país, o ano de 1964 foi decisivo na tomada de rumos em minha vida. Em fevereiro de 1964 a polícia do Rio de Janeiro invadiu uma gráfica e apreendeu todos os exemplares da cartilha *Viver é Lutar*, recém-elaborada pelo pessoal do Movimento de Educação de Base. As ordens de apreensão haviam sido dadas pelo próprio governador, Carlos Lacerda e pouco depois de 1º de abril lembro-me de haver visto, entre o susto e a revolta, Flávio e Sandra Cavalcanti exibindo páginas, fotos e lendo trechos do livro de leitura dirigido a lavradores do Centro Oeste, do Nordeste e da Amazônia, como uma razão a mais para a

necessidade justificada da ação militar, já que "até a Igreja Católica estava invadida de agitadores comunistas".

Assim, o momento de minha decisão de tornar-me, com exclusividade, um educador popular e não um psicólogo de carreira, coincidiu exatamente com o início de um longo período de governo militar no país. Para todos nós começou um tempo cujas razões e efeitos são conhecidos de todos e, por isso, economizo detalhes. Mas também pelo temor de acabar sendo mais Julio Verne do que Durkheim no descrevê-los. Os primeiros companheiros foragidos ou presos; a rotina de enviar os mais ameaçados aos aeroportos, em busca de Santiago ou Paris; a PUC patrulhada; a Ação Católica e a Ação Popular sob bloqueio, tanto o dos militares quanto o dos setores mais conservadores da Igreja. Alguns anos após a minha saída da Juventude Universitária em 1965, ela seria definitivamente fechada. O Movimento de Educação de Base, tal como todos os outros MCPs e CPCs, posto sob imediata suspeita. Em alguns lugares as suas sedes invadidas, o material apreendido, as pessoas presas ou fugidas. Se o governo não o fecha de vez, é para não ampliar com a Igreja Católica áreas de conflito maiores do que as já então inevitáveis. Mas ele agoniza, porque depende de verbas do MEC e eu mesmo viajo ao Nordeste para reunir equipes estaduais e decidir cortes de pessoal. Vários profissionais resolvem continuar trabalhando como voluntários. Maria Alice Martins de Araújo, com quem casei em janeiro de 1966, é a coordenadora do MEB-Goiás, um dos mais criativos da história do movimento.

Por algum tempo abrandamos a ação política junto aos camponeses com quem o MEB trabalhava desde 1961. Trata-se agora de sobreviver, uma vez que em poucos dias, depois meses, descobrimos que as ações populares contra o "Golpe" não seriam efetivas. Nossas teorias do processo social tanto quanto nossas propostas da transformação de suas estruturas ruem aos nossos olhos depressa demais para acreditarmos que tudo aquilo pudesse ser verdade. Mas era pelo menos mais real do que os nomes e palavras em que acreditamos com tanto vigor desde pelo menos 1960.

Resolvo concluir meu curso de Psicologia como "licenciado" e não como "Psicólogo", o caminho natural de todos. Isto me abrevia os estudos em um ano, me desobriga de um trabalho impensável, naqueles meses, de conclusão de curso e, finalmente, me poupa de um estágio supervisionado em Psicologia Clínica, Industrial ou

Educacional, as escolhas possíveis, todas elas fora de minha realidade interior. Todas elas uma espécie de traição legítima a uma figura de mim que, contra tudo o que poderia parecer profissionalmente lógico, desenhei para ser e seguir, dali em diante.

Contra a vontade do próprio diretor do Instituto de Psicologia, o Pe. Antonius Benko, que me quis primeiro um jesuita e, depois, um psicólogo promissor da PUC, saio em busca anunciada de outros caminhos. Com Maria Alice, então minha noiva, procuro em Brasília a Eduardo Galvão e, no Museu Nacional, a Roberto Cardoso de Oliveira. Pensávamos fazer juntos algum curso de pós-graduação em uma área mais próxima à "questão da cultura", logo, mais imediatamente apta a instrumentalizar a nossa ingênua vocação de trabalho. Não havia então cursos ou condições em Brasília ou no Rio de Janeiro. Mas a conversa havida com Roberto Cardoso de Oliveira, pela primeira vez, uma visão generosamente convidativa da Antropologia Social, seriam lembradas anos mais tarde, quando me apresentei para o mestrado em Brasília.

Através do Movimento de Educação de Base, reprimido no Brasil, crescentemente reconhecido no exterior, recebemos, Maria Alice e eu, bolsas de estudo para um curso de especialização em Educação de Adultos junto a um instituto que a UNESCO matinha em Pátzcuaro, no México, entre terras altas e índios tarascos. Casamos em janeiro de 1966 e viajamos em fevereiro. Oito meses depois voltamos como especialistas em Educação para o Desenvolvimento de Comunidades.

Repito que minha decisão profissional foi única em minha turma e rara em meu curso, mas não entre outros, tão convertidos à idéia de uma ideologia de *compromisso e participação popular* quanto eu. Éramos, por razões próximas e entusiasmados históricos vizinhos, uma geração de transeuntes. Mais tarde viria a descobrir um dos motivos pelos quais eu me sinto tão a vontade entre antropólogos. Entre nós também somos uma pequena tribo de transeuntes e chegamos à Antropologia vindos dos lugares de profissão e sistemas de crenças os mais diversos. Uma mesma vaga, mas intensamente vivida "ideologia do compromisso" que, numa "frente única", unia "cristãos-e-comunistas", mais do que qualquer consequência científica aprofundada, nos aproximava e a todos fazia participantes de um mesmo difuso *projeto de vida* (expressão frequente naquele tempo). A ele subordinávamos as decisões de profissão e as vocações de estudo. Conviví com engenheiros que migraram de uma 4ª série

de estudos para uma 1ª de um curso de Sociologia. Vi filósofos migrarem em direção à Ciência Política e, dela, ao terreno bastante menos consagrado da Cultura Popular. Assisti odontólogos virando pedagogos, pedagogos tornando-se a pré-figuração do guerrilheiro possível, e guerrilheiros de curta carreira indo concluir em Paris um curso qualquer interrompido aqui. Sou parte desta história. Ela me afetou profundamente, marcou minha vida, minhas opções e, mais do que tudo, estabeleceu como rotina uma divisão de rumos que sempre acreditei que deveria ser efêmera na vida de qualquer profissional sensato.

Quando ingressei na universidade ainda escalava montanhas e vinha da felicidade de haver participado da conquista de um "paredão" célebre e difícil. Tentei levar aos campos e montanhas de perto os amigos de JUC. Consegui poucas e provisórias adesões. Foram eles os que me converteram às ruas de passeatas e salas de reuniões. Não deixei a poesia que, repito mil vezes, me acompanha até hoje todos os dias. Depois de 1948 e, principalmente, de 1968, alguns amigos meus abandonaram a mania ou a vocação do *compromisso* e profissionalmente enveredaram por uma vida digna, entre a carreira e a ciência. Outros saíram exilados e alguns voltariam apenas 16 anos depois. Outros, os mais afoitos, ensaiariam exercícios de resistência ativa, depois, clandestina e armada. Aos fragmentos misturei essas vidas todas na minha.

Um exemplo disto e, com ele, antecede a narrativa de anos próximos. Em 1968 saio de Brasília e venho para Goiânia, aprovado em concurso público da Universidade Federal de Goiás. Leciono lá, na Universidade de Brasília e na Universidade Católica de Goiás. Prossigo envolvido com a Instauração Praxis de poesia. Faço ensaios de primeiras pesquisas docentes, concluo um esquecível Mestrado em Comunicação na UnB, participo de reuniões de ação política, com apenas outros dois professores da UFG marcho em uma reprimida passeata em Goiânia. Abro minha casa a companheiros de AP que, agora clandestinos e com sonoros "nomes frios", dormem em minha cama em busca de camponeses e guerrilheiros entre o Araguaia e o Tocantins. Às vezes, lembro-me agora, deixo por um momento um livro americano de Psicologia Social, cujas idéias estranhas ao meu mundo com custo traduzo e decifro, para datilografar em stêncils páginas de texto de Mao Tsé Tung que, traduzidos (agora com facilidade e um certo ar cúmplice) do Espanhol, por mim e por Maria Alice, seriam levados por eles "ao Norte".

Memorial

1961 a 1966: outros cursos, estudos e atividades

- 1961 Rio de Janeiro, Diretório Central dos Estudantes da PUC/RJ, participante do curso sobre Realidade Brasileira (doc. 22).
- 1964 Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia Clínica, Educacional e Profissional, participação em curso sobre o Psicodiagnóstico de Koch (doc. 23).
- 1963 Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia da PUCRJ, monitor de Psicologia (doc. 24).
- 1963/66, Rio de Janeiro, Movimento de Educação de Base: estagiário e depois técnico de educação contratado para a equipe de animação popular; primeiro trabalho efetivamente profissional, com participação em cursos e treinamentos, em programas de supervisão no Nordeste e no Centro Oeste; elaboração de pequenos documentos de trabalho interno; primeiras experiências de levantamentos e pesquisas (sem documento, mas a carteira profissional pode ser consultada, se necessário).
- 1966 Pátzcuaro, Michoacan, México, CREFAL: palestra sobre a alfabetização como cooperação internacional, no dia internacional da alfabetização (doc. 25).
- 1966 Pátzcuaro, México, CREFAL: membro da equipe de redação do documento final do seminário de conclusão do programa de estudos da turma de 1966 (doc. 26).
- 1966, São Paulo, UNESCO, SESP, SESI: participação, como delegado, do 1º Seminário de Alfabetização de Adultos (doc. 27).
- 1966, Pátzcuaro, México, CREFAL: publicação, como documento interno, de meu estudo: *El Método Paulo Freire para la Alfabetización de Adultos*, Deptº de Alfabetización, mimeo. São os primeiros escritos sobre Paulo Freire feitos lá (doc. 28).
- 1966, São Paulo, Praxis: publicação de *Quatro poemas*, nº 5, anos 4 e 5, p. 20 a 25 (doc. 29).

Minha Memória

Afinal, o que é que li durante este tempo todo? Em que pensava? Devo haver dito mais de uma vez que não foram os livros dos cursos universitários os que li com mais empenho e os que me marcaram mais intensamente. Entre as possíveis opções de meu curso, escolhi as mais próximas da Psicologia Social. Durante todos aqueles anos, a Psicologia Social e todas as áreas limitrofes ou derivadas eram um pleno domínio do pensamento norte-americano. Um neo-positivismo tomava então conta de quase todas as teorias, deixando a salvo apenas as mais associadas à psicanálise, de quem nunca me aproximei com muita familiaridade, ou as que, então, vieram a fazer fronteira com as ciências sociais, notadamente a Antropologia, na tendência de Cultura e Personalidade que, poucos anos mais tarde, seria a minha ponte no trajeto entre a Psicologia e a própria Antropologia. Eu estudava livros e artigos de meu curso por obrigação e dava mais atenção apenas aos autores e idéias que me pareciam mais próximos das leituras paralelas — mas, em meu caso, nucleares — de "análise da realidade", de formação militante e de Cultura Popular.

Foi neste contexto de ação entusiasta, que em todos justificava a prática do estudo imediato, fragmentado, cujo teor de idéias apenas respondesse às questões do momento, que tive contacto com leituras de ciências sociais e, pouco a pouco, com o marxismo. Ele nos servia coletivamente a um aprendizado de "leitura da realidade", mas apenas a poucos sugeriu uma sequência de leituras e estudos das obras diretas e fundamentais da teoria marxista. Para mim, este primeiro marxismo era o de apostilas, de traduções ligeiras de suas aplicações à "análise da realidade brasileira", ou de suas interpretações segundo os autores cristãos abertos a Marx, como Jean Yves-Calvez, que nos influenciou bastante. Documentos de estudos entre os da UNE, os da Ação Católica e os de outras instituições estudantis, foram a minha leitura primeira de aprendizado de análise social. Não me lembro de haver lido mais do que um ou dois livros de Sociologia completos durante todos os meus anos de Psicologia. Mais tarde eles seriam substituídos pelos estudos de questões de *cultura* e de *Cultura Popular*, vindos da equipe de Paulo Freire, dos MCPs e dos CPCs, especialmente do programa de estudos do pessoal do Movimento de Educação de Base. Muitos anos mais tarde organizei, juntamente com Osmar Fávero, que fora meu coordenador no MEB, uma coletânea de textos

de base dos anos 60, relativos à Cultura e à Educação Popular. Anexo-os ao rol de livros e documentos aqui apresentados porque eles são o melhor espelho de uma de minhas trilhas de leituras e idéias até chegar à Antropologia. Um deles, sobre Animação Popular, foi então escrito por mim para o MEB e aparece anonimamente no livro (doc. 28 b).

Uma nova trinca de autores teve uma influência duradoura em minha formação. Representantes franceses de um cristianismo próximo às nossas opções e aos limites de uma eufórica visão científica cristã de meu tempo de universidade, eles marcaram toda a minha geração: o Pe. Lebreton, especialmente do *Manifesto por uma Civilização Soliária*, Emmanuel Mounier (um primeiro embrião moderno de um socialismo cristão) e, muito mais do que todos, Pierre Teilhard de Chardin, cuja obra completa comprei quando ainda estudante (meses de salário magro do MEB para pagá-la), li toda e tenho comigo até hoje. Era a partir deles que as idéias então acusadas — à direita e à esquerda — de hegelianas, do padre Henrique de Lima Vaz, faziam sentido. Era também pelo filtro fertilmente legitimador delas que podia ser explicada a presença de Marx e Lenin em *A Pedagogia da Opressão*, depois de *Educação como Prática da Liberdade*, de Paulo Freire.

Não saberia dizer porque estranhos sentimentos e razões te-rei procurado, entre os últimos anos de meu curso, algumas disciplinas optativas de Antropologia no curso de Sociologia. Assim, entre cadeiras de Laboratório, Psicologia Geral e Experimental II, Psicologia Profunda, Psicologia Geral e Experimental V e Metafísica, fiz o curso de Antropologia Cultural durante o 2º semestre de 1964. No 1º semestre do ano seguinte o meu histórico escolar haveria de ver colocadas juntas: Psicologia Escolar e outras disciplinas onde a Psicologia faz fronteira com a Educação (esforço em vão para tirar do curso de Formação de Psicólogos o possível para o meu conhecimento de educador popular), Técnica de Exame Psicológico IV e, optativa, Sociologia da Literatura, com Luis Costa Lima. Mas qual a lógica pela qual, em meu último semestre de curso, aquele em que os colegas de turma dedicam quase todo o tempo ao estágio supervisionado e às disciplinas profissionalizantes, eu combinei o curso de Conceito de Liberdade com o de Psicodinâmica da Família e (sic!) o de Antropologia Física.

Do desencanto sofrido com minhas primeiras incursões na área, levei tempo para me curar. O novo sistema de créditos da universidade facultava escolhas dentro e fora da própria área de formação. As escolhas dos semestres finais de curso, revelam não tanto minhas incertezas, mas a pura e simples inadequação entre o que eu desejava estudar e saber, desde o lugar discente e profissional em que me encontrava, e as alternativas reais do estudo oficial. Penso que sou bem um exemplo de "dupla jornada de estudos". Fazia na PUC os cursos possíveis, não mais para ser o psicólogo de que já houvera desistido desde o ingresso no MEE, mas para qualificar-me profissionalmente para um campo de trabalho que simplesmente não existia ainda, tal como eu o imaginava. Na Ação Católica e no Movimento de Educação de Base, tanto quanto em outros momentos e espaços esparsos e liminares à universidade, eu produzia a minha formação entre a educação e a cultura popular. De outra parte, no interior de meu curso buscava reproduzir tal formação, combinando ecleticamente disciplinas com as relacionadas aqui: Antropologia Cultural, Conceito de Liberdade, Metafísica, Psicologia Escolar e Sociologia da Literatura.

Seria preciso iludir-me e me ocultar dos outros mais do que uma medida justa, para esconder a evidência de que tal "dupla jornada" me acompanha até hoje.

Memorial

1967 a 1968: México e Brasil, Brasília e Goiânia

- 1967, Recife, SUDENE: conferencista e debatedor no Seminário sobre Educação e Desenvolvimento (doc. 29).
- 1967/68, Brasília, Instituto Brasileiro de Reforma Agrária, Delegacia Regional de Brasília, Setor de Promoção Agrária: técnico em educação e, depois, coordenador para assuntos de desenvolvimento de comunidades (docs. 30, 31 e 32).
- 1967, Rio de Janeiro: *O Operário Faz*, poema praxis incluído na Antologia dos poetas brasileiros — poesia da fase moderna — organizada por Manuel Bandeira e Waldir Ayala ; Edições de Ouro, p. 271 e 272 (doc. 33).
- 1967, Brasília, Universidade de Brasília: contratado a partir de agosto como professor Adjunto II (TP 20) para a Faculdade de Educação, onde eu lecionaria a cadeira de Filoso

- fia da Educação em 3 semestres seguintes e seria coordenador de um pequeno curso de extensão sobre problemas psicossociais da escola (docs. 34 e 35).
- 1967, Goiânia, Legião Brasileira de Assistência: analista de investigação sobre "condições socioeconômicas de três zonas escolhidas como futuras áreas de ação da LBA" e coordenador de cursos de preparação de trabalhos de base (doc. 36).
- 1967, Goiânia, Universidade de Goiás, Faculdade de Serviço Social: coordenação de curso sobre "programação do processo operativo" para alunos do 3º ano (16 hs.) (doc. 37).
- 1967, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Filosofia: 2º colocado em concurso público para a cadeira de Sociologia do Conhecimento (o 1º colocado foi o próprio reitor da universidade) (doc. 38).
- 1967, Anápolis, Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão: participação, como professor da UnB, em uma Iª Jornada de Educação (doc. 39).
- 1967, Rio de Janeiro, IBRA: apresentação e aprovação de meu documento sobre: *A Capacitação de Pessoal e a Educação de Adultos em Distos de Colonização Vinculados à Reforma Agrária*, no 1º Encontro Nacional sobre Ocupação do Território (doc. 40).
- 1968, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Filosofia, 1º colocado em concurso público para a cadeira de Psicologia Social (doc. 41).
- 1968, Brasília, Universidade de Brasília, Faculdade de Educação: Mestrado em Comunicação, com apresentação da dissertação: *A Distorção da Comunicação Oral Verbalmente Transmitida*. Banca: Dr. Eugênio Malanga, Dr. Clóvis Stenzel e D. Godeardo Baquero Miguel; menção: *plenamente* (doc. 42 e 43).
- 1968, Goiânia, publicação do artigo: "Comunicação e Informação - o problema da cultura de massa"; Província de Goyás, ano II, nº 1, set., p. 27 a 33 (doc. 44).
- 1968, Brasília, "Algumas reflexões sobre o sentido de permanência na educação de adultos", artigo publicado na *Revista*

- de Assuntos Educacionais da Faculdade de Educação da UnB, ano II, jun., p. 58 a 60 (doc. 45).
- 1968, Goiânia, Editora da Universidade Federal de Goiás: publicação de *Mão de Obra*, poema praxis; meu primeiro livro de literatura (doc. 46).
- 1968, Goiânia, Universidade Católica de Goiás, Faculdade de Serviço Social: conferência sobre o aspecto social do desenvolvimento (sem doc.).
- 1968, Goiânia, Secretaria de Educação: conferência sobre Organização de comunidades educativas, durante o Encontro Regional de Diretores de Estabelecimentos de Ensino Médio (doc. 47).
- 1968, Brasília, Universidade de Brasília: participação no Iº Encontro de Professores de Comunicação (doc. 48).

Situação e experiência profissional docente no período

- 1967/68, Brasília, UnB, Faculdade de Educação: professor Adjunto II (TP 20), com 3 semestres de magistério. (sem doc.).
- 1968/72, Universidade Católica de Goiás, faculdade de Serviço Social, de Filosofia e de Arquitetura: professor regente em cursos sequentes e salteados, com foco em Psicologia Social e da Comunicação, Aconselhamento Psicológico e Sociologia da Comunicação. (doc. 49).
- 1968/78, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Filosofia, depois, Instituto de Ciências Humanas e Letras e Faculdade de Educação, depois, apenas o ICHL e mais o Museu Antropológico: professor regente, auxiliar de ensino, professor assistente e, afinal, titular em Regime de Dedicção Exclusiva; pesquisador do Museu Antropológico. Licença para estudos no Rio de Janeiro em 1969 e para estudos de pós-graduação em Brasília entre agosto de 1972 e dezembro de 1973. Fora isto, uma média de 2 a 3 cursos por semestre, uma pequena infinidade de comissões — de que relaciono apenas algumas mais importantes — e algumas indesejadas chefias. (Docs. 50 e 51).
- 1968, UFG, Faculdade de Filosofia: comissão para organização e planejamento do curso de Orientadores Educacionais (doc. 52).

- 1968, UFG, Faculdade de Filosofia: Comissão para a adaptação da estrutura curricular e funcional da Faculdade de Educação ao plano de reestruturação da universidade (doc. 53).
- 1968, UFG, Departamento de Ciências Sociais: comissão para a elaboração e execução do Projeto Nerópolis de Comunidade, no âmbito do departamento (doc. 54).
- 1968 UFG, Departamento de Ciências Sociais: comissão para estudos de implantação do Setor de Pesquisas interdisciplinares de Ciências Sociais (presidente) (doc. 55).
- 1968, UFG, Faculdade de Filosofia: comissão para a elaboração do currículo do curso de Jornalismo (doc. 56)
- 1968, Rio de Janeiro, Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais: colaborador para exame de projetos na área de Goiás (entre 1968 e 1974, com intensidade decrescente) (doc. 57).

Minha Memória

de 1966 a 1968: do Rio de Janeiro ao México, a Brasília e a Goiânia; da Psicologia à Educação Popular e de lá à busca da Antropologia; as primeiras experiências plenamente profissionais; o regresso na universidade; em busca da "fala da tribo"

Entre janeiro e outubro de 1966 eu me caso (bodas de prata no horizonte), faço a minha primeira viagem de estudos fora do Brasil, deslocco o eixo do lugar da vida do Rio de Janeiro (após 26 anos lá) para o Centro Oeste e vario provisoriamente o da vocação profissional da Psicologia para a Educação.

O curso de oito meses que fiz no Centro de Educação Fundamental para o Desenvolvimento da Comunidade na América Latina (CREFAL), como bolsista da OEA, valeu pelo distanciamento, não pelos estudos. Em um instituto da UNESCO no México aberto a estudantes de nível superior, ou não, de todos os países do continente, vindos de quase todas as áreas de especialização anterior, tive colegas engenheiros e médicos, educadores e sociólogos. Ele não poderia deixar de nivelar, por uma média medíocre, o nível de seus cursos. Seu objetivo não era o de produzir uma teoria a respeito de questões como o desenvolvimento social, a transformação de estruturas do jogo das relações entre classes, ou mesmo as questões

de cultura e educação nas práticas de ação comunitária. Era mais o de transferir a uma linguagem própria à América Latina, as idéias oficiais de educação veiculadas pela UNESCO, e de organização-e-desenvolvimento-de-comunidades patrocinadas pela ONU a partir de 1945. Ao lado disto, as disciplinas do curso enfatizam o ensino de técnicas apropriadas a um "trabalho popular", de que a alfabetização, a pesquisa e o planejamento da ação sobre comunidades ocupavam os lugares-chave. Sem haver proporcionado um *corpus* teórico para a análise e a compreensão dos sistemas de sociedade e cultura sobre os quais incentivava uma moderada ação desenvolvimentista e transformadora, o CREFAL tampouco conseguia ser um local de criação de soluções aplicadas das ciências próximas, como a Psicologia Social, a Sociologia do Desenvolvimento ou a Antropologia Cultural. Por isso mesmo, as próprias disciplinas teóricas dos cursos eram pouco mais do que um receituário. Textos prontos mimeografados de antemão, facilmente digeríveis em Cuba e em Honduras e apenas pretensamente atualizados, eram, na verdade, toda a leitura indicada. Em Sociologia um dos limites das idéias era Gino Germani e, em Antropologia, George Foster.

Mas fazia parte do programa de estudos um período de um mês inteiro dedicado a "visitas a projetos de educação e desenvolvimento" espalhados de Norte a Sul pelo México. Dentre os 66 estudantes do CREFAL apenas 7 escolheram acompanhar uma antropóloga sueca ao território indígena do projeto mais precário e, sob todos os pontos de vista, menos tentador entre os sugeridos: um estágio breve no Instituto Nacional Indigenista junto a comunidades das serras dos estados de Guerrero e Oaxaca; a região árida da Mixteca-Nahua-Tlapaneca. O tempo de viagens e estágios entre os indígenas da região foi intensamente vivido e, depois, guardado na memória como uma experiência densa e de efeito durador. Nada vimos, Maria Alice, eu e meus colegas de viagem que, como sempre se espera no México, oscilasse entre o heróico (a história) e o pitoresco (a cultura). Não haveria zona menos turística do que aquela e, soubemos depois, mesmo aos antropólogos de carreira, ela não era uma das mais sugestivas. Convivemos com a substância cotidiana da mais corriqueira vida humana, logo, com a matéria mais verdadeira da própria Antropologia. Pelo tempo em que viajamos não vimos nem vivemos festas. Nas aldeias por onde andamos não nos ofereceram ritos reais ou rituais de improviso. Transitamos entre uma gente ativa, pobre e espoliada, empurrada vários séculos de

suas terras planas para as montanhas e, depois, dos vãos das montanhas para os seus cumes, onde o milho nasce a custo e muitas espigas mal alimentam uma pequena família. Já antes, em Pátzcuaro, nos intervalos diários e semanais do curso, Maria Alice e eu convivemos sempre que possível com os pequenos "pueblitos" ao longo das margens do grande lago. Durante a magra única semana de férias um amigo do Norte do país nos convocou a conhecer sua casa, a família e a região. Estivemos por um par de dias entre camponeses das zonas áridas do deserto. Juntas as três situações, elas foram o meu aprendizado no México. Foram o reforço de uma vocação que eu pressentia no ar, sem saber onde a encontraria. Anos mais tarde uma sequência de poemas de *Diário de Campo*, dedicada à memória da Meseta Tarasca, estabeleceria a fala desse encontro inapagável em mim.

Mas enquanto amigos queridos de minha universidade e geração, como Otávio Velho, encontravam no Museu Nacional, ou no exterior, rumos mais certos para reinventar como ciência o pequeno fragor de suas incertezas, os meus rumos continuaram a ser bastante mais tortuosos. Não é difícil suspeitar deste relato que, se a partir de 1961 e, com mais ênfase, a partir de 63/64, a questão da cultura surgia para mim como uma fala ideologicamente política e uma ação ... *popular*, eis que a partir de 66, no México, uma Antropologia que reencontro começa a me aparecer *aplicada*. Pois não se tratava em absoluto de buscar o desvelamento, com os recursos da Antropologia, do obscuro sentido *das* culturas e *da* cultura. Durkheim e Lévi-Strauss, Radcliffe-Brown e Leach, Sahlins e Geertz seriam, ali, a essência do inútil. Porque, subordinando as questões reais da cultura a vagas suposições a respeito de condições sociais e ações culturais a serem, aos tateios, realizados sobre "comunidades subdesenvolvidas", "marginalizadas", etc. era o lastimável episódio de seu já pré-determinado acontecimento na sociedade de classes, aquilo que era preciso, em primeiro lugar, explicar como fala, mesmo sem compreender como idéia. Em segundo lugar, era "aquilo" que, sob determinadas condições conjunturais acontece mais ou menos da mesma maneira por toda a parte, o que nos cabia como tarefa transformar, usando para tanto meios, métodos, procedimentos e poderes cujos segredos estavam mais nos manuais confiáveis do que no próprio curso da cultura e da história.

Outros, mais políticos, mais "de base" — economistas, médicos, sanitaristas e legisladores — o fariam em seus próprios se-

tores de atuação. Revolucionários, como nos CPCs, ou simplesmente técnicos aplicados, como no CREFAL, mas os mais mágicos entre todos os outros, nós, educadores populares, agentes de comunidade ou promotores de cultura (os termos são todos usuais na época), o faríamos a partir dela própria: a cultura. Dos movimentos de cultura brasileiros levamos, Maria Alice e eu, algumas idéias desafiadoras que ajudaram, pelo menos em 1966, a sacudir em parte o marasmo dos cursos do CREFAL. Contamos para isto com outros cúmplices. Mas tanto lá quanto aqui não havia mais do que diferenças de estilo e ritmo nas diversas concepções sobre questões da cultura, que, tanto aqui quanto lá, simplificamos absurdamente para que a sua síntese, mais do que verdadeira ou explicativa, fosse sonora e motivante.

Ei-la: 1º- sabedores subalternos dos verdadeiros valores da cultura popular de que são parte e que, espelho invertido da "dominante", os oprime por falta de sentido e excesso de controle simbólico, os nossos sujeitos da história viviam fora dela, habitavam um mundo de mentira que os iludia a verdade de sua própria condição e realizavam, como uma "cultura alienada", a realidade simbólica de seu próprio engano: 2º- uma ação cultural científica e politicamente consequente deveria tomar tal cultura popular (o folclore de um povo sem poder e sem história reconhecida) e transformá-la em uma cultura de classe, recriada pelos mesmos agentes, mas agora migrados de meros sujeitos econômicos em sujeitos políticos e, portanto, capazes de experimentar e reinventar os seus valores e símbolos como a transparência de sua própria condição; 3º- mais à esquerda, esta é uma tarefa política realizada como e através da cultura, a que nos acostumamos a dar o nome redundante de Cultura Popular; mais à direita (como nos ensinamentos oficiais do CREFAL), isto seria tarefa de projetos de ação cultural, onde os limites de uma correspondente "transformação de estruturas" eram os das relações de condutas, valores e relações internas a cada comunidade "atingida". Sobre tais diferenças vivi anos de discussões, no Brasil e fora daqui, sem que por muito tempo isto tenha sugerido a necessidade de um conhecimento não apenas "mais profundo", mas qualitativamente diverso e, sob certos aspectos, até mesmo oposto àquele que nos parecia solidamente verdadeiro, de tanto havermos resolvido acreditar nele.

O retorno ao Brasil em fins de 1966 foi o início de uma nova etapa de vida e tudo aconteceu muito depressa. Deixamos final-

mente o MEB, porque a continuidade nele nos obrigaria a permanecer na "equipe nacional" e no Rio de Janeiro, uma e outro distanciados demais de uma prática entre *sertões* e *bases* pela qual eu definitivamente ansiava. Pelas mãos de coordenadores e amigos do MEB, antes de nós migrados dele para o então Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA), Maria Alice e eu acabamos contratados para trabalhar na Coordenação de Organização Comunitária do Distrito de Colonização Alexandre de Gusmão, há cerca de uma hora de Brasília. Em que eu me traía? No que eu me descobria, ao ter que finalmente me defrontar com a realidade da vida, fora do círculo de símbolos e proteção da Igreja e da *communitas* de companheiros de crença e militância? Pois eis-me em poucos anos mudado de militante em profissional e de profissional em funcionário. E funcionário "técnico" de uma instituição crítica (o IBRA dividia com o INDA a herança da SUPRA) com projetos de atuação modelar em uma área difícil, sob olhar vizinho do próprio poder. Estávamos, diziam os nossos superiores quando nos queriam sugerir prudência, "no quintal do governo" e isto em 1967. Pela primeira vez depois de muitos anos, e apenas por algum tempo, eu não era mais "estudante", esta categoria que os anos 60 tornaram mais heróica do que nunca, ou de que eu me investira para justificar de antemão tudo o mais que viesse a ser. Era agora um profissional pago para trabalhar 40 horas por semana. Trabalhei no IBRA quase o dobro disso. Saído do ninho acolhedor da militância eu me via agora em um lugar de trabalho onde quase todas as minhas idéias e os meus sonhos do passado (do presente) eram desconfiados sem tréguas; onde qualquer teoria era definida como uma perigosa perda de tempo, pois para compreender a *realidade* basta conhecer as regras jurídicas e, não, as sociais, e para fazer o trabalho devido basta utilizar estratégias e técnicas que imponham condutas e relações e, não, criar relações que gerem a mudança.

Não me foi fácil o aprendizado do conviver com um tempo e um lugar onde a minha fala passou a ser auto-vigiada e as minhas idéias (compartidas com Maria Alice, com um outro casal igualmente vindo do MEB e com mais dois ou três pessoas do IBRA), eram esquivadas às escondidas e circuladas com cuidados. E foi por haver pronunciado gestos indevidos que fomos punidos pela primeira vez. Ao descobrirmos a falácia de um falso projeto de colonização que usava lavradores e suas famílias para impor um modelo autoritário de reforma agrária, Maria Alice, eu e o casal de amigos, tomamos o

lado deles e passamos a denunciar entre eles previsões e fatos que, de resto, já lhes eram conhecidos. Fomos denunciados na Delegacia Regional do IBRA como agitadores e, em pouco tempo, fomos retirados do Distrito. Um agrônomo nos abrigou junto à sua coordenação em Brasília e devemos a ele não havermos sido despedidos do IBRA, em tempos em que isto e punições maiores eram atos e assuntos de todos os dias. A história dá voltas estranhas quando se realiza na biografia das pessoas. Passei de punido a promovido e, pouco tempo depois, era coordenador de desenvolvimento comunitário do Setor Técnico de Promoção Agrária. Foi por aí que estabeleci os meus primeiros contactos para trabalhos profissionais em Goiás, onde vivi depois 8 anos. Começamos uma experiência de pesquisas de condições de vida e trabalho, para efeitos de criação de "áreas de demonstração de reforma agrária". Nada se demonstrou e nada se fez, a não ser a repetição burocrática de uma rotina que nos relatórios enviados aos chefes sempre parece traduzir que o necessário está sendo feito e que os seus resultados serão, como sempre, os desejados e previstos. Tive, no entanto, a sorte de ter por algum tempo um chefe que não se iludia e nem a nós. Onde andará ele agora?

Nunca saberei, por outro lado, o que aconteceu para que, justamente no pequeno período ameaçador e tumultuado de minha saída do Distrito de Colonização, eu tenha resolvido iniciar a minha carreira de professor universitário. Sempre que podia, aproveitava as situações favoráveis de meus trabalhos impostos para exercitar pequenas pesquisas de campo. A implantação da rede de escolas no Distrito de Colonização foi o ensejo para realizar um levantamento prévio sobre as condições de escolaridade entre os lavradores-parceleiros do projeto. Mais adiante, a implantação apressada das "áreas de demonstração" eu a consegui fazer ser antecedida de uma pesquisa cujo questionário, totalmente ideado por mim, era, confesso, um criativo exagero. Ele possuía 14 páginas e um número opressor de perguntas para qualquer família camponesa de Goiás. Mas pelo menos em duas áreas levei este levantamento prévio até o fim. Um dia de julho coloquei numa pasta um curriculum vitae de duas folhas — sempre os mais honestos de toda uma carreira — e me apresentei diante da diretora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Sugerí a ela a implantação de alguma disciplina ligada à Educação de Adultos (a expressão "educação popular" havia então sido banida do país com Paulo Freire). Ela precisava

de um professor de Filosofia da Educação. Convenci-me e a ela, de que a diferença entre minha proposta e sua carência era mínima. No dia 6 de agosto estava contratado como professor adjunto e, uma semana depois, sem qualquer estágio antecedente e sem qualquer conhecimento na UnB, comecei a lecionar o meu primeiro curso em uma universidade.

Mais até do que no IBRA, havia no que sobrara da UnB um clima visível de mediocridade, desconfiança e medo. Assisti invasões militares com uma desnecessária violência pelo menos em três ocasiões. Aproximei-me apenas de alguns poucos professores e foi com meus alunos que repartí o melhor de minhas 20 horas semanais do início da carreira docente que, no ano passado, completou por sua vez 20 anos.

O IBRA me desobrigava de estudos até mesmo para os meus primeiros exercícios de pesquisa de campo. Aprendi ali como o trabalho falsamente técnico da imensa maior parte de nossas circunscricões burocráticas, conspira contra o tempo dedicado ao estudo e à teoria, para não ter que se defrontar com a demonstração de sua própria ativa mediocridade. Tentei em minha pequena coordenação impor um programa semanal de leituras e estudos coletivos. Durou pouco tempo, porque não se estuda em livros, mas em contextos onde eles fazem sentido e, ali, o que menos havia era exatamente isso.

Mas voltei a estudar e com um renomado entusiasmo, para os meus cursos na UnB. Devo isto a meus alunos, mais do que eles qualquer coisa a mim. Comecei retomando os meus textos dos tempos dos MCPs e depressa descobri que havia outras idéias sobre educação no ar e que mesmo das antigas eu havia ficado apenas com a casca. Mas estudei também por outras razões.

Menino e adolescente rebelde, ardoroso de ser livre, desde os tempos de PUC no Rio de Janeiro, muito menos no curso de Psicologia do que nos redutos da Ação Católica e do movimento estudantil, eu aprendera a obedecer. Aprendera a submeter às necessidades do grupo, do movimento, da "causa", enfim, a minha própria irrequieta vontade. Cumpria tarefas e realizava aquilo que havíamos de comum acordo decidido, na parte, às vezes não desejada, que tocava a mim. Na experiência do IBRA uma vez mais, fora do lugar simbólico da fidelidade interiormente justificada, realizei outra vez a comedida desobediência. Mas na universidade, agora docente,

profissional remunerado, eis que me esperavam outras razões para obedecer... e transgredir. Ora, a todos nós foi-nos imposto na UnB o fazer um mestrado interno em alguma das unidades da universidade que não aquela onde o professor-mestrando lecionasse. Nunca entendi bem a lógica de tal decisão e, anos mais tarde, a UnB inverteu as regras e proibia contratações de professores diretamente saídos de algum de seus níveis de estudos. Em 1968 fui beneficiário forçado da primeira lógica, em 1977 fui vítima da segunda. Todos deveriam pós-graduar-se para manter o seu nível, mas desde que as licenças para fazê-lo fora eram raras e exigiam mais poderes do que os meus, obscuro professor sem títulos e padrinhos, lancei-me à tarefa de começar e concluir, na própria UnB, um mestrado frágil, a começar por imposto e arbitrário. Não poderia fazer meus estudos na Faculdade de Educação. Não haveria de querer cumprí-lo no curso de Psicologia, então bastante mais quantitavista e empiricista do que os da PUCRJ. Não havia então sinais dele nas áreas das ciências sociais. Decidi-me cumprí-lo junto à Faculdade de Comunicação. Em um ano revi meu documento de conclusão de estudos no CREFAL, ampliei-o, dei-lhe uma frágil cobertura teórica e o apresentei a uma banca de professores totalmente desconhecidos, a começar pelo meu orientador. Os cursos eram dispensados e não havia sequer o ritual da defesa. Fui aprovado com um "plenamente" sem nunca haver visto um dos três examinadores.

Esqueci o título e o acontecimento. Nunca publiquei nada de rivado de sua pesquisa — um até razoável exercício de Psicologia da Comunicação — mas não resisto lembrar que quando precisei apresentar meus documentos para a contratação na UNICAMP, em 1975, um papel escrito com o atestado desta pós-graduação foi decisivo, uma vez que, sempre relaxado de diplomas e provas de meus feitos e saberes, eu não havia até então reclamado junto à UnB os documentos de atestado de meu segundo mestrado na UnB, o de Antropologia Social feito em 1974.

Mestre às pressas e à força, voltei-me para um pequeno trabalho que desde as noites silenciosas e frias de meu tempo de morada no Distrito de Colonização tomavam o meu tempo, mais do que tudo. O meu primeiro livro de poemas ficou pronto: *Mão de Obra* e foi publicado em 1968 pela gráfica da Universidade Federal de Goiás. Duros e contidos escritos, segundo a lógica e a estética da Instauração Praxis, deixei ali minha visão do homem, do trabalho operário, dos lugares de natureza e cultura por onde andei no Mé-

xico e no Brasil. Tínhamos em São Paulo, quase todo feito por Mário Chamie, um pequeno jornal. Nele assinei "plataformas" e deixei poemas.

No segundo semestre do ano difícil de 1967, eis-me no Planalto Central, em Brasília e a caminho de Goiânia. Há lugares do mundo que são uma espécie de vocação: Goiás sempre foi assim para mim. Vivi lá 8 anos e ali me iniciei efetivamente como pesquisador e, mais tarde, como antropólogo. Saí de lá há 12 anos, mas mantenho com a universidade e grupos de trabalho junto aos camponeses um nunca interrompido envolvimento. Uma história com idas e vindas de 20 anos que gosto de imaginar provinciana, mas empapada de sentimentos e fidelidade que dificilmente reproduzi em outros lugares. Visto agora, à distância dada pela metrópole e pela UNICAMP, Goiás me aparece como o lugar de um exílio voluntário, de um distanciamento querido e buscado, mas também de um estar afastado dos centros de estudo e pensamento onde de fato as idéias "estão". Fato que a seu modo me foi nocivo sem que eu o sentisse, até quando a volta a Brasília e à UnB, agora como estudante de mestrado, viesse me revelar.

Prestei sucessivos concursos públicos para a Universidade Federal de Goiás: os dois primeiros para ingressar nela; os outros para ascender de nível e salário dentro dela. Fui contratado a partir de março de 1968 como professor "horista", o que significa que todo o meu tempo devido à universidade eram as horas de minhas aulas. Aquele era um tempo em que um professor "vivía de aulas" e sequer propriamente estudava: ele "preparava aulas", quando se dispunha a fazer isto, como eu. Por razões mais financeiras do que outras, aceitei também um convite para lecionar na Universidade Católica de Goiás. Para deixar Brasília e vir para Goiás, Maria Alice e eu nos demitíramos do IBRA e de cargos melhor remunerados do que os de qualquer universidade. Durante todo o ano de 1968 lecionei uma média de 5 cursos por semestre, em 3 universidades, porquanto por um ano ainda mantive meu vínculo com a UnB. Eis um professor depravadamente em "dedicação exclusiva".

Mas, mais do que tudo, haver ido para Goiás significou recuperar feixes de relações que os anos de México e de Brasília apenas em parte interromperam. Reencontrei lá os amigos do Movimento de Educação de Base que conhecera em 1964 e cujas vidas efetivamente acompanho de perto até hoje. Alguns deles e outros estavam agora na universidade e eram tão não-docentes quanto eu. Formei

depressa com eles pequenos grupos de estudos e foi ali que, uma vez mais, vivi toda a leitura e toda a reflexão que transcendia o esforço diário e imediato do preparar aulas. Lembro-me de um que organizei com o atual reitor da Universidade Federal de Goiás e mais o pró-reitor de graduação. Juntos estudávamos Filosofia da Educação. Entre Durkheim, Marx e Cirigliano, nós nos voltamos à difícil tarefa de pensar as questões vivas na metrópole, vivendo na província. Vejo no destino de ambos, mais do que no meu, que alguns frutos valeram essas horas extras. Ambos foram, pouco mais tarde, aceitos por Marilena Chauí para o doutorado na USP. Goianos e sertanejos, foram dois de seus primeiros e mais bem sucedidos doutores: Joel Pimentel de Ulhoa e Ildeu Moreira Coelho, cuja tese sobre o imaginário em Sartre custa a crer que pudesse ter sido escrita por alguém nascido um dia em Taquaral, que apenas a custo se acha no mapa. Com outros amigos do passado, acrescidos de alguns recentes, formei um pequeno grupo efêmero de estudos sobre sociedade e desenvolvimento. Ali, mais do que as questões teóricas da estrutura "sociocultural", buscávamos entre nós explicar o que estava acontecendo à nossa volta. Aquele era ainda um tempo pobre de livros e sufocado de idéias. Sabíamos que nossos recursos de saber de um passado recente não valiam mais. A história era a mesma, mas a "conjuntura", outra. Até hoje receio crer que nossas análises explicavam tudo, menos a face real da realidade. Ainda não havíamos aprendido a fazer Marx pensar, através de nós mesmos, a peculiaridade de nossa condição, ao invés de aplicar mecanicamente sobre ela as idéias que ele criou para explicar a Europa de seu tempo.

Reservava o tempo possível para leituras de literatura, mas aquele tempo, profissionalmente intenso, politicamente sufocante e culturalmente empobrecido demais, foi também pobre de criação posterior a *Mão de Obra*, muito embora eu procurasse viver, com o pequeno grupo de Instauração Praxis em Goiás, toda a atividade militantemente artística possível. Finalmente, por algum tempo ajudei como pude, entre a esperança, o medo e o remorso, aos companheiros de Ação Popular que passavam por mim em busca do Norte. Mais tarde os vi passando de volta a caminho de Paris, da prisão ou da morte. Tal pessoa "caiu", era a fórmula seca que dava conta de informar aos outros que mais um dos nossos estava, provi sória ou definitivamente, fora de circulação.

Vindo de Conceição do Araguaia e dos quadros do MEB, o frade dominicano D. Tomás Balduino chegou para a cidade de Goiás para tornar-se o bispo de uma diocese católica com cujo trabalho me envolvi desde então. Já em 1970 participava de uma ampla pesquisa em quase todos os municípios da região. Quase 20 anos depois, a gráfica da Universidade Católica de Goiás publica os primeiros 05 dos 08 volumes de uma outra pesquisa semelhante, feita nos mesmos municípios. Desde o início eu a assessorei, juntamente com José e Heloisa de Souza Martins. Tal como antes, multipliquei em férias as horas para redigir o relatório final. Francisco Cavazuti, o padre italiano recentemente baleado em Mossamedes, município natal de Maria Alice, havia sido um de seus mais ativos participantes. Anos antes ele desafiara nada menos do que o governador do estado, Leonino Caiado, tio do atual presidente da UDR. Entre o poder de estado e a mentira, ele forçava pequenos proprietários de Britânia, na região do Rio Vermelho, a venderem por preços vís as suas terras, com o fito de ampliar o que ele mesmo chamava de: "o império dos caiados". Chico, Chicão, veio à minha casa. Juntos fizemos um questionário de uma folha que ele aplicou entre os camponeses expropriados. Tabulamos às pressas os dados e deles ele fez a base empírica de denúncias que, repetidas durante anos, não são a causa de estar agora inválido, cego e de volta à Itália.

Eu já não tinha então, como a maioria de meus companheiros de Ação Católica, a mesma ativa fé cristã. Mas nunca me separei desta gente que lê para lutar; que, como em Gramsci, sente ser compreender e submete a ciência de que desconfia, em parte às certezas de uma fé perdida em mim, em parte a uma persistente militância, de cuja generosa audácia não quero me esquivar aqui de ser testemunha. Pois, se por causa de idéias e ações próximas, ainda que submetidas a falas e lógicas diferentes, aqueles a quem denunciamos, eles e nós, nos poupam e os matam, esta desigualdade e vidente de destinos não deve ser silenciada. Poupado, porque sequer fui preso algum dia, como tantos companheiros à minha volta, vi-me pouco depois aprendendo a ser uma espécie de poeta dedicado a anunciar mortos por violência no campo. Alguns poemas a respeito estão em anexo.

Para a universidade eu li às pressas os livros de Educação e de Psicologia que trouxera comigo do Rio de Janeiro, do México e de Brasília. Às vezes em uma tarde preparava para as aulas do

da seguinte: pequenas fichas de Psicologia Social, Filosofia da Educação e Psicologia da Personalidade. Fora da universidade aprendava fragmentadamente os meus conhecimentos de educação e de "realidade brasileira". Aos poucos os estudos de Psicologia Social e da Personalidade conduziram-me a leituras mais e mais próximas da Antropologia. Quando, em fins da década de 60, a corrente de Cultura e Personalidade começava a ser esquecida em seus centros de origem, eu a descobria sozinho em Goiás, como se fosse a última palavra a respeito de tudo o que eu desejava então conhecer. E devo a este percurso defasado a minha a final descoberta da Antropologia Social. Mas entre o desejo e o mestrado houve quase 04 anos e uma volta inesperada ao Rio de Janeiro, à PUC e à Psicologia.

Tudo o que é bom na metrópole, como modas, maças e teorias, chega tarde, amassado ou aos pedaços na província. Mas tudo o que é ameaçador na metrópole surge com redobrada força e menos poderes de fuga na província. A morte violenta de um operário, como Santo Dias, mobiliza o país por algum tempo. Mas até hoje há mortos diários e anônimos no campo. Quantos foram os de Conceição do Araguaia este ano? Assim aconteceu em 1968.

Afora o meu pequeno envolvimento clandestino, pequeno e politicamente sem importância, revivi como professor em Goiás os anos de participação dos tempos de estudante. Frequentei reuniões indevidas, disse em sessões solenes da Congregação da Faculdade de Filosofia palavras que a universidade queria então silenciar. Acompanhado de 3 outros colegas professores, participei pelas ruas de Goiânia, até quando a polícia nos dispersou com cães e baionetas, de uma passeata. Perto do fim do ano o então reitor da UFG chamou-me, a seu irmão, Elter Dias Maciel e ao padre José Maria de Pereira. Revelou as ameaças falsas e verdadeiras que pesavam sobre nós e nos obrigou a sairmos por um ano ao menos de Goiás. O irmão do reitor matriculou-se no doutorado de Sociologia da USP, de Florestan Fernandes, que logo depois saíria dela; o padre foi fazer o seu em Paris e, pouco depois, foi reitor da Universidade Católica de Goiás. Eu voltei para o Rio de Janeiro.

Tinha então 28 anos, um filho e um começo interrompido de carreira de magistério. Devo acreditar que o peso diário de uma ameaça de pelo menos a perda de meu cargo nas universidades, decidiu o rumo que tomei ao me ver obrigado a voltar aos estudos. Fui suficientemente crítico para saber que estava despreparado pa

ra um doutoramento. Quase certo de que não voltaria mais a ser professor, por muito tempo, rematriculei-me no Curso de Formação de Psicólogos da PUC e concluí, sem desejos, projetos e entusiasmos, o curso interrompido em 1965.

Burocraticamente obrigado na UnB a me tornar mestre em Comunicação, eis-me de volta ao Rio de Janeiro politicamente obrigado a tornar-me um psicólogo. Quando afinal eu passaria do reino da necessidade ao da liberdade?

Memorial

de 1969 a 1972: antes do Mestrado em Antropologia Social

- 1969, Rio de Janeiro, PUCRJ, Instituto de Psicologia Aplicada: estágio supervisionado com foco sobre Psicologia Social, Treinamento de Relações Humanas - 680 hs (sem doc.).
- 1969, Rio de Janeiro: participo do laboratório de Relações Humanas; formação em grupos de desenvolvimento interpessoal sob supervisão de Dr. Fernando Achilles de Faria Mello (dois semestres de seminários mais participação em 3 grupos de "Sensitivity Training") (doc. 58)
- 1969, Rio de Janeiro, PUCRJ, Psicólogo (registro nº 951, fls. 51, 52 v, livro nº 1 FF/PUC, Univ. Federal do Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1971; registro como *psicólogo* no Ministério da Educação e Cultura nº 1951) (docs. 59, 60 e 61).
- 1969, Rio de Janeiro, PUCRJ, Departamento de Psicologia: sou professor auxiliar de ensino por um semestre, lecionando Psicologia Social para alunos do Curso de Jornalismo (doc. 62).
- 1969, Rio de Janeiro, Colégio André Maurois: frequência em curso sobre Dinâmica de grupo (doc. 63).
- 1969/70, Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Previdência Social: coordeno, junto com José Inácio de Sá Parente, cursos e treinamentos de Criatividade Social para pessoal técnico do Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal (docs. 64 e 65).
- 1969, Buenos Aires, Universidad del Salvador: seminários sobre dinâmica de grupos (60 hs.) (doc. 66).

- 1969, Goiânia, Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Educação (FE): participo de comissão para estudos sobre a criação de um curso de Pedagogia na cidade de Goiás (doc. 67).
- 1970, Buenos Aires, Centro de Estudios Cristianos: coordeno um curso sobre dinâmica de grupos (doc. 68).
- 1970, Lima, Oficina Nacional de Desarrollo Cooperativo: coordeno um curso sobre dinâmica de grupos (60 hs) (doc. 69).
- 1970, Pátzcuaro, CREFAL: sou o correspondente brasileiro da Carta Informativa del CREFAL (doc. 70).
- 1970, Goiânia, UFG, Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL): participo da comissão coordenadora da Semana de Integração do Instituto (doc. 71).
- 1970, Goiânia, UFG, FE: sou membro da comissão para planejar a implantação de um gabinete psicopedagógico (doc. 72).
- 1971, Goiânia, UFG: coordenador da equipe do Centro de Orientação Psicológica (doc. 73)
- 1971, Alajuela, Costa Rica, Seminário Teológico Metodista: coordeno o curso sobre metodologia psico-social da comunicação (doc. 74)
- 1971, Lima, Pontificia Universidad Católica del Peru: participo de seminário dos professores do Programa de Ciências Sociais (doc. 75).
- 1971, Goiânia, UFG, primeira sub-reitoria: sou o presidente da comissão de estudo das normas do Conselho Coordenador de Ensino e Pesquisa da Universidade (doc. 76).
- 1971, Lima, World Council of Churches: participo da consulta sobre Educação, Crise e Esperança (doc. 77).
- 1971, Goiânia, UFG, Faculdade de Filosofia: sou por um ano, chefe do Departamento de Ciências Sociais (sem documento).
- 1971, Cidade de Goiás, Diocese de Goiás: assessoro trabalhos técnicos, principalmente em programas de pesquisas de campo mais planificação das atividades de educação de adultos (docs. 78 e 79).
- 1971, Goiânia, UFG, FE: sou o 1º colocado em um concurso para auxiliar de ensino de Sociologia da Educação (doc. 80).

- 1971, Goiânia, Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade Católica de Goiás (UCG): *Perspectivas de Profissionalização entre estudantes das faculdades de filosofia de Goiânia*; início de uma longa experiência repetida de pequenas pesquisas com a participação ativa de alunos de cursos de graduação (doc. 81, ver em *Seis estudos de Psicologia Social* - anexo).
- 1971, Goiânia e Cidade de Goiás, UFG, ICHL: *Atitudes Paternas sobre Educação em uma Comunidade Rural do Estado de Goiás*, pesquisa realizada com alunos de graduação e publicada em *Seis Estudos de Psicologia Social* (doc. 82).
- 1971/72, Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Previdência Social, Programa de Formação e Aperfeiçoamento de Treinadores do INPS: coordeno um projeto de produção de documentos. Escrevi e foram editados, em pequenos volumes de estudos, os seguintes documentos:
- a. as proposições de Carl Rogers sobre o comportamento humano
 - b. o homem e a educação - uma análise introdutória
 - c. existência pessoal e relações interativas no cotidiano
 - d. a educação e eu, treinador
 - e. educação e treinamento
 - f. grupo e dinâmica de grupos
 - g. comunicação, grupo e treinamento
 - h. esquema para reflexão e análise da dinâmica de grupos do INPS
 - i. relatório de pesquisa entre treinadores do INPS
 - j. idéias e teorias sobre a ação de pequenos grupos humanos
 - k. o treinamento de criatividade social
- (docs. 82 - apenas as capas apresentadas, em conjunto; disponível comigo para exame).
- 1971, Goiânia, UFG, ICHL/UCG, Faculdade de Serviço Social: *Estereótipos Relativos ao Assistente Social entre Estudantes Universitários de Goiânia*; pesquisa realizada com alunos de graduação. Publicada em *Seis Estudos de Psicologia Social* (doc. 83); republicada depois no Rio de Janeiro, em *Debates Sociais*, nº 14, ano VIII, maio 72, p. 13 a 24 (doc. 84).

- 1972, Goiânia, UFG, FE: sou o 1º colocado em concurso público para professor assistente do Departamento de Fundamentos da Educação (doc. 85).
- 1972, Goiânia, UFG, FE: sou o presidente de comissão para esboços de um plano geral de funcionamento da Faculdade (doc. 86).
- 1972, Montevideo, Instituto Crandon: coordeno um curso sobre criatividade social (60 hs.) (doc. 87).
- 1972, Goiânia, UFG, Escola de Agronomia e Veterinária: faço a aula inaugural - a participação da universidade nos processos de mudança social (doc. 88).
- 1972, Goiânia, UFG/COPERCOPE: recebo bolsa de pesquisa para estudos sobre sociedades rurais do Mato Grosso Goiano (os primeiros trabalhos de campo em Goiás, antes do mestrado em Brasília, com apoio e bolsa da UFG). (sem documento).
- 1972, Goiânia, UFG, ICHL: *Uso dos Meios de Comunicação de Massa na Universidade Federal de Goiás*, pesquisa realizada com alunos de graduação, mimec. (doc. 89).
- 1972, Goiânia, UFG, Faculdade de Arquitetura: *Moções de Comunicação na Determinação da Escolha de Tipos de Residência em Goiânia*; pesquisa realizada com alunos e publicada mimec. (doc. 90).
- 1972, Goiânia, SESI: *O SESI em Goiânia - um levantamento de opiniões e atitudes dos servidores do SESI em Goiás*, relatório de pesquisa coordenada por mim e publicada no 2º Seminário do SESI de Goiás; republicado pela EDITEC do Nacional do SESI (doc. 91).
- 1972, Pátzcuaro, CREFAL: *Modificaciones de Actitudes entre Adultos del Medio Rural*, projeto de pesquisa publicado pela Carta Informativa del CREFAL, nº 18 e 19, fev. 1972, p. 89 a 99 (doc. 92).
- 1972, Buenos Aires, *Conscientización y Educación Popular*, documento publicado em *Cristianismo y Sociedad*, 1ª entrega, ano X, nº 29 y 30, p. 5 a 39 (doc. 93).

Minha Memória

Entre 1969 e o segundo semestre de 1972: da volta à Psicologia à descoberta da Antropologia; o retorno ao Rio de Janeiro, de volta à Goiânia e à Brasília.

Como explicar aos amigos que fugiam em busca de Paris ou Estocolmo, que o meu pequeno tempo de exílio forçado foi em minha própria terra de origem? Repito, eu tinha em 1969, como tarefa, preencher um ano de saída obrigatória de Goiânia, apenas um ano após minha ida para Goiás e, assim, tornar legítima a licença imposta menos pela reitoria de minha universidade do que pela generosa amizade de um reitor.

O "último ano" de meu curso de Psicologia estabelecia um complemento de disciplinas, um longo estágio supervisionado e a apresentação de um pequeno trabalho de conclusão dos estudos.

Um dos subterfúgios das experiências de educação popular no pior tempo da repressão militar, foi a retórica e a prática da Dinâmica de Grupos. Não fugi dela, eu que desde os primeiros treinamentos do MEB havia sido iniciado nos seus ritos e esquemas. Ali, onde uma aparente liberdade pessoal de participação é tão suavemente imposta que tudo resulta na trama em que se finge que se é livre e autônomo, para que todos cumpram rigorosamente — como um rito que se disfarça em jogo — as regras estritas da própria suposta liberdade. Assim, aproveitei a criação de um novo laboratório de relações humanas no IPA para passar entre suas sessões de grupos e seminários os meus dois semestres no Rio de Janeiro e na PUC. Não sei como tolerei ler por tanto tempo uma bibliografia sobre grupos humanos que, antes e depois, negava ou dizia às avessas tudo o que eu aprendera e queria continuar aprendendo. A prova de minha inadequação em alguma coisa a que, não obstante, obriguei-me a fazer, é que na minha curta carreira de psicólogo nunca fui capaz de trabalhar profissionalmente com experiências de "dinâmica de relações humanas". Eu que, como educador, fui um mais entusiastas incentivadores de práticas de dinâmica de grupos, como um caminho mais do que apenas técnico em busca da realidade concreta da experiência da democracia.

Fiz ainda um breve estágio com Aroldo Rodrigues em Psicologia Social. Ele foi definitivo em meu afastamento da psicologia experimental. Trabalhávamos com medições a respeito de uma certa

teoria da dissonância cognitiva, que tinha em Leon Festinger um de seus criadores. Poucos anos depois re-encontrei as mesmas questões na Antropologia, revestidas de um ver e explicar cujas sensibilidade e lógica até hoje me fazem pensar como e porque certas abordagens empíricas merecem o tempo de duração que o campo da ciência lhes dá. No entanto, cúmplice que se despede da confraria de cuja retórica não partilha mais nem o sentido e nem o poder, fiz ainda o meu trabalho de conclusão de curso dentro dos mais rigorosos métodos e teorias experimentais na Psicologia.

Assim, reconheço agora que meu ano tardio de conclusão do curso de Psicologia valheu-me, de uma só vez, o diploma necessário e a despedida retardada da carreira. De volta à Goiânia reencontrei o mesmo clima difusamente hostil e ameaçador. Mas retomei sem problemas o meu lugar nas duas universidades de Goiás e, na Católica, assumi por um ano a coordenação de um Centro de Orientação Psicológica que ajudei a re-criar. Apenas durante os meses finais de 1969 e todo o ano de 1970 dediquei-me ainda a ser, ao mesmo tempo, professor e psicólogo. Lembro-me de uma cena que me volta muitas vezes aos olhos da memória. Eu estava em uma tarde, no breve intervalo entre dois clientes, em minha sala do COP, quando me dei conta do que o olhar pela janela havia sido inesperadamente revelador. "A vida está lá fora!", disse de mim para comigo, e ela era tudo o que eu queria. Já então vivia uma vocação mais heróica do que rigorosa à pesquisa de campo... no campo. Ela, associada ao meu sempre aceso desejo da docência, conspiravam contra minhas obrigações de psicólogo e coordenador de um centro profissional do ramo. Em fins de dezembro decidi com Maria Alice abandonar de vez aquele trabalho. Com o que fizera para o INPS e mais com apenas um ano de experiência profissional em uma cidade que contava então com apenas 4 psicólogos, consegui dinheiro bastante para construir a melhor casa onde já morei, sem depender do BNH; pequenos milagres da fortuna de que, no entanto, quis me livrar cedo. Deixei o COP e embora continuasse por algum tempo lecionando as disciplinas de Psicologia nas duas universidades, distribuí entre amigos os meus livros mais "clínicos" e, principalmente, as muitas folhas e caixas dos "testes psicológicos" que havia trazido comigo do Rio de Janeiro. Guardo até hoje alguns, projetivos, em parte porque são a face intrigante da Psicologia, em parte porque, entre os estudos de identidade, às vezes penso que poderia voltar a eles. Devo dizer que já em 1969 abandonara o

meu cargo na UnB, dado que a reitoria havia recusado um pedido de licença sem-remuneração para o meu ano de inesperada "fuga para o Rio".

Mas um acontecimento até certo ponto também inesperado havia de tomar um lugar importante no corpo de meus rumos, estudos e decisões, dentro dos anos de que falo aqui.

Fui procurado pelo pessoal de um movimento então denominado: Igreja e Sociedade na América Latina. Um dos primeiros grupos avançadamente ecumênicos, entre católicos e protestantes. Não os conhecia de antes. A repressão que o movimento sofreu em alguns países de continente desagregou o nome (e algumas pessoas), de sorte que, pouco mais tarde, ele veio a ser no Brasil o: Centro Ecumênico de Documentação e Informação, ao qual me vinculei e do qual participo, até hoje, com momentos muitos desiguais de presença. Da Juventude Universitária Católica ao Movimento de Educação de Base, em tempos de ativa fé cristã, e dele ao CEDI, agora, quando já então o sentimento do mundo não dispensava ainda a idéia e o desejo de um deus, mas a vocação da vida não necessitava mais de qualquer igreja.

Fui convidado para participar de um programa de pequenos cursos e treinamento de e sobre educação popular em alguns países da América Latina. Por toda a parte havia então (há até hoje) uma muito intensa atividade ligada a projetos de educação-e-movimentos populares. Em anos que nos proibiam sequer a pronúncia e a guarda de livros sobre o assunto, eles eram disputados em países como a Argentina, o Chile, o Uruguai, o Peru e alguns da América Central, por onde andei. Nossa tarefa era a de responder a convites de grupos de militância entre operários, camponeses e indígenas e lhes levar os ensinamentos de teorias e práticas por algum tempo silenciadas aqui. Lembro-me de, de repente, sair do Rio de Janeiro, depois, de Goiânia, e me ver por três dias no Altiplano Equatoriano ensinando "Método Paulo Freire" a uma equipe de educadores que conhecera meia hora antes.

Assim, uma vez mais, precisei reorientar meus estudos para responder de imediato a esta demanda. Uma vez mais achei-me próximo de uma tribo com quem me comunicava muito melhor do que com os profissionais da Psicologia que, por seu turno, tratavam de procurar fazer-me como eles. Aroldo Rodrigues oferece-me, com a generosidade de um primo paralelo e a desconfiança de um rival ideológico

co, um doutorado na universidade norteamericana onde fizera o seu Ph D. Acenava com um lugar garantido na PUC e um trabalho experimental de futuro do Rio de Janeiro e não em Goiás que, segundo ele a toda a minha parentela, "não é terra de gente".

Viagei durante quatro anos entre vários países das três Américas. A pequena coleção de certificados e equivalentes que, por dever de ofício, anexo a este documento, não revela com fidelidade o que eu fora fazer em cada lugar onde estive. Os nomes ocultam, em favor da Psicologia, cursos e treinamentos de educação popular.

Mas é preciso que eu diga que tudo o que estudava e sabia era, então, fragmentos. Mais uma vez dividia-me entre a academia imposta e a militância apressada, Não tive durante todo este tempo nem grupos nem tempos para re-elaborar, com uma profundidade pelo menos mais honesta, o que devia compreender para escrever e ensinar. E justamente o meu livro depois de *Mão de Obra*, é a melhor síntese da fértil confusão de meu imaginário naquele tempo todo. Se o convoco a depor, ao mesmo tempo contra mim e a meu favor, é porque não vejo outro melhor exemplo.

Resolvemos, alguns companheiros de viagens e eu, escrever uma série de artigos que traduzissem o momento de nosso conhecimento sobre o assunto. Eles seriam levados — engenhosamente às escondidas nas malas, como os "livros de Paulo Freire e outros — e seriam usados nos cursos e treinamentos. Assim foi feito e eu me encarreguei de estudar os temas e escrever sozinho os textos. Alguns, mimeografados em Lima ou publicados em alguma revista da Argentina, circularam pela América Latina. Foi sugerido que o apinhado de artigos fosse transformado em um livro. Meus escritos foram impietosamente revistos por uma equipe de companheiros do Rio de Janeiro. Lembro-me de tardes inteiras revendo-me a mim mesmo sob as críticas deles. Afinal, tratava-se de partir das idéias dos movimentos de cultura popular e, especialmente, de Paulo Freire, e superá-las. Arranjar delas a lógica ainda dualista, um culturalismo inveterado e algumas falhas visíveis na análise da ideologia e da consciência dos "homens do povo".

Pronto o livro, tratava-se de publicá-lo. A Siglo XXI aceitou-o com entusiasmo, o que já era um bom começo. os amigos do Brasil concluíram que, previsto para 1971, seria um perigo ter o livro publicado em meu nome. Sugeri em Montevideo um pseudônimo

e, em homenagem aos chilenos presentes, lembrei o do guerrilheiro Manoel Rodriguez, que com mais arte e sucesso, Pablo Neruda imortalizara antes em um poema depois musicado. Impossível, dado que as leis argentinas exigiam um autor vivo e presente. Um companheiro teólogo uruguaio, depois exilado em Buenos Aires e em Genebra por longos anos, aceitou ser "usado" como autor: Julio Barreiro. A primeira edição em Espanhol saiu em Buenos Aires em junho de 1974; a segunda em novembro. Mais do que eu mesmo, o livro teve momentos históricos. Após um dos golpes do país ele foi proibido lá e uma edição teria sido destruída. Passou a ser editado no México e hoje, 13 anos depois, está na 10^a edição, sendo a última de 1985. Difícil compreender tão inacreditável aceitação. Um motivo poderia ser o fato de que se lê febrilmente sobre o assunto em todo o continente, desde pelo menos 1966. Um outro seria, talvez, a lembrança de que, bem ou mal, o livro aceita o desafio de atualizar mais *sociologicamente* teorias e análises durante anos aceitas no Brasil e fora dele, como quase únicas e indiscutíveis. 10 anos depois apareço pela editora VOZES como tradutor de meu próprio livro: *Educação Popular e Conscientização* (tradução pronta de *Educación Popular y Proceso de Concientización*).

A partir de Paulo Freire e tão eclético quanto ele — quanto eu, ao tempo — o livro convoca a uma mesa de debates a Durkheim, Firth, Werner Jaeger, Abraham Kardiner, Mill, Mannheim, Merton, mas também Lenine, Lukács, Fernando Henrique Cardoso, Cirigliano, Antonio Gramsci, Marta Harnecker e Peter Berger, ao lado de Sartre e Poulantzas. Curioso que as suas idéias tenham tanto a ver com pensadores de intenção supostamente conservadora, como Peter Berger (curiosamente não citado na bibliografia e, no entanto, fundamental no livro) e George H. Mead, quanto com o marxismo episódico e quase grosseiro de Marta Harnecker. Mas esta mistura sugestiva e quase equivocada de teorias e modos de pensar o real não era apenas o livro feito, era eu mesmo, o seu autor.

Se o próprio Paulo Freire, então ativamente cristão, pode associar Karl Jaspers e Marx, eu poderia associar Lenine e Berger para tentar superá-lo. Não devo tê-lo conseguido. Li o que liam os meus companheiros de então e, nisso, parecíamos ainda não haver aprendido com as lições de 1964. Sequer lia melhor do que qualquer um deles e tampouco possuía idéias mais sólidas, mais densas. Apenas escrevia mais depressa as palavras que precisavam circular. Uma fácil e apressada combinação de estilos marxistas,

tecidos no mesmo pano de sugestões com fios teóricos da Psicologia e de uma Sociologia do Conhecimento, cujo alcance me fugia então. Assim, Julio Barreiro, através de mim, acabava por sugerir novas combinações, desde que todas elas eram possíveis. Desde que não fossem os seus idealizadores levados muito a fundo, ainda que sempre a sério. E o resultado, como anos atrás, mas agora com uma aparente mais sólida respeitabilidade sociológica, era uma "nova visão da realidade" orientada para a ação política imediata, ação cujo valor "em si" queria resgatar da teoria marxista os fragmentos melhor correspondentes à combinação da superficialidade de de nossa compreensão, com uma absoluta certeza histórica de nossas intenções. Eis um texto que buscava resgatar de um humanismo persistente as suas melhores promessas, ao mesmo tempo em que justificava uma ilusória ação pedagógica radical, cujo destino era nada menos do que a revolução dos povos do continente. Em nome da realização imediata de tal humanismo socialista.

De volta do Rio de Janeiro a Goiás, continuei fazendo viagens de pequenos cursos à América Espanhola até pelo menos 1972, quando o ingresso no mestrado levou-me a outros compromissos que, amadurecidos, reverteriam mais tarde beneficentemente sobre os primeiros. Mais efetivamente agora do que nos anos antecedentes, três tipos de alternativas de trabalho docente e de produção cultural iriam ser intensamente vividos por mim até 1972. Alguns vinham de antes e, de passagem, já os mencionei. Outros eu os esqueceria pouco depois: 1º- a incorporação à prática docente, de procedimentos e técnicas de "trabalho de grupo", trazidos, por sua vez, de uma mescla brasileira de experiências da Cultura Popular, como o "círculo de cultura", com o repertório de inovações psicoterapêuticas e psicopedagógicas norte-americanas — poucas pessoas estavam então, como eu, tão a meio caminho entre uma vertente e a outra; 2º- a nova, pequena e precária horizontalização interna das relações aluno-professor, de que fui arauto e praticante muito tempo, quando em minhas experiências e pregações buscava subverter as regras da escola e transformar o marasmo das salas de aulas na vivência coletiva de oficinas de saber — de então para cá revi muita coisa e preservei outras; 3º- uma dessacralização relativa do próprio trabalho científico, seja nas esferas das experiências de democratização do saber via práticas de educação popular, seja no âmbito da própria universidade — inaugurei em Goiás o hábito de compartilhar com alunos dos cursos pesquisas que fazíamos juntos;

pequenos exercícios limitados de "experiência científica do real" que vivemos nas ruas de Goiânia e em algumas cidades do interior. Na área das ciências sociais, alguns dos primeiros relatórios goianos de pesquisas mimeografados e postos em circulação interna, foram os dessas pesquisas.

Isto parecia ser o que era possível fazer em um tempo em que a ausência feroz de condições de um trabalho político efetivo "para fora", nos sugeria sermos ao menos mais criativos, críticos e democráticos "para dentro", isto é, no interior de nossas regras e salas. Fui nesses anos um fervoroso militante disto: iniciei práticas, forcei novos princípios, critiquei o autoritarismo intelectual reinante, escrevi sobre o assunto, fiz conferências. Tal como muitos, eu que me via o tempo todo estudando, lendo, debatendo e escrevendo, na verdade sabia que me refugiava de uma busca do saber mais difícil e necessário, atrás do biombo da crença fácil de que ou todos aprendem a conhecer tudo, do mesmo modo, ou não é justo que alguém saiba exclusiva ou privativamente coisa alguma.

De volta à Goiás e, agora, dedicado por inteiro ao magistério e aos meus sempre presentes compromissos com grupos de educação popular, três linhas de trabalho de pesquisa dividiam o meu tempo. E ele era longo porque, fugitivo persistente de todo e qualquer envolvimento de tipo burocrático na universidade, eu me dava inteiro às aulas e às minhas limitadas experiências de "trabalho de campo". Um reitor certa vez criticara-me em Goiânia, dizendo que o lugar do professor era a docência em sala-de-aula e que quem quisesse investigar que o fizesse em fins-de-semana. Levei-o a sério e tornei-me um pesquisador inveterado de sábados e domingos. Só mais tarde viria a conquistar, ainda em Goiás, um tempo útil legítimo para a pesquisa de campo.

Eis as linhas de pesquisa de então: 1^ª- aquelas feitas junto a e sob a coordenação de grupos e instituições de atividades de educação junto a movimentos sociais e populares; 2^ª- aquelas realizadas como partes ou momentos de cursos de graduação, nas duas universidades de Goiás e que estendiam na prática a sua duração real de as vezes mais do que o dobro das horas docentes devidas no curso; 3^ª- as minhas primeiras pesquisas mais rigorosas e rigorosamente pessoais, a meio caminho entre o psicólogo que aos poucos eu deixava de ser e o antropólogo que via surgir em mim, entre meados de 1971 e o ano de 1972.

No primeiro semestre deste ano organizei com um grupo de alunos voluntários um Seminário de Estudos de Cultura e Personalidade. Éramos mais de vinte e nos reuníamos até em tardes de sábados. Eu consegui multiplicar, mimeografadas, páginas de Margareth Mead, de Abraham Kardiner e de outros autores a meio caminho entre a Psicologia, a Psicanálise, a Sociologia e a Antropologia. À volta de um grande círculo, ocupávamos horas-extras entusiasmados buscando compreender na província, com os nossos próprios recursos, teorias que, como disse antes, começavam a morrer nos lugares onde haviam sido geradas. Mas foi por esta via que definitivamente fui a Brasília em algum mês do 1º semestre de 1972 e, num segundo e decisivo encontro com Roberto Cardoso de Oliveira, resolvi preparar-me para ingressar no que viria a ser o Mestrado de Antropologia Social da Universidade de Brasília. Menos de dois anos depois eu seria o primeiro mestre em Antropologia Social da UnB, tal como Otávio Velho, companheiro querido de tempos de PUC e também o primeiro mestre em Antropologia do Museu Nacional, iria dedicar-me ao estudo do campesinato brasileiro.

Memorial

1972 a 1975: Brasília e Goiânia

- 1972, Goiânia, UFG, ICHL: coordeno um seminário semestral de estudos sobre Cultura e Personalidade (doc. 94).
- 1972, Brasília, UnB, Deptº de Ciências Sociais: ingresso no Mestrado em Antropologia Social, tendo como orientador de programa e de tese o prof. Dr. Roberto Cardoso de Oliveira; bolsa da CAPES (doc. 95).
- 1972, Brasília, UnB, Grupo de Tarefa Universitária: coordeno parte do Treinamento de Capacitação de Alunos da UnB, CEUB e UDF para trabalhos no campus avançado da UnB no Médio Araguaia (doc. 96).
- 1973, Goiânia, UFG, FE: participo, como aluno, do Curso de Especialização em Educação (70 hs). Conceito: "summa cum laude" (doc. 97).
- 1973, Aracaju, Universidade Federal de Sergipe: leciono 30hs de Antropologia Social em um curso de especialização para

- 1973, Aracaju, Universidade Federal de Sergipe: leciono 30 horas de Antropologia Social em um curso de especialização para professores (doc. 98).
- 1973, Monterrey, México, Universidad Autonoma de Nuevo León: sou convidado como conferencista e professor de pequeno curso sobre identidade social, durante o 1º Congresso Internacional de Psicologia (docs. 99 e 100).
- 1972/75, Goiânia, UFG, ICHL: com poucos recursos da CPERCOPE, iniciei um conjunto de pesquisas de campo sob o título geral de *Sociedades Rurais do Mato Grosso Goiano*. São publicados, mimeografados, os seguintes relatórios de pesquisa:
- vol. 1: *Diolândia - dois estudos sobre produção e sociedade*. 1973 (doc. 101).
 - vol. 2: *Mossâmedes - dois estudos sobre relações e representações sociais*. 1974 (doc. 102).
 - vol. 3: *Trabalho e Identidade Étnica em Goiás* (minha dissertação de mestrado na UnB, 1974) (doc. 103).
 - vol. 4: *Crenças e Costumes de Comida em Mossâmedes*. 1976 (doc. 104).
 - vol. 5: *Mossâmedes - religião e sociedade*. 1975 (doc. 105).
- Todos os relatórios foram posteriormente publicados como livros autônomos ou como capítulos de coletâneas. Relaciono-os ao longo do memorial. A pesquisa do volume 1 foi feita com a colaboração de José Ricardo Garcia Pereira Ramalho.
- 1973, Brasília e México, UnB/INAH: através do Dr. Roberto Cardoso de Oliveira, sou convidado para integrar uma equipe de pesquisa do Instituto Nacional de Antropologia e História do México, como pesquisador do programa de estudos sobre problemas de identidade étnica na populações indígenas do México (docs. 105 e 105-A).
- 1974, Buenos Aires: publicação do livro *Educación Popular y Proceso de Conscientización*, escrito por mim e editado em nome de Julio Barreiro. Siglo XXI Editora; 1ª edição em Buenos Aires (1974), 10ª edição no México (1985) (docs. 106 e 107).
- 1974, Goiânia, UFG, FE: por um ano sou chefe do Departamento de Fundamentos da Educação (sem documento).

- 1974 Goiânia, UFG, ICHL: presidente de banca de concurso para seleção de professores assistentes do Departamento de Filosofia e Psicologia (doc. 108).
- 1974, Aracajú, Universidade Federal de Sergipe: professor, durante 45 hs, de curso sobre Dinâmica de Grupos, fração de curso de Especialização em Psicologia Social (doc. 109).
- 1974, Goiânia, Centro de Professores de Goiás: conferencista durante o 1º Seminário de Educação Municipal de Goiás (doc. 110).
- 1974, Goiânia, Departamento Estadual de Cultura: 1º colocado no Concurso Nacional de Folclore Americano do Brasil, com o trabalho: *Cavalcadas de Pirenópolis - um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás* (doc. 111).
- 1974, São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 2º colocado no concurso Nacional de Folclore Mário de Andrade, com o trabalho: *A Dança dos Congos da Cidade de Goiás* (doc. 112).
- 1974, Goiânia, Museu Antropológico: crio a coleção Cadernos de Antropologia e publico (mimeo.): *Relações Interétnicas e Identidade em Cinco Sociedades Primitivas Brasileiras* (doc. 113).
- 1974, Rio de Janeiro e Cidade de Goiás, Centro Ecumênico de Documentação e Informação: pesquisa sobre ideologia da igreja da Diocese de Goiás, juntamente com Eliseu Lopes, publicada em xerox e edição restrita, com o nome *A Igreja do Evangelho* (sem documento). Já anteriormente eu participara de uma longa pesquisa a respeito das condições de vida das populações rurais e de periferia das cidades da Diocese de Goiás.
- 1974, Brasília, Departamento de Ciências Sociais: Mestre em Antropologia. Defesa de Dissertação de mestrado em setembro. Banca: Dr. Roberto Cardoso de Oliveira (orientador), Dr. Roberto da Matta e Dr. Roque de Barros Laraia. Dissertação: *Trabalho e Identidade Étnica em Goiás*. Conceito: aprovado. Depois publicado pela UnB/Ed. Oriente. (docs. 114 e 115).
- 1975, Belo Horizonte, SBPC: participo de mesa redonda sobre instituições religiosas e religiosidade popular, coordenada pelo prof. Duglas Teixeira Monteiro (doc. 116).

- 1975, Goiânia, UFG, ICHL: membro da comissão dedicada à implantação do curso de pós-graduação em ciências humanas (doc. 117).
- 1975, Goiânia, UFG, ICHL: professor de Sociedades Camponesas no curso de pós-graduação em ciências humanas (História). Este curso em Goiás foi a minha primeira docência a nível de pós-graduação (sem documento).
- 1975, Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Antropologia: ingresso como sócio (sem documento).
- 1975, Brasília e Goiânia, UnB/FINEP: participo de programa de pesquisas sobre hábitos e ideologias alimentares, coordenado pelo Dr. Klaas Wortmman. Realizo pesquisa de campo em Mossâmedes, Goiás, cujos dados são incorporados ao relatório final do Dr. Wortmman (doc. 118).
- 1975, Goiânia, UFG, Museu Antropológico: Bolsa da COPERCOPE para pesquisa sobre religiosidade popular em Goiás (sem documento).
- 1975, Rio de Janeiro, MEC/D. de Assuntos Culturais, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro: 1º colocado no 30º Concurso Mário de Andrade para monografias de folclore, com o texto: *As Congadas na Festa de Nossa Senhora do Rosário em Catalão, Goiás* (doc. 119).
- 1975, Rio de Janeiro, FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore: 1º colocado no concurso nacional para monografias de folclore Sílvio Romero, com o estudo: *O Divino, o Santo e a Senhora - o reinado de Nossa Senhora do Rosário e o Juízo de São Benedito em Pirenópolis, Goiás* (doc. 120).
- 1975, Goiânia, União Brasileira de Escritores: participo de comissão julgadora do Concurso da Bolsa de Publicações Hugó de Carvalho Ramos, para os gêneros de ficção e poesia (doc. 121).
- 1975, Goiânia, UFG, Instituto de Patologia Tropical: leciono 20 horas de Psicologia do Trabalho, parte de um curso sobre Patologia do Trabalho (doc. 122).
- 1975, Goiânia, UFG, FE: leciono 44 horas de Estudos de Relações Humanas dentro do curso de aperfeiçoamento de Metodologia do Ensino Superior patrocinado pela CAPES (doc. 123).

- 1975, Rio de Janeiro, Centro Ecumênico de Documentação e Informação: publicação de meu artigo *A Fé e a Festa - tensões entre modos de crença e prática do catolicismo popular*, CEI, suplemento Tempo e Presença, nº 13, p. 2 a 6 (doc. 124).
- 1975, Rio de Janeiro, Instituto Superior de Estudos da Religião: editor do número especial do Cadernos do ISER sobre religiosidade popular (doc. 125).

Minha Memória

1972 a 1975: o domínio da universidade; os estudos do mestrado em Antropologia Social; a dedicação à docência e à pesquisa; uma ida inesperada e aparentemente definitiva para São Paulo; de volta a que origem?

Sou um ser *de* e *da* universidade. Nada mais fácil do que concluir isto. Por caminhos tortuosos que re-viajo aqui com os sinais e as sínteses da memória, parece que tudo o que fiz e vivi até 1961 apenas antecipava o momento, já definido de antemão, de ingressar na universidade e na pequena coleção de suas vidas, de que não sairia mais então.

Quando em 1965 saio dela prematuramente e viajo para o México decidido a mergulhar em uma dimensão ideológica e profissionalmente "popular" de vida, cujo oposto, ao tempo, era justamente a idéia de "acadêmico", parece que, no entanto, todos os meus passos já estavam destinados a me retornar, uma, duas e três vezes à universidade. Talvez deva reconhecer agora a minha parte matreira de jogo em tudo isto. Eu mantenho para com a universidade uma relação fiel, mas desconfiada. Dei a ela, desde 1961: como aluno, como professor, como professor e pesquisador, como outra vez aluno, como de novo professor-e-pesquisador, como trauseunte de uma para outra (já fui professor de cinco delas), como candidato a livre-docente, a parte mais difícil de meu tempo. Dediquei ao seu pequeno mundo de obrigações e prerrogativas mais a vocação de meus deveres do que a reclamação de meus direitos. Quero dizer sem nenhum sentimento de falsa verdade que devo ter trabalhado nestes anos todos pelo menos o dobro ou mais das horas oficialmente re-

clamadas pelos meus contratos. Se o digo assim é porque sei que os leitores deste documento, professores-e-pesquisadores de longa carreira, como eu, vangloriam-se e se lamentam do mesmo que eu. Desde os primeiros anos de PUC no Rio de Janeiro transformei o que se vive na universidade e à sua volta no centro não apenas do imaginário, mas da face cotidianamente mais real de minha vida.

Tenho o costume (do psicólogo? do antropólogo?) de guardar ao longo dos anos as agendas usadas de meus dias e meses. Folheio algumas ao acaso. A partir de 1961, mas mais ainda a partir de 1967 e, ainda mais, de 1974 e de 1976 (a vinda para São Paulo e para a UNICAMP), não há quase espaços dos dias da semana em branco. Há sempre a anotação de uma viagem de trabalho, de pesquisa, de retorno de um seminário, de um "campo" que quase iguala os domingos às segundas. Às vezes há sucessões quase depravadas de inúmeros sábados-e-domingos dedicados a estudos, pesquisas, reuniões em Goiás, em Minas, em Marabá, em Salvador, em Alajuela ou nos andes peruanos.

Mas esta servidão aceita entre a reserva e a euforia, foi, vimos, durante anos dividida com outros tipos de trabalho. Tarefas derivadas por certo de meu "ser da universidade" e que disputavam em mim uma dedicação exclusiva para com ela. Primeiro fui um suposto militante-estudante que era também aluno de psicologia; depois fui um profissional de cultura popular no MEB que quase por acaso e às pressas viu-se com um diploma de licenciado em psicologia. Mais adiante fui um técnico de projetos do IBRA que dava à Universidade de Brasília 20 horas de vida a cada semana. Depois fui ainda, agora sim, um professor quase todo o tempo, mas por pouco tempo, porquanto um ano depois disto volto a ser de novo um aluno e um viajero pela América Latina de idéias antigas, revestidas na casca de novas. A volta a Goiânia me divide entre um psicólogo de curta carreira e, finalmente — 10 anos depois do do primeiro ingresso na PUC — um professor-e-pesquisador exclusivo. Ou seja, um profissional da universidade que agora reserva os tempos liminares a ela para "todo o resto": da poesia vivida nas noites e viagens aos trabalhos de apoio e assessoria a grupos envolvidos com os movimentos populares.

E é neste momento de passagem que a aproximação tropeçante à Antropologia e, depois, o ingresso no mestrado em Brasília, foram de uma importância inestimável. Ah! se houvesse um Julio Ver-

ne, um Karl May para contarem isto *de* mim, *a* mim mesmo. "Agora chega de subterfúgios, menino índio. Prepar-se para os rituais de iniciação. Eis que você será breve, um guerreiro da tribo!". Dediquei-me a isto com um afinco redobrado. Tinha então 32 anos, dois filhos, uma casa de tijolos à vista em Goiânia, um cargo de professor titular na Universidade Federal, um livro de poesias em meu nome que ninguém comprava e a custo eu brincava aos amigos mais generosos, e um livro de educação em nome de um amigo que todos compravam e apenas poucos sabiam que era meu. De resto, fora os filhos, a mulher amada e os amigos, qual o valor de tudo isto?

Um primeiro momento importante foi o do abandono definitivo da prática psicológica. Eu não recuperei apenas um tempo dividido entre clientes e alunos; entre o consultório, a sala-de-aulas e o campo. Recuperei uma unidade ainda não completa e nunca fácil em mim. Tinha agora à minha frente questões mais unitárias que me obrigavam a leituras menos desiguais. O curto e sério envolvimento com a Psicologia obrigou-me, por algum tempo, a leituras de psicoterapia não-analítica, de aconselhamento psicológico, de testes projetivos, que muito pouco tinham a ver com minhas outras questões. Mas como no COP ou na Clínica Santa Mônica eu lidava com pessoas cujos problemas pessoais não raro me mobilizavam mais do que os da cultura ou os da nação, eu dedicava à procura de soluções para eles um tempo maior do que o possível.

A partir de janeiro de 1971 volto-me às duas universidades e ao trabalho de apoio a grupos populares. Pouco depois cessam as viagens de cursos pela América Latina e trabalho no livro de que já falei aqui. Junto ao pessoal então reunido à volta de D. Tomás Balduino, na Diocese de Goiás, inicio uma presença assessora a pequenos projetos de pesquisas até hoje, volta e meia, me faz tomar os ônibus lentos que vão de Goiânia à cidade de Goiás. Livre aos poucos das disciplinas mais clinicamente psicológicas, sobretudo na Universidade Católica, desloco o eixo dos meus estudos e aulas para um domínio a meio caminho entre a Psicologia Social e a Sociologia.

Aprendo tarde demais que não se deve ser pela metade o que não se pode ser inteiramente: leio menos, pratico menos e não escrevo mais nem *sobre* dinâmica de grupos e equivalentes, nem *através* da costura mal feita de uma trama sempre mal absorvida de teoria marxista. Mas se quisesse descrever aqui o que e sobre o que

eu lia, por onde começar? Não é muito fácil. Eu trabalhava sobre aparentes opostos: fazia com os grupos de ação popular uma "análise da realidade" goiana e brasileira cujos fundamentos eram, por certo, os do marxismo relido por uma ótica menos ortodoxamente cristã. Mas dava aulas de Psicologia da Comunicação e de Psicologia Social usando livros, textos e modelos da mais genuína experiência norteamericana não-positivista. Pois então, pelo menos ali na província, *isso* era tudo o que havia sobre o assunto.

Um movimento que em mim tomou lugar, da poesia à ciência — e tudo sempre esteve muito associado — parecia conduzir-me e de teorias "duras", à direita e à esquerda, a teorias "brandas"; da quantificação à descrição; do teste de hipóteses à compreensão; da imposição de uma objetividade metodológica e externa à rigorosa liberdade da relação intersubjetiva na produção do conhecimento; da procura de causas e determinantes à busca de lógicas; da ideologia de classes sociais à identidade de categorias de sujeitos; da *questão* da cultura popular ao *sentido* da cultura; da instituição à pessoa; da exterioridade que sobreimpõe a interioridade, à interioridade que traduz a exterioridade; da "poesia Praxis" aos meus poemas; da psicologia às ciências sociais, mas delas a descoberta posterior de que elas são a mais difícil biografia.

Alguns autores novos para mim e descobertos por minha conta, entre uma leitura e outra, vieram a conviver em mim novas falas: George Herbert Mead, Peter Berger, a fenomenologia de uma sociologia compreensiva. Mais adiante, livros e artigos de Cultura e Personalidade que, como já falei aqui, foram o passo que faltava em busca da Antropologia. Mas eu ainda mal sabia o que era "aquilo". Quando voltei a procurar Roberto Cardoso de Oliveira eu havia lido fragmentos de George Foster no México, de Margareth Mead, Ralph Linton, Leslie White, Gordon Childe e alguns manuais de Introdução à Antropologia que li e reli em Goiânia. Eis-me então.

Para algumas pessoas, alguns tipos de programas de pós-graduação dão um título acadêmico e uma pequena variação ascendente em uma carreira. Por sua própria peculiaridade, a Antropologia dá uma profissão, dá um título e um lugar horizontal entre outros, mais importante do que o próprio grau. Alguém é psicólogo como eu fui, depois, mestre ou doutor em Psicologia. Mas alguém é advogado, médico, psicólogo, músico e, com o mestrado em Antropologia, é antropólogo antes de ser mestre. Associa-se à ABA, faz concu

· sos do ramo para departamento de ciências sociais, trata com intimidade a Leach e a Lévi-Strauss, considera-se, entre outros próximos e vizinhos, um pesquisador dedicado com mais ênfase à cultura, às culturas. Isto foi o que aconteceu comigo.

Pude voltar de meu mestrado de Antropologia Social para dividir o meu tempo de Universidade Federal de Goiás entre aulas (agora exclusivamente em minha nova área, deixando as disciplinas de Psicologia a colegas mais novos) e algumas tarefas no Museu Antropológico, onde inaugurei uma pequena tradição de pesquisas e por onde conquistei enfim um pouco mais de tempo e legitimidade para sair a campo e escrever tudo o que fiz em Goiás, entre 1972 e minha ida para a UNICAMP.

Mais do que apenas um lugar próprio e peculiar entre as ciências sociais, o mestrado na UnB deu-me a descoberta de uma maneira nova e há tão longo tempo desejada. Aos poucos aprendi pelo menos parte dos segredos de um novo olhar e, através dele, de uma outra lógica. É como se, exilado criança de uma fala e de uma gente, eu as viesse a descobrir muito mais tarde, quando à força havia convivido com outras pessoas e aprendido outras linguagens. Mas, ao descobri-las — a fala e a tribo — depressa eu me dei conta de que uma fração difícil de todas as minhas procuras estava enfim realizada.

Uma pequena demonstração disto: ainda durante o meu programa de mestrado comecei a estudar, a ler e a discutir com companheiros de cursos, dentro e fora de nossos seminários semanais, muito mais em um ano agora do que em vários, antes. Não me sentia apenas um estudante de pós-graduação, mas, uma vez mais e de acordo com novas regras e novos nomes, um convertido. Tal como em 1962, 10 anos antes, quando descobri na PUC a fala e a tribo dos movimentos da cultura popular. Mudei em muito pouco tempo o meu modo de pensar, a começar pela maneira como me descobri suspeitando de que todas as explicações anteriores, grosseiras e prontas a caber na interpretação de qualquer fenômeno, apenas punham à mostra uma pequena mancha de penumbra de um universo de relações bastante mais complexo e diferenciado. Foi então que tardiamente palavras como *símbolo* entraram pela porta da frente na minha vida. No entanto, é certo, nunca é no puro vale das idéias que as coisas em nós acontecem e eu descobria agora, com uma visibilidade até então desconhecida, que um "pensamento antropológico", ainda

genérico e confuso, mas delineado e renovador, vinha a ser — como *corpus* de idéias, como representação de planos interligados do real, como porão de minha própria identidade — apenas a fala reconhecidamente compartilhada de um novo feixe de pessoas e de relações. E se em poucos meses eu começava a balbuciar com relativo acerto algumas palavras, frases e fórmulas que davam de mim a mim e aos outros a imagem mais ou menos precisa de "ser um antropólogo" era porque, antes de me haver conduzido ao saber de sua ciência, eu me havia convertido ao seu peculiar campo de trocas. De algum modo a Antropologia conseguiu fazer comigo o que a universidade sem ela nunca fizera antes. Foi apenas a partir de meus estudos de mestrado que eu aprendi a respeitar a ciência e a pensar através dela: antes eu a usava mal, agora eu a queria como um bem. A um corpo poderoso, mas morto, a Antropologia deu vida, e a esta vida, um sentido.

Consegui uma liberação de dois anos para os cursos em Brasília e, pela primeira vez depois de tanto tempo, dedicava-me enfim a "uma coisa só". Desde logo fiz opções: alguma trilha entre os estudos de campesinato e as questões mais próximas a uma antropologia do rito e da religião me atraiu de imediato. Como não reconhecer aí o lugar de realização de antigos desejos e vocações?

Dentre os cursos interessaram-me peculiarmente os de identidade que Roberto Cardoso oferecia e onde expunha teorias dele e de outros antropólogos, novas para todos nós. Em 1973 a perspectiva de minha incorporação em um amplo programa de pesquisas sobre etnia e identidade étnica, do Instituto Nacional de Antropologia e História do México, foi apenas a razão prática de que necessitávamos, orientador e orientando, para que desde o projeto de dissertação eu dirigisse os meus estudos e programas de pesquisa para as questões de identidade étnica. Eu que pouco antes pensara fazer um estudo a respeito de campesinato goiano. Na primeira proposta do INAH eu iria como auxiliar de pesquisa de Silvert, da Escandinávia. Na segunda ele não poderia mais participar do programa de pesquisas e eu iria como coordenador de uma delas.

Orientei todos os meus estudos de então para esta direção. Apresentei meu projeto sobre trabalho e identidade de negros na cidade de Goiás e comecei de imediato a pesquisa de campo. Tive que fazê-la em muito pouco tempo, pois havia um prazo curto para a minha viagem ao México. Com dois anos de cursos, projeto, pesquisa e defesa, entre agosto de 1972 e setembro de 1974, completei

o mestrado.

Mas não fui ao México. Funcionário do governo, precisei apresentar junto ao Ministério da Educação um pedido de saída do país por pelo menos um ano. Encaminhando o meu pedido com, inclusive, carta do diretor do INAH ao ministro da educação, ele foi cair no então Departamento de Segurança e Informação do MEC. Nunca recebi uma resposta. Procurei falar com pessoas de lá, apelei para um de meus parentes da Marinha e tudo o que consegui saber foi que meu passado era suspeito o bastante para eu não merecer o que queria. Não haveria resposta em tempo hábil, eu não poderia viajar a não ser demitindo-me da universidade. Não o fiz e não viajei. Esta foi possivelmente a maior decepção de minha vida na universidade. Fazia tempos eu estudava as questões da pesquisa e estava absolutamente motivado a voltar ao México, com dois anos pela frente de pesquisas de campo em uma região e junto a uma gente que aprendera a amar.

Vejamos bem o que eu perdia. Eu perdia a oportunidade de sair de um programa de pós-graduação para uma equipe de antropólogos mexicanos e de outros países inteiramente dedicada a estudos e pesquisas na área de meu maior interesse. Voltei a Goiás, às minhas aulas e ao trabalho no Museu Antropológico. Hoje compreendo as dificuldades de orientandos meus do mestrado ou do doutorado que, com ou sem a tese pronta, retornam a uma capital longe e a uma universidade que, como a de Goiás naquele tempo, considera as salas de aulas e de reuniões os únicos lugares dignos de um docente. Perdi boa parte do meu contacto com as pessoas de Brasília, pelo simples fato de que dedicava a trabalhos de campo e às viagens necessárias quase todo o tempo antes dedicado aos estudos na UnB. Havia concluído o mestrado depressa demais e agora retornava a um tempo em que os momentos do estudo fecundo e o trabalho de campo precisavam ser conquistados a cada dia. Conquistei-os como pude.

Excluído da investigação mexicana sobre etnia, deixei por algum tempo também um campo de pesquisa que Roberto Cardoso de Oliveira acendera em mim. Dediquei-me a duas vertentes de estudos: uma orientada a questões relativas a sociedades e culturas camponesas; outra dirigida ao catolicismo popular. Não me separei mais delas e, na verdade, desde então até agora elas são em mim apenas tonalidades levemente diversas de busca de respostas às mesmas

perguntas. Mas se há uma lógica do sentimento na opção feita — caso contrário não a teria preservado em mim até hoje — pelo menos para a segunda há também um motivo de mera oportunidade. Não era possível obter mais tempos livres, fora os períodos de férias, para as pesquisas de campo, após o meu retorno da licença para o mestrado. Assim, eu utilizava os meses sem aulas para pesquisas em comunidades rurais de Goiás e lançava mão do estratagema de investigar festas e rituais do catolicismo popular, quase sempre realizado entre a noite de sexta e a de um domingo. Eis porque, inicialmente, produzi tantos estudos apressados a respeito de "ritos e festas" de negros e camponeses de Goiás.

Inscrevi alguns em concursos nacionais de monografias de de folclore. Florestan Fernandes e Maria Isaura Pereira de Queirós o haviam feito antes. Em um tempo em que eram raras, breves e modestas as bolsas de pesquisa aos profissionais da província, os prêmios de tais concursos representavam uma espécie de auxílio *a posteriori* e me garantiam a publicação de minha pesquisa como livro ou artigo. Isto me aconteceu quatro vezes: uma em Goiás, duas em São Paulo e uma no Rio de Janeiro.

Ao lado das sucessivas pesquisas sobre o catolicismo popular goiano, re-iniciei o projeto de estudos e pesquisas sobre comunidades rurais goianas. Ora com alunos auxiliares voluntários, ora com amigos do Rio de Janeiro, como José Ricardo Ramalho, fiz durante todos os anos entre o mestrado e a minha ida para São Paulo, pesquisas de campo a que, em conjunto dei o nome de: Sociedades Rurais do Mato Grosso Goiano. A última delas foi a única que me permitiu um diálogo mais produtivo e generoso, feito com interlocutores envolvidos no mesmo programa de pesquisas e situados fora de Goiás. Fui convidado por Klaas Wortmann para integrar uma equipe de antropólogos que deveriam pesquisar questões ligadas a hábitos e ideologias alimentares em diferentes regiões do país. Eis-me, de repente, usando um janeiro-e-fevereiro para descobrir como em Mossamedes as pessoas comem e pensam sobre o que comem. Aquele foi bem um momento síntese das minhas duas linhas de pesquisa: aproveitei o tempo em Mossamedes para fazer um estudo a respeito dos rituais do ciclo natalino entre camponeses de Goiás.

Aquele seria por muito tempo o meu último trabalho em Goiás. Em 1985, Douglas Teixeira Monteiro, que eu não conhecia antes, convidou-me para uma mesa redonda na SBPC em Belo Horizonte. Não sei até hoje por meio de quem ele veio a saber de minhas pesquisas.

Estivemos juntos em 03 dias de julho. Ele me falou de seus planos de formar na USP uma equipe de pós-graduandos dedicados a estudos de sistemas simbólicos e, especialmente, de religião. Convidou-me para prestar exame para uma primeira turma de doutorandos. Meses depois eu fui à USP e fiz prova e entrevista. Na espera entre uma coisa e a outra lia anúncios pregados pelas paredes do Departamento de Ciências Sociais. Um deles convocava mestres-em antropologia a se apresentarem para concurso na UNICAMP. Carioca provinciano em Goiás, eu nunca havia sequer ido a Campinas e não conhecia ninguém de lá. Tampouco tinha então, de imediato, planos de sair de Goiás. No entanto pareceu-me uma idéia feliz associar pelo menos parte de meus anos dedicados ao doutorado, a ser iniciado em agosto de 1976, com o trabalho em uma universidade como a UNICAMP, onde pela primeira vez depois de Brasília poderia contar com uma equipe de colegas antropólogos. Enviei uma carta, apresentei-me para um seminário e, a partir de dezembro, fui contratado para o Conjunto de Antropologia. Tinha então planos de regressar a Goiás depois de 03 anos em São Paulo, entre o doutorado na USP e o trabalho na UNICAMP. Não voltei mais, depois de 12 anos.

Devo em boa medida à Antropologia a visibilidade de outros caminhos para a minha prática de educador popular a que, veremos, irei retornar inesperadamente e com desbragada fúria após o doutorado. Devo mais, Devo a ela um outro olhar até mesmo para a minha poesia. Depois de *Os Objetos do Dia* eu me separava da Praxis que, como a Psicologia Experimental, havia sido uma dura prática de contra-fala em mim. A Antropologia sugeriu outros sentimentos de que, mais tarde, *Diário de Campo* seria uma espécie de relatório amoroso.

Memorial

1976 a 1979: de Goiânia a Campinas; de Goiás a São Paulo.

- 1975, Campinas, UNICAMP: sou incorporado ao Conjunto de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, a partir de dezembro de 1985, como professor assistente, MS-2, em RDIDP. A partir de março de 1976 leciono o meu primeiro curso na UNICAMP: Introdução à Antropologia (doc. 126).
- 1976, Goiânia, UFG: desligamento, a pedido, do cargo de professor titular, a partir de 15 de fevereiro, após pouco mais de 08 anos de trabalhos (doc. 127).
- 1976, Brasília, SBPC, participo da 28^a reunião anual: a) simpósio sobre identidade sexual e laços intra-sexuais no Brasil; b) comunicação sobre rituais religiosos de negros católicos no estado de Goiás; c) comunicação sobre crenças e costumes de comida em Mossamedes (docs. 128, 129 e 130).
- 1976, São Paulo, Universidade de São Paulo, Departamento de Ciências Sociais: início dos estudos para doutoramento em Sociologia, tendo como orientador o Dr. Duglas Teixeira Monteiro (sem documento).
- 1976, Goiânia, Universidade Católica de Goiás, Escola de Arquitetura e Artes: conclusão com aproveitamento de Curso Livre de Fotografia iniciado em 1975 (doc. 131).
- 1976, Curitiba, Universidade Federal do Paraná: palestras no Curso de Especialização em Antropologia, promovido pelo Departamento de Psicologia e Antropologia (10 horas) (doc. 132).
- 1976, Brasília, Ministério da Educação e Cultura: publicação de meu artigo: *Congadas, Congos e Reïnados - rituais de negros católicos*, na revista *Cultura*, out/dez, nº 23, ano 6, p. 78 a 93, com fotos a cores do autor (doc. 133).
- 1976, Goiânia, União Brasileira de Escritores, Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, IIº Concurso Nacional de Literatura: prêmio especial para autores goianos, com o tr

- balho de poesia: *Os Objetos do Dia*, publicado pela Editora Oriente, com prefácio de Mário Chamie (seria o meu último trabalho com alguma participação na Instauração Praxis (doc. 134).
- 1976, Brasília, Ministério da Educação e Cultura, DAU: participo de reuniões de especialistas em ciências sociais para a elaboração do futuro currículo de Estudos Sociais (doc. 135).
- 1976, São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo: 1º colocado no 30º Concurso Mário de Andrade de monografias sobre folclore nacional, com o trabalho: *A Festa do Santo de Preto - as congadas de Nossa Senhora do Rosário em Catalão* (doc. 136).
- 1976, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Instituto de Ciências Humanas: participo de 30 horas de aulas sobre Antropologia da Religião e coordenei seminários sobre o assunto, como parte de um curso de Especialização em Antropologia Social (doc. 137).
- 1976, Goiânia, UFG, Campanha Nacional de Alimentação Escolar: participo de pesquisa sobre a influência da alimentação no rendimento das atividades escolares, cujo relatório é publicado em co-edição UFG/INEP/SEC/CNAE em Brasília (doc. 138).
- 1977, Fortaleza, SBPC: participação no simpósio sobre a questão da Cultura Popular (doc. 139); participo também de mesa redonda sobre alternativas da educação popular (doc. 140).
- 1977, São Paulo, Associação dos Sociólogos do Estado: mesa redonda sobre educação e cultura do povo (doc. 141).
- 1977, São Luís do Maranhão, Fundação Cultural e Universidade Federal do Maranhão: coordeno um curso sobre a abordagem do fato folclórico na Antropologia Social (30 horas) (doc. 142).
- 1977, Rio de Janeiro, FUNARTE: através de concurso nacional recebo bolsa para pesquisa de rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Documento entregue à FUNARTE com o nome de: *"Deus Te Salve, Casa Santa"* (doc. 143).

- 1977, Campinas, UNICAMP: bolsa de pesquisa do CNPq para o projeto da tese de doutoramento na USP (sem documento).
- 1977, Curitiba, Studium Theologicum: faço palestra sobre a dimensão socio-política da religião do povo, em seminário promovido pelo Studium Theologicum; texto depois publicado no Cadernos do ST, nº 6, 1976, p. 7 a 38 (doc. 144).
- 1977, Goiânia, Federação Nacional de Orientadores Educacionais: conferência sobre os valores socio-culturais da orientação educacional durante o VI Encontro Nacional de Orientadores Educacionais (doc. 145), depois publicado em fascículo pela FNOE (1976) (doc. 146)
- 1977, Rio de Janeiro, FASE: *Da Educação Fundamental ao Fundamental na Educação*, publicado no Suplemento I da FASE; republicado no Cadernos do Centro de Estudos de Educação e Sociedade, Campinas, ano 1, nº 1, p. 5 a 34 (1980) (doc. 146).
- 1977, Pátzcuaro, México, CREFAL: publicação de meu projeto de pesquisa sobre *modificações de atitudes de adultos de meio rural*; Carta Informativa del CREFAL, nº 18 e 19, 1977, p. 89 a 99 (doc. 147).
- 1977, Rio de Janeiro: publicação de resenha sobre a obra de Roberto Cardoso de Oliveira - *"Do Índio ao Bugre, da assimilação à etnia*, no Anuário Antropológico, ano 1976, p. 295 a 300 (doc. 148).
- 1977, Goiânia, Secretaria de Educação e Cultura de Goiás: *A Dança dos Congos da Cidade de Goiás* é publicada integralmente na Revista Folclórica nº 6, ano 6, p. 11 a 99 (doc. 149).
- 1977, Rio de Janeiro, FUNARTE: publicação de *A Folia de Reis de Mossamedes* no Caderno do Folclore da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, nº 20 (doc. 150).
- 1977, Rio de Janeiro, Instituto Superior de Estudos da Religião: coordeno o nº 6 do Cadernos do ISER, dedicado a estudos sobre o Pentecostalismo; escrevo a *apresentação* (doc. 151).
- 1977, Rio de Janeiro, *Religião e Religiosidade Popular - algumas anotações*, publicado no Suplemento CEI nº 12, p. 12 a 14 (doc. 152).

- 1978, Campinas, UNICAMP, FE: expositor no 1º Seminário de Educação Brasileira, com o tema: função e estrutura da pedagogia na educação brasileira contemporânea (doc. 153).
- 1978, Campinas, UNICAMP: a comissão especial estabelecida pela portaria GR-192/78, manifesta-se favoravelmente à equivalência de meus títulos de Mestre em Comunicação e Mestre em Antropologia Social obtidos em Brasília, na UnB, para fins "interna corporis" aos da UNICAMP (doc. 154). Aprovado depois pelo Conselho Diretor da UNICAMP
- 1978/83, Rio de Janeiro, Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER): membro do Conselho Editorial da Revista Religião e Sociedade (doc. 155).
- 1978, Rio de Janeiro, publicação de meu estudo: *O Número dos Eleitos - religião e ideologia religiosa em uma sociedade de economia agrária no estado de São Paulo*, Religião e Sociedade, nº 3, p. 53 a 92 (doc. 156).
- 1979, Fortaleza, SBPC: participo de mesa redonda sobre movimentos sociais populares e igreja católica no Brasil (doc. 157).
- 1979, Goiânia, Universidade Católica de Goiás, Departamento de Artes e Arquitetura: palestra sobre Cultura e Educação (doc. 158).
- 1979, Rio de Janeiro, ISER/CEDEC/CLACSO: conferência sobre *A Igreja e os Movimentos Populares Rurais*, durante o seminário sobre *A Igreja e os Movimentos Populares no Brasil* (doc. 159).
- 1979, São Paulo, Centro de Estudos da Religião: eleito diretor-presidente suplente em chapa encabeçada pela profa. Heloisa Helena Souza Martins (doc. 160).
- 1979, São Paulo, CER: faço conferências sobre minha tese de doutoramento - *Os Deuses de Itapira* (doc. 160-A).
- 1979, São Carlos, Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos: faço um ciclo de cinco palestras inseridas na disciplina de Humanidades e Ciências Sociais (doc. 161).
- 1979, Joaçaba, Fundação Educacional do Oeste Catarinense: comunicador e debatedor no 1º Seminário sobre Messianismo,

- Coronelismo-Caudilhismo no Contestado (doc. 162).
- 1979, Goiânia, Associação Profissional de Assistentes Sociais: faço conferência no Iº Encontro Estadual de Trabalho Social em Camadas Populares (doc. 163).
- 1979, Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, FE: faço exposição sobre Universidade atual e comunidade brasileira, durante o Iº Seminário sobre Universidade Brasileira (doc. 164).
- 1979, Cuiabá, Fundação Universidade Federal do Mato Grosso, D. de História: conferência durante o Iº Encontro de Antropologia (doc. 165).
- 1979, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: doutor em Ciências Humanas - área: Sociologia, como apresentação de tese: *Os Deuses de Itapira - um estudo sobre a religião popular*, diante de banca constituída pelos seguintes professores: Dr. José de Souza Martins (orientador, após o Dr. Duglas Teixeira Monteiro), Dr. Peter Fry, Dr. Rubem de Azevedo Alves, Dra. Ruth Correa Leite Cardoso, Dr. Lísias Nogueira Negrão. conceito: 10,0 com distinção e louvor (docs. 166, 167 e 168).
- 1979, Rio de Janeiro, Anuário Antropológico: co-responsável pela edição de Identidade e Etnia, junto com o Dr. Roque de Barros Laraia (doc. 169).
- 1979, São Paulo: publicação de meu artigo "*De Errantes a Errados?*", escrito para uma série de estudos em memória do Dr. Duglas Teixeira Monteiro, publicado em *Religião e Sociedade*, nº 4, p. 17 a 24 (doc. 170).
- 1979, Rio de Janeiro: publicação de artigos no nº 08 do Cader - nos do ISER: *Classe Social, Religião e Ideologia Religiosa* (doc. 171) e *A Cura por Correspondência* (doc. 172).
- 1979, Paris, *Religiõn et Idéologie Religieuse à Monte Mor*, artigo publicado nos Archives de Sciences des Religions, nº 47/1, jan/março 1979, p. 91 a 121 (doc. 173).
- 1979, Goiânia/Brasília: publicação de minha dissertação de mestrado, como livro editado pela Oriente e Editora da UnB: *Peões, Pretos e Congos - trabalho e identidade étnica em Goiás* (doc. 174).

- 1979, São Paulo: *Eva viu a Luta - algumas anotações sobre a pedagogia do oprimido e a educação do colonizador*, artigo publicado em *Educação e Sociedade (CEDES)* nº 3, maio 1979, p. 15 a 23 (doc. 175).
- 1979, Cidade de Goiás/Rio de Janeiro: participo de pesquisa a respeito de condições de saúde entre populações carentes da região da Diocese de Goiás (sem documento).
- 1979, São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção: um semestre de aulas de Antropologia da Religião no curso de Doutorado em Teologia (sem documento).
- 1979, Marília, UNESP: faço conferências sobre Catolicismo e Frentes de Expansão durante a XX^a Semana da Faculdade de Filosofia (sem documento).
- 1979, Curitiba, Centro de Pesquisas e Avaliações Educacionais: duas conferências sobre educação e classes trabalhadoras (sem documento).
- 1979, Rio de Janeiro, *Revista da Civilização Brasileira*: Os P (r) o (f) e t a s, poemas publicados no nº 7, janeiro de 1979, p. (doc. 176).

Minha Memória

1976 a 1979: de Goiás à São Paulo, de Goiânia a Campinas, da Universidade Federal de Goiás à UNICAMP; o doutorado e o que viria a seguir; a aurora do "senior"?

É preciso separar aqui, quando começo a falar do tempo de minha vida em São Paulo, na USP e na UNICAMP, dois períodos. O primeiro abarca a saída de Goiás e da UFG, o ingresso no doutorado e na UNICAMP. O segundo vem do cumprimento dos ritos e deveres do doutorado, até agora; até esta manhã cinza de quarta em que, preparando a reunião da ANPOCS hoje, em Águas de São Pedro, eu me surpreendo cumprindo os deveres e ritos da Livre Docência. Vividos em um mesmo lugar, entre os mesmos e outros companheiros de estudo e trabalho, não apenas por causa do doutorado, elas são em alguns aspectos bastante diferentes. Mais adiante será talvez preciso reconhecer, no último percurso da trajetória que narro aqui, uma nova divisão em outros dois momentos.

Quando um dia em Goiânia, por volta do mês de novembro, obrigado a dar à UNICAMP uma resposta urgente sobre minha decisão de ir ou não para lá, perguntei a um primo de Maria Alice que me havia auxiliado em pesquisas e que hoje é um professor de Ecologia na UFG, o que ele pensava a respeito do que eu deveria fazer, a sua resposta foi sabiamente goiana:

"Ora, tudo depende de saber se você prefere ser sapão de lagoinha ou sapinho de lagoão".

A resposta é brincalhona e talvez não devesse estar aqui. Mas eu não conheço fórmula que naqueles dias traduzisse melhor a minha condição. Até então fizera oscilarem em mim o cientista e o "missionário"; o homem de universidade e o que não deixa de manter sempre, fora dela, o seu "espaço alternativo"; o estudante de grandes cidades e de academias conhecidas (Rio de Janeiro, PUC, Brasília, UnB) e o professor de vocação provinciana.

Havia ido para Goiás como uma opção de vida e de trabalho premeditada. Sonhara com ela e pouco a pouco a havia realizado. Brasília havia sido um breve estágio de passagem. Estava muito bem em Goiás. Conseguira finalmente unificar um pouco mais o repertório das idéias e dos compromissos de trabalho. Estava em uma só universidade e não mais em duas ou três. Fazia apenas o trabalho

de um professor que, quando pode, estuda e pesquisa. Vindo do mestrado obtivera sem dificuldades a divisão de minhas 40 horas na Universidade Federal de Goiás entre as aulas e reuniões do ICHL e o direito à pesquisa e à escrita no Museu Antropológico. Mantinha com os meus alunos uma relação gratificante e, em alguns momentos, muito produtiva. Mas agora, antropólogo, uma solidão do diálogo entre os pares, pouco pressentida até então, havia aumentado muito. Éramos raros antropólogos, todos muitos ocupados em seus lugares de ofício e apenas um deles, ao tempo, logo depois feito reitor da Universidade Católica de Goiás, trabalha em áreas que faziam fronteiras com as minhas preocupações.

Repito que minha decisão de sair de Goiás em direção a São Paulo era parte de um projeto transitório. Convertido a Goiás — sempre fui mais uma pessoa de fidelidade a relações e a lugares do que a idéias — eu voltaria para lá feito o doutorado e vivida a experiência do "ser da UNICAMP" e habitar, pela primeira vez como professor, uma confraria de antropólogos, companheiros de dúvidas e falas.

Devo dizer que se esta era então a minha intenção, ela foi e segue sendo quase plenamente realizada. Lembro que o mestrado em Brasília fora, mais do que uma variação do grau e do modo do olhar e do pensar, a descoberta de um lugar social do pensamento, consubstanciado em uma profissão e na inclusão, agora não mais marginal, ao círculo da Antropologia. Não são, portanto, apenas teóricas e ligadas ao meu recente re-aprendizado, as razões pelas quais entre 1972 e 1975 eu me vi saltando de uma pesquisa "dura" e de uma escrita precariamente competente, que me servia, mas que não me convencia, para uma outra. Relatórios sucessivos de pesquisas de campo, algumas apressadas demais, reconheço, mas que traduzem, melhor do que um meu novo ver e compreender a realidade exterior, o meu rever-me a mim mesmo, através de buscá-la com outros olhos e tentar descrevê-la com uma outra lógica.

Eu tivera a fortuna de haver sido orientando de Roberto Cardoso de Oliveira no mestrado. Dupla sorte, porquanto o encontrei logo no momento em que o próprio mestrado se implantava e os professores tinham, então, um raro tempo inevitavelmente disponível para os meus alunos. Por isso não fui apenas orientado por ele; trabalhamos juntos através de minha pesquisa entre os negros de Goiás, e sua orientação tanto servia a tornar o meu trabalho final mais consequente, quanto a formar-me em um duplo sentido: em

termos imediatos, para a minha inclusão, logo depois, na equipe de pesquisas do INAH, na Meseta Tarasca; em termos duradouros, para a minha realização posterior como professor e orientador de outros alunos. Orientado para fazer uma dissertação, vi-me todo o tempo orientado para ser um antropólogo. E, aí, creio agora que o sentido vocacionalmente ético do que aprendi valeu tanto ou mais do que a razão profissionalmente teórica dos conteúdos que me foram transmitidos por ele e pelos outros professores da UnB.

O doutorado em São Paulo foi vivido de maneira em alguma coisa diferente. Ao contrário do mestrado, eu era agora um professor recém-contratado pela UNICAMP. Viera habitar Campinas e tinha a meu cargo, logo no primeiro semestre de 1976, um curso de Introdução à Antropologia para o "básico". Mas ganhei uma vantagem adicional de não pequena importância: fui de imediato incorporado a duas equipes de trabalho com quem, muito mais do que em Goiânia e em Brasília, eu me envolvi intensamente. A primeira, a de meus próprios companheiros de Conjunto de Antropologia. Ali convivi, com a timidez, mas também com a curiosidade de um professor "junior" chegado da província, com "pais fundadores" de nossa pequena comunidade: Verena Martinez-Allier e Peter Fry, e com os seus sucessores imediatos, Manuela Carneiro da Cunha e Antônio Augusto Arantes. A segunda, a equipe formada por Duglas Teixeira Monteiro em torno à questão de uma Sociologia da Religião.

Fiz apenas três cursos durante o doutorado e os concluí em um ano: um com o próprio Duglas Teixeira Monteiro, sobre os fundamentos sociológicos da religião; outro com Renatte Vietler, também na USP, sobre sistemas simbólicos, e um último com Diana Brown, na UNICAMP e ele me foi um contraponto ao curso dado pelo prof. Duglas. Pela primeira vez, tendo como foco da questões a religião, consegui conhecer e recuperar autores clássicos sempre ligados às presssas e aos pedaços, até então. Os estudos de Antropologia Social, do mestrado em diante, levaram-me ao conhecimento de uma leitura muito especializada na própria Antropologia. Fértil caminho que, mais do que qualquer outro, ensinou-me novas perguntas e respostas, ele havia, no entanto, deixado em aberto um aprofundamento necessário na teoria sociológica. Lemos Marx, Weber e Durkheim e deles saímos em direção à sociologia que buscava atualizá-los. Pierre Bourdieu foi, entre todos, de uma importância muito grande e os seus traços estão por toda a parte em *Os Deuses de Itapira*, minha tese de doutorado.

Percorri, entre Goiânia, Brasília, Campinas e São Paulo, e entre 1972 e hoje, um caminho semelhante ao da própria da Antropologia. Saí de uma sociologia da cultura a uma antropologia do sentido. Durante todo o tempo do curso de doutorado, leituras *de e sobre* o estruturalismo, por exemplo, importantes em alguns breves momentos de meu mestrado, deram lugar a estudos sobre as condições sociais da produção e reprodução de lógicas e de símbolos. Não me interessava então, tanto, perguntar a cultura qual o seu sentido e como ela o *diz* mas saber como e sob que condições sociais os homens, vistos como categorias de sujeitos, são culturalmente levados a viverem e pensarem; a politicamente ordenarem formas diferentes e diferenciais de vida social e a atribuírem a isto um sentido legitimador.

Curioso lembrar agora que eu havia entrado no doutorado com um projeto a respeito das festas brasileiras em louvor do "Divino Espírito Santo". Um ano mais tarde, algumas leituras, algumas idéias inquietantes e, também, uma consciente insistência de meu orientador, levaram-me a, uma vez mais, tal como no próprio mestrado, alterar um projeto anterior e realizar um outro. Um projeto dois meses antes de ser pensado sequer imaginado como uma possibilidade. Douglas fazia então pesquisas a respeito de relações entre sistemas religiosos brasileiros. Pesquisas renovadoras sobre o campo religioso e, não apenas, sobre uma religião tomada em si e nas suas relações diretas com a sociedade e as culturas brasileiras. Ele me convocou — mais do que sugeriu — a dar continuidade a tal projeto. Dediquei-me, entre 1977 e 1978, a pesquisar "todas as religiões e nenhuma" em duas cidades do interior de São Paulo. A primeira, Monte Mor, escolhida como uma espécie de local de treino, deu-me um conhecimento prévio e, depois, um artigo publicado no Rio de Janeiro e em Paris. A segunda, Itapira, deu-me a tese de doutorado. Aí convivi quase dois anos com pais de santo, médiuns, padres, pastores e dançadores da fé.

A morte de Douglas na fase principal de meu trabalho de campo, foi duramente sentida por mim. Quando me vi na USP, ao lado de Azzis Simão e Maria Isaura Pereira de Queirós, na mesa redonda de uma homenagem a ele, falando a todos em nome de seus alunos, compreendi que havia perdido uma pessoa afetuosamente amiga e um companheiro de pesquisa — "estamos no mesmo barco" ele havia me dito mais de uma vez — mais do que apenas um orientador. Eu vivia então um momento generosamente fértil de estudos pessoais e de

trabalhos de campo. Creio, hoje, que a perda dele apenas não paralisou por inteiro o meu trabalho, mais do que por somente uns dois meses, porque logo depois fui aceito por José de Souza Martins como seu orientando.

Interrompi durante os anos de 1976 e parte de 1978 quase toda a minha atividade "militante" e paralela a meus estudos, e dediquei-me intensamente a eles. Em Itapira amadureci uma vocação, viva ainda, de pesquisa de campo. Vivi um tempo intrigante e produtivo. Sempre mais acelerado do que o ritmo devido à ciência, em um mês mais do que 03 anos concluí os meus cursos, a pesquisa, a tese e a defendi.

O contacto com José de Souza Martins e alguns acontecimentos próximos demais a mim e à minha vida, para que eu pudesse não vê-los, vieram, uma vez mais, a reorientar para novos antigos caminhos o meu tempo e os meus estudos, durante a fase final de meu doutorado e os anos posteriores. Creio que para continuar a ser fiel a um depoimento sobre mim mesmo, falo sobre isto com dúvidas, porque até agora não sei com certezas se deveria haver-me decidido a retornar a questões e práticas que julgara superadas em minha vida quando vim para São Paulo e para o doutorado. Difícil imaginar que consegui conciliar o trabalho docente na UNICAMP, a pesquisa de campo e, depois, o tempo de elaboração de seus escritos, com a razão de uma nova re-entrada no universo das ações e idéias ligadas à Educação Popular. Mas foi exatamente isto o que me aconteceu. Um simples olhar atento ao meu *memorial* do período sugere perguntas intrigantes. Há um quase vazio de "feitos" entre 1977 e 1978. Eu estava entregue aos estudos e ao trabalho de campo em Itapira. Mas eis que de 1979 (fim do ano) e 1980 eu me multiplico entre viagens, presenças, escritos e vivências.

Quando concluí o meu programa de estudos e pesquisas de doutorado voltei a trabalhar intensamente no Departamento de Ciências Sociais da UNICAMP. Ano e meio depois, eu assumiria a chefia do Conjunto de Antropologia. Tomei a meu cargo a primeira "leva" de orientandos" e vivi com eles uma primeira experiência de trabalho coletivo em São Paulo. Com a saída de Luis de Barros Mott para a Bania, herdo uma pequena equipe de orientandos seus, entregues a pesquisas de Antropologia da Saúde. Faço com eles um trabalho de orientação coletiva. Peter Worsley que neste tempo estava entre nós e interessava-se pelo estudo comparativo de sistemas

orientais e ocidentais de práticas de cura, incorpora-se ao nosso grupo semanal de discussões e todos ganhamos muito com a sua presença. Anos mais tarde todos terão defendido as duas dissertações. Pouco depois também, Ana Maria Niemeyer e eu iniciamos uma experiência de trabalho seriado com alunos de graduação. Durante três semestres damos cursos que se sucedem como: *Cultura, Educação e Universidade*. No 3º semestre inicio com os alunos restantes um trabalho de pesquisas coletivas sobre estruturas e processos de reprodução do saber popular. Formam-se pequenas equipes de iniciantes de trabalho de campo e alguns chegam a produzir bons relatórios.

Rubem Cesar, Manuela eu e mais outros organizamos um pequeno número de estudos de religião. Durante mais de um ano repetimos seminários quinzenais e aquele foi para mim um dos momentos mais produtivos da UNICAMP. Toda a teoria sociológica e antropológica da religião, discutida durante os cursos do doutorado, retorna agora sob a forma de relatos e discussões em torno a trabalhos de campo realizados por professores e alunos da UNICAMP e de fora. Ao mesmo tempo eu já participava do Centro de Estudos da Religião, fundado na USP por Duglas Teixeira Monteiro e do Instituto de Estudos da Religião, no Rio de Janeiro. Estou até hoje vinculado aos dois e pelo ISER participo de um grupo de pesquisas sobre o *catolicismo na sociedade brasileira atual*.

Por volta de 1978, quando eu mal havia concluído a minha pesquisa de campo em Itapira, um primeiro sopro de abertura política e cultural reacende, de uma forma possivelmente não esperada pelas autoridades militares, a questão e a prática dos *movimentos populares*. Paulo Freire retorna ao Brasil e faço com ele, a Goiânia, uma primeira viagem ao interior do país depois de 18 anos. Com a volta dele foi sugerida a possibilidade de eu vir a ocupar em Genebra o seu posto no Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas. Uma conversa com ele convence-o, e a mim, de que eu estaria melhor naquele momento aqui, no Brasil. Entre a consciência da realidade e o desejo do mito, fazemos a contagem e descobrimos que somos poucos aqueles inteiramente dedicados, desde os anos 60, à teoria e prática da educação popular: Paulo Freire, Osmar Fávero, Luis Educaro Wanderley (depois reitor da PUCSP), Vanilda Paiva, Moacyr Gadotti, Pedro Garcia, Beatriz Costa, Safira Amman e outros mais, descendentes vivos e ativos dos tempos dos CPCs, eis-nos quase vinte anos depois, reconvocados e

reunidos mais uma vez em volta da busca de sentido da presença de pessoas como nós — profissionais de várias áreas do saber e da universidade — e de outros, diretamente envolvidos com a fração uma vez mais "popular" dos movimentos sociais.

Eu não saberia como descrever este tempo de minha viagem, que vai do quase fim de meus dias de doutorado na USP até quase hoje, se não me viesse a cabeça a imagem de uma vida que, de repente, em ser ela mesma, é, no entanto, vivida em dois ritmos diferentes. Dois ritmos de pensar, de fazer o estudo, de escrever e viajar, de viver, enfim, que no mais das vezes parecem correr paralelos *em e através* de uma mesma pessoa, mas que ora se opõem e, algumas vezes, entram em conflito aberto; um conflito de, que devo me reconhecer, ao mesmo tempo, como réu e vítima.

Há o ritmo de trabalho na UNICAMP e no ISER como um professor e um antropólogo. Concluído o dever do doutorado volto-me aos meus alunos, assumo comissões e, quando não os posso evitar, assumo cargos na UNICAMP. Retomo projetos de pesquisas e me vejo outra vez interessado em questões ligadas à vida cotidiana e ao símbolo na sociedade camponesa. Sem pressa amadureço leituras dos cursos, oriento alunos e retomo campos de pesquisas. Exilado do Planalto Central, volto-me a Minas Gerais e, logo depois, à região do Alto Paraíba, em São Paulo, onde estive pesquisando entre 1982 e 1986. Lentos e mais bem cuidados de mim e dos outros alguns livros de pesquisas anteriores e de estudos atuais são publicados então, a começar por *Os Deuses do Povo*, nome que minha tese toma para sair à rua.

Há o ritmo da participação em trabalhos de pesquisa, de viagens e de participação em assessorias e seminários *de e sobre* educação popular. Elas se multiplicam entre 1980 e 1985 com uma intensidade quase insuportável. Primeiro aqui mesmo, no Brasil, sou convocado e me faço presente em um número de simpósios e equívocos valentes sobre o assunto que, mais o senso de proporção do que propriamente uma modéstia indevida, me levam a não relacionar por completo no *memorial*. Depois o olhar estende-se a todo o continente. Reúno em dois livros artigos de trabalhos práticos e de pequena teoria a respeito de *pesquisa participante*. A tal ponto algumas faces do mundo de idéias em que nos movemos são falsas, que em pouco tempo sou confundido com um especialista no assunto. É verdade que entre Goiás e São Paulo envolvo-me com a prática direta ou com a assessoria de algumas pesquisas realizadas no con

texto de grupos e movimentos populares. *O Meio Grito e Condições de Vida e Situação de trabalho do Povo de Goiás* possuem relatórios finais elaborados por mim. Mas nunca conseguir ser, tão sério e sistemático quanto outros, entre os quais apontaria Marcela Gajardo no Chile, Michel Thiollent e Hugo Lovisolo entre nós, um estudioso e um teórico competente da pesquisa participante. Se anos mais tarde apareço em um livro de entrevistas publicado em Montevideo, junto com Orlando Fals Borba, da Colômbia, é justamente para expressar a minha inquietante preocupação com a proposta apressada de "um novo paradigma de ciência e de pesquisa", onde me parece que não há mais do que uma requalificação de intenções de trabalho e usos sociais do conhecimento científico, não mais apenas *sobre* sujeitos populares, mas *com* e *para* eles.

Escrevo sem parar e, é preciso que o confesse, sem me dar agora na dimensão imposta pelas urgências desse ritmo, o tempo devido de reflexão, uma série de artigos e livros sobre *cultura e educação popular*. Mais de uma vez aproximo, em artigos, pessoas como Paulo Freire, Vanilda Paiva, Orlando Fals Borba e Marilena CAHUÍ e faço serem editados livros sobre educação (*O Educador Vida e Morte*) e, especialmente, sobre a *educação popular (A Questão Política da Educação Popular)*, cuja rápida sequência de edições torna evidente a sede e a pressa social de seu saber.

Nos primeiros anos deste envolvimento estou mais próximo dos grupos e movimentos então denominados de "alternativos", entre os quais, uma vez mais, os "de igreja" são os mais ativos e relevantes. Mais tarde sou convocado para dialogar com pessoas, grupos e instituições do próprio governo, como o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, a Secretaria de Cultura do então Ministério de Educação e Cultura, o Projeto Rondon e alguns outros antropólogos, mais de 2/3 de minhas viagens a outras universidades do país — e poucas ficam de fora — são para faculdades de educação e para atividades de reflexão e análise junto a educadores. Integro o Conselho de Educação de Adultos para a América Latina e uma muito próxima conferência continental em Guanajuato, no México, deverá encerrar em novembro o meu tempo de presença ali e os meus 25 anos de trabalho na área.

Um acontecimento interno à UNICAMP divide os tempos de que falo aqui. A Faculdade de Educação pretendeu criar uma área de pós-graduação em Ciências Sociais Aplicada à Educação. São convidados professores como Paulo Freire, Vanilda Paiva, Luis Antônio

Cunha, Rubem Alves e, mais tarde, Roberto Romano. Fui também convidado a me passar com bandeiras, armas e bagagens do IFCH para a Faculdade de Educação. Em boa hora resisti à tentação de conviver com uma equipe notável de antigos companheiros de consenso e conflito, afora reunidos em um mesmo departamento na UNICAMP. Aquele seria um lugar e um tempo bastante mais "quentes" do que os de meu ritmo e reduto no Conjunto de Antropologia. Nunca me arrependi de não haver deixado a Antropologia pela Educação e, a partir de então, subordinando o ritmo desta ao daquela, passei da escrita rápida de artigos de momento, para uso interno, à pesquisa de campo destinada a pensar antropologicamente a questão das estruturas e processos de troca e reprodução do saber na sociedade camponesa.

• **Memorial**

• *depois do doutorado: 1980*

- Rio de Janeiro, SBPC: participo do debate sobre políticas e práticas da Educação Permanente e da Educação Popular em uma sociedade democrática e da mesa redonda sobre educação e grupos marginalizados (docs. 175 e 176).
- Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, Mestrado em Educação, FE: participação em cursos regulares para os alunos entre 1980 e 1983 (docs. 177 e 178).
- Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina: faço conferência sobre a prática do educador e perspectivas de educação popular (doc. 179)
- São Paulo, PUC, Programa de Ciências da Religião: leciono Antropologia da Religião para alunos de pós-graduação em Ciências da Religião, durante um semestre (doc. 180) e faço três conferências para alunos e professores do mesmo curso (doc. 181).
- Rio de Janeiro, UFRJ, Museu Nacional: conferência sobre "Os Deuses do Povo" para alunos e professores do PPGAS (doc. 182).
- Manaus, Universidade do Amazonas, FE: pequeno curso sobre valores socio-culturais e orientação educacional (doc. 183).
- Campinas, UNICAMP, Faculdade de Ciências Médicas: conferência sobre religiões e curas no Brasil, no curso de Ciências Sociais Aplicadas à Medicina (doc. 184).
- Passo Fundo, Universidade de Passo Fundo, FE: palestras sobre educação popular (doc. 185).
- Goiânia, Universidade Católica de Goiás, FE: coordeno seminário sobre Cultura e Educação Popular (doc. 186).
- Goiânia, UCG, FE: coordeno curso sobre Métodos e Técnicas de Pesquisa, com uma duração de 60 horas, entre janeiro e julho, oferecido a professores de educação (doc. 187).
- Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, IESAE: participo do seminário sobre Educação e Mundo do Trabalho, como conferencista e debatedor (doc. 188).
- Goiânia, ASSUEGO: conferência no IIº Encontro Nacional de Supervisores de Educação (doc. 189).

- Buenos Aires, *A Experiência Evangélica de Trabalho com uma "Igreja do Povo"*, publicado em *Cristianismo y Sociedad*, 3^a e 4^a entregas, p. 47 a 51 (doc. 190).
- Juiz de Fora: *Algumas Cenas, Algumas Idéias*, conferência breve publicada nos Anais do I^o Seminário sobre Universidade Brasileira, p. 227 a 233 (doc. 191).
- São Luis do Paraitinga/Rio de Janeiro: elaboro o texto e faço a pesquisa antropológica do filme de José Inácio Parente: *A Divina Festa do Povo* (16mm, 24ms, colorido) (sem documento, mas tenho o filme).
- Rio de Janeiro: faço o texto (poemas) e a pesquisa do filme de José Inácio Parente, *A Trama da Rede*; 3 prêmios no Festival de Brasília, Margarida de Prata da CNBB em 1980, vários convites nacionais e internacionais para apresentação em festivais (16mm. 9ms. b&p) mais os poemas em sua série completa são publicados depois em número especial da Revista Tempo e Presença, do CEDI, nº 172 (doc. 192).
- São Paulo: publicação de *Os Deuses do Povo - um estudo sobre a religião popular*, Ed. Brasiliense, prefácio de José de Souza Martins, 2^a edição em 1986 (doc. 193).
- Petrópolis, Editora Vozes: sai a edição em Português de *Educación Popular y Proceso de Concientización*, com o nome de *Educação Popular e Conscientização*, pela coleção Educação e Tempo Presente. Compareço como tradutor (doc. 194).
- São Paulo: edito pela Brasiliense uma coletânea de estudos sobre a Educação Popular: *A Questão Política da Educação Popular*. Escrevo a *Apresentação*, o *Prefácio*, o *Posfácio* e *A Cultura do Povo e a Educação Popular* (p. 7 a 15, 122 a 134 e 197 e 198) 6^a edição em 1986 (doc. 195).
- Campinas, São Paulo: publicação de meu estudo: *Da Educação Fundamental ao Fundamental na Educação*, Cadernos do CEDES, ano 1, nº 1, Cortez Editora, Autores Associados, CEDES, p. 5 a 34 (doc. 196).
- Rio de Janeiro: publicação, em número especial de "*O Meio Grito*" - *um estudo sobre condições e direitos associados ao problema da saúde*, redigido por mim como relatório final de pesquisa feita em municípios da Diocese de Goiás; Cadernos do CEDI nº 3, março 1980 (doc. 197).

- Campinas, publicação de *Assessoria do Compromisso com a Realidade*, em A Tribuna, Ano LXXI, dez. 1980, nº 3609 (doc. 198).
- São Paulo, Anais da I^a Conferência Brasileira de Educação: publicação de minha palestra: *A Cultura do Povo, A Prática da Classe*, Cortez Editora, p. 250 a 261 (doc. 199).
- Rio de Janeiro: publicação de *Saúde e Educação Popular*, no nº 161 de Tempo e Presença, jul/ago 1980, p. 3 a 8 (doc. 200).
- São Paulo, Partido dos Trabalhadores (PT): edição de documento meu, juntamente com Paulo Freire, Moacyr Gadotti e Demerval Saviani, no o Texto para Debate nº 4. Minha parte é: *Um Plano Popular de Educação*, p. 5 a 8 (doc. 201).
- Rio de Janeiro: "*Essa Água de Pedro, Poesia*", prefácio e resenha do Livro de Pedro Tierra, *Água de Rebelião*; publicado no próprio livro (Ed. Vozes) e no nº 190 de Tempo e Presença, p. 12 a 14 (doc. 202).
- Campinas: *A Mensagem de um Poeta a um Outro; prefácio* de Oito Poemas para o Vizionário, livro de Régis de Moraes, PUCC, Campinas, p. 7 e 8 (doc. 203).
- Rio de Janeiro: *Reencontro com a Educação Popular*, resenha dos livros *Vivendo e Aprendendo* e *A Questão da Educação Popular*, publicada no nº 161 de Tempo e Presença, jul/ago 1980, p. 12 a 14 (doc. 204).
- Goiânia, UCG, Curso de Serviço Social: patrono da turma de 1980 (doc. 205).
- *Bancas de exame de pós-graduação*
 1. Arnaldo Lemos Filho, PUCSP, Mestrado, 5 de agosto (doc.206).
 2. Osmar Fávoro, PUCSP, Doutorado, 15 de outubro (doc. 207).
 3. Carlos Corrêa Teixeira, USP/FFLCH, Mestrado, 19 de dezembro (doc. 208).
 4. Maria Helena de Mello Pupo Geribello, UNICAMP/FE, Mestrado, 25 de novembro (doc. 209).

1981

- Campinas, UNICAMP: Chefe do Conjunto de Antropologia entre 1981 e 1982 (sem documento).
- Pátzcuaro, México: participação na Reunião Técnica de Políticas e Estratégias sobre Analfabetismo na América Latina (doc. 210).
- Punta de Tralca, Chile, IDRC: participo, com apresentação de trabalho, de reunião latinoamericana sobre Teoria e Prática da Educação Popular (doc. 211).
- Goiânia, UFG/Museu Antropológico: participo do ciclo de palestras e debates sobre o índio brasileiro, com uma palestra sobre educação e educação do índio (doc. 212).
- Belo Horizonte, UFMG, Conselho de Extensão, faço conferência no ciclo de estudos do Projeto Metropolitano (doc. 213).
- Cidade de Goiás, Diocese de Goiás: assessoro uma pesquisa socio-religiosa realizada por pessoal da Diocese (doc. 216).
- Congonhas do Campo, Fundação Nacional Pró-Memória: participo do Seminário sobre Patrimônio e Identidade Cultural (doc. 217).
- Rio de Janeiro, FGV, Centro de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola: participo de um ciclo de estudos sobre lei, costume e sociedade rural, com palestra sobre redes de informação e participação na sociedade rural (doc. 218).
- Marabá, Movimento de Educação de Base: muitos anos depois volto ao MEB e oriento o Departamento de Marabá na realização de uma pequena pesquisa sobre Cultura Popular (doc. 219).
- Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, Centro de Ciências Humanas e Artes: faço palestra durante o Vº Encontro Estadual sobre Filosofia das Faculdades de Educação (doc. 220).
- Piracicaba, Universidade Metodista, Centro de Treinamento e Extensão Universitária: conferência durante o Seminário "Educação Popular" (doc. 221).
- Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, FE: conferências para alunos do Mestrado em Educação (doc. 222), depois, conferências aos mesmos alunos do mestrado (doc. 223).
- Mossoró, Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas: conferência sobre Educação Popular e o Sistema Paulo Freire, durante a IIª Semana de Filosofia do Rio Grande do Norte (doc. 224).

- Belo Horizonte, Sociedade Brasileira de Física: conferência de abertura durante o Vº Simpósio Nacional de Ensino de Física (doc. 225).
- Fortaleza, Associação dos Supervisores de Educação do Ceará: conferência sobre caracterização da prática educativa no Brasil hoje durante, IV Encontro Nacional de Supervisores de Educação (doc. 226).
- São Paulo, PUC, Mestrado em Ciências da Religião: ciclo de conferências ao longo de um semestre para alunos do curso (sem documento).
- São Luis, Universidade Federal do Maranhão: assessoro um projeto de pesquisas e práticas da Educação (sem documento).
- Campinas, UNICAMP, ICHL: faço, com alunos do curso de ciências sociais, um trabalho de pesquisas de campo, mais tarde publicado mimeografado em dois volumes, com o título de: *Estruturas e Processos de Reprodução do Saber Popular* (docs. 227 e 227bis).
- Joaçaba, Fundação Universitária do Oeste Catarinense: publicação de *O Profeta do Contestado e os Missionários da Cura Divina - dois agentes de religião estudados por Douglas Teixeira Monteiro*, Revista Roteiro nº 5, ano II, p. 19 a 28 (doc. 228).
- São Paulo: *O Saber e o Ensino do Saber*, publicado na Revista de Ensino de Física, vol. 3, nº 4, dez. 1981, p. 63 a 72 (doc. 229).
- Fortaleza, *Viver a Educação Hoje, no Brasil*, publicado nos anais do IVº Encontro Nacional de Supervisores de Educação, p. 49 a 68 (doc. 230).
- Roma, Musices Aptatis 1981: publicação de meu estudo *A Dança de São Gonçalo - um ritual religioso do catolicismo popular de camponeses do Estado de São Paulo*, Liber Anuaris, Collectanae Musicae Sacrae Brasiliensis, Urbaniana University Press, p. 203 a 224 (doc. 231).
- Pátzcuaro, México, CREFAL: publicação mimeografada no Informe Final da Reunião Técnica Regional sobre Políticas e Estratégias de Alfabetização de minha conferência: *Alfabetización y Educación Extraescolar*, Informe Final, julho 1981, p. 28 a 45 (doc. 232).

- São Paulo: *Três Poemas* incorporados à antologia *Veia Poética*, São Paulo, 1981, p. 33 a 35 (doc. 233).
- Santiago, Chile, publicação de *La Cultura del Pueblo y la Educación Popular*, no nº 2 de educación y solidaridad, revista do grupo ECO, p. 11 a 34 (doc. 234).
- Rio de Janeiro: a GRAAL publica *Plantar, Colher, Comer - um estudo sobre o campesinato goiano*, na Biblioteca de Ciências Sociais (o documento foi o meu relatório para o Projeto de Pesquisa sobre Ideologias e Hábitos Alimentares no Brasil, coordenado por Klass Wortmann & Otávio Alves Velho) (doc. 235).
- Petrópolis, Editora VOZES: publicação de *Sacerdotes de Viola - rituais do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Trata-se da edição final de relatório anterior apresentado à FUNARTE com o nome de "Deus Te Salve, Casa Santa'" (doc. 236).
- São Paulo, Editora Brasiliense: organizo e publico *Pesquisa Participante*, onde aparecem, como textos meus, *Pesquisar, Participar - apresentação* e, sem o registro do meu nome; *O Meio Grito*. 6ª edição em 1986 (doc. 237).
- São Paulo, Editora Brasiliense, publico *O Que é Educação*, para a Coleção Primeiros Passos, 19ª edição em 1987 (doc. 238).
- São Paulo, Editora Brasiliense, publicação de *O Que É o Método Paulo Freire*, pela coleção Primeiros Passos, 13ª edição em 1987 (doc. 239).
- São Paulo, Comissão Pró-Índio e Editora Brasiliense incorporam ao livro *A Questão da Educação Indígena*, o meu artigo: *Educação Popular - contribuição ao debate da educação do índio*. p. 152 a 161 (doc. 240).
- Rio de Janeiro: publico na revista *Religião e Sociedade: A Festa do Espírito Santo na Casa de São José*, nº 8, 1981, p. 61 a 78 (doc. 241).
- *Bancas de Pós-Graduação*
 5. João Francisco Regis de Moraes, PUCSP, Mestrado (doc. 242).
 6. Paulo Nosella, PUCSP, Doutorado (Exame de qualificação) (doc. 243).

1982

- Santiago, Chile: começo a compor o Conselho de Educação de Adultos da América Latina, cargo que ocupo até hoje e cujo mandato deverá terminar em uma Assembléia Latinoamericana de que participarei, convocada para a cidade de Guanajuato, no México, entre 9 e 14 de novembro de 1987 (doc. 244).
- México, Centro de Investigación del IPN, Departamento de Investigaciones Educativas: conferência sobre As Classes Populares e as Modalidades Extraescolares de Educação, durante o Simpósio de Educação Popular (doc. 245).
- Manchester, Inglaterra: participação no Simpósio sobre Igreja na América Latina, coordenado por David Brading, com apresentação do texto: *Religião Popular e a Igreja de Libertação no Brasil de Hoje*, participação, ainda, no Simpósio sobre Educação Popular no México e América Latina, organizado por Maria de Eibarrola; apresentei o texto: *A Reprodução do Saber do Povo e a Educação Popular* (docs. 246 e 246).
- Ottawa e Brasília, International Development Research Centre e CNPq: bolsas de pesquisa para estudos sobre reprodução do saber entre camponeses na região de São Luis do Paraitinga, em São Paulo, durante o período compreendido entre 1982 e 1984 (doc. 247).
- Pátzcuaro, México: participação, como conferencista convidado, do IIº Seminário Latinoamericano de Pesquisa Participante (doc. 248).
- São Paulo, PUC, Instituto de Estudos Especiais, fui conferencista no curso de extensão sobre A Religiosidade do Povo (doc. 249).
- Paris, Conselho Internacional de Educação de Adultos, participação na Conferência Internacional de Educação de Adultos como membro do Conselho Latinoamericano de Educação de Adultos (doc. 250).
- Rio de Janeiro, IBRADES/Centro João XXIII, exposição no simpósio sobre educação popular no âmbito da sociedade civil durante o Seminário sobre Educação Popular (doc. 251).

- Salvador, CEPED: exposição sobre tecnologia alternativa, educação e saber popular (doc. 252).
- Manaus, Instituto de Educação Rural do Amazonas: palestra sobre relacionamento escola x comunidade (doc. 253).
- Salvador, Universidade Federal da Bahia, Mestrado em Educação: participo de mesa redonda a respeito da Educação Rural e Ensino de 1º Grau, no VIº Simpósio de Estudos e Pesquisas em Educação (doc. 254).
- Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia: faço conferência sobre fundamentos sociológicos da educação no Curso sobre Atualização em Bases Filosóficas, Psicológicas e Sociológicas da Educação (doc. 255).
- São Leopoldo, Universidade do Rio dos Sinos: participação no Seminário sobre Educação Popular (doc. 256).
- Belo Horizonte, INPS/INAMPS: conferência sobre o trabalho educativo na área da saúde (doc. 257).
- Belo Horizonte: participo de painel sobre pesquisa e educação, na IIª Conferência Brasileira de Educação (doc. 258).
- Belo Horizonte, Secretaria de Trabalho, Ação Social e Desportos: participo do Iº Seminário de Ação Social (doc. 259).
- Belo Horizonte, Universidade Católica de Minas Gerais: participação no Seminário de Estudos Integrados sobre "Visão Atual da Ação Comunitária" (doc. 260).
- Rio de Janeiro, Centro Ecumênico de Documentação e Informação: Membro do Conselho Editorial da Revista Tempo e Presença até 1984 (doc. 261).
- Campinas, Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo: coordeno o grupo de trabalhos sobre a constituição histórica da categoria "língua", durante o XXV Seminário do Gel (doc. 262).
- Rio de Janeiro, Instituto Superior de Estudos da Religião: publicação de *Memória do Sagração - religiões de uma cidade do interior*, no Cadernos do ISER nº 1 (trata-se dos dois primeiros capítulos de minha tese de doutoramento (doc. 263).
- Salvador, Centro de Estudos e Pesquisas de Desenvolvimento (CEPED): publicação de *Tecnologia Alternativa: Saber e Educação* em co-autoria com Samuel Aarão Reis (doc. 264).

- São Paulo, Editora Brasiliense, *Diário de Campo - a antropologia como alegoria* (doc. 265).
- São Paulo, Editora Brasiliense, publicação de meu artigo: *Parentes e Parceiros - relações de produção e relações de parentesco entre camponeses de Goiás*, no livro *Colcha de Retalhos - estudos sobre a família brasileira* (doc. 266).
- Campinas, Editora Papyrus: publicação de poemas meus no livro coletivo *Oficina*, p. 77 a 106 (doc. 267).
- São Paulo, Brasiliense: publicação de *O Que é Folclore* pela Coleção Primeiros Passos, 7^ª edição em 1986 (doc. 268).
- Rio de Janeiro, Edições Graal: publicação de *Lutar com a Palavra - escritos sobre o trabalho do educador*, 2^ª edição em 1985 (doc. 269).
- Campinas, Editora Papyrus: coordeno o livro *Lições da Nicarágua - a experiência da esperança*. 3^ª edição em 1987 (doc. 270).
- Rio de Janeiro, ANPED: sai meu artigo: "*Aprender a Dizer a sua Palavra - anotações sobre o trabalho do alfabetizador*" no Caderno ANPED, nº 2, ANPED/CNPq, p. 25 a 33 (doc. 271).
- Brasília, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos: publicação de *Cultura, Estado e Sociedade* em *Em Aberto*, ano I, nº 11, novembro 1982, p. 1 a 9 (doc. 272).
- Pátzcuaro, CREFAL/IDRC: inclusão de minha conferência no Informe Final do II^º Seminário Latinoamericano de Investigación Participativa: *La Participación de la Investigación en los Trabajos de Educación Popular*, p. 24 e 25 (doc. 273).
- São Paulo, Cadernos CERU publicam: *Produtores Tradicionais da Cultura Popular*, nº 17, set., 82, p. 109 a 127 (doc. 274).
- *Bancas de Pós-Graduação*
 7. Luis Roberto Benedetti, USP/FFLCH, Mestrado (doc. 275).
 8. Sonia Borges Vieira da Mota, FGV/IESAE, Mestrado (doc. 276).
 9. Arno Kreutz, FGV/IESAE, Mestrado (doc. 277).
 10. Sergio Haddad, USP/FE, Exame de Qualificação, Mestrado (doc. 278)-
 11. Lucila Schwantes Arouca, PUCSP, Exame de Qualificação, Doutorado (orientanda), (doc. 279).

12. Heloisa Helena Gomes de Mattos, USP/Escola de Comunicações e Artes, Mestrado (doc. 280).
13. Maria da Conceição Brenha Raposo, FGV/IESAE, Mestrado (doc. 281).
14. Helder Vitor Mulatinho, USP/FFLCH, Doutorado (doc. 282).
15. Nazira Abib Oliveira Vargas, PUCSP, Mestrado (doc. 283).
16. Bárbara Elizabeth Neubart, UFRGS/FE, Mestrado (doc. 284).
17. Águeda Bernadete Uhle, UNICAMP/FE, Mestrado (doc. 285).

1983

- Quito, Equador, Centro Internacional de Estudios Superiores em Comunicación para América Latina: faço a conferência de abertura no Seminário sobre A Comunicação Popular Educativa - balanço e perspectiva na América Latina (doc. 286).
- Santiago, Chile, Pontifícia Universidad Católica de Chile: participação, como conferencista convidado pela UNESCO, de Seminário sobre Educação de Adultos e Educação Popular na América Latina (doc. 287).
- Havana, Cuba: convidado pela UNESCO para participar da Consulta Técnica Regional sobre Educação de Adultos na América Latina e no Caribe, etc. Apresentei documento e debati outras apresentações. Meu tema foi: a educação popular de adultos - suas características e seus principais aportes na região (doc. 288).
- Managua, Nicarágua, Ministério da Educação, Vice-Ministério de Educação de Adultos, convidado como delegado oficial no Encontro Internacional de Educação Popular para a Paz (doc. 289).
- Managua, Nicarágua, Conselho Latinoamericano de Educação de Adultos: participação na reunião do Conselho Diretivo do CEAAL, presidido pelo prof. Paulo Freire (doc. 290).
- Rio de Janeiro, FGV/IESAE: participação na 2ª plenária da Conferência sobre a Situação da Avaliação em Educação de Adultos: texto com o título: questões sobre a avaliação (doc. 291).
- Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba: participação em mesa redonda sobre Educação Popular e Cultura Popular, e trabalhos de assessoria sobre Cultura e Educação, junto à equipe da Fundação (doc. 292).

- Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Departamento de Assuntos Comunitários: conferências sobre Rituais Religiosos do Catolicismo Popular entre os Negros e sobre A Ciência Social e a Construção do "Negro" como Objeto de Pesquisa (doc. 293).
- Belo Horizonte, UFMG, FE: curso sobre Educação Popular - concepção e prática, para alunos do Mestrado em Educação (doc. 294).
- São Paulo, PUC, Laboratório de Psicologia Social e Psicologia da Educação: expositor do debate sobre Pesquisa Participante (doc. 295).
- São Paulo, Secretaria de Cultura: membro da Comissão de Folclore e do Conselho Estadual de Cultura (por pouco tempo) (doc. 296).
- Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, Departamento de Ciências da Religião: palestra sobre a religião como veículo de educação popular, durante a Semana de Ciência das Religiões (doc. 297).
- Brasília, CNPq/IIICA/PRODASEC: participação em mesa de avaliação do PRODEC (doc. 298).
- São Paulo, USP, Departamento de Ciências Sociais: apresentação de palestra em um seminário sobre A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira; meu tema foi: A Simbologia da Morte na Cultura Caipira de São Paulo (doc. 299).
- São Paulo, ASESP/CEBRAP: participo do seminário de Revisão Crítica da Produção Sociológica Voltada para a Agricultura, na mesa redonda sobre Linhas Atuais de Pesquisa (doc. 300).
- Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba: participo do Encontro de Cultura de Curitiba, como debatedor (doc. 301).
- Alajuela, Costa Rica: participação, como conferencista, no IIº Encontro de Cientistas Sociais e Teólogos sobre o tema, "O discernimento das utopias". Apresento o texto: *A Produção Social da Utopia*, depois publicado no livro *La Esperanza en el Presente de America Latina*, DEI, Coleção Economia-Teologia (doc. 302).
- Pátzcuaro, México, CREFAL: *La Participación de la Investigación en los Trabajos de Educación Popular*, publicação de texto no livro: *Investigación Participativa en America Latina*, antologia preparada por Gilberto Vejarano (doc. 303).

- Santiago, Chile, UNESCO, Oficina Regional de Educación de la UNESCO para América Latina y el Caribe: seminário sobre La Educación de Adultos en América Latina y el Caribe; inclusão do resumo de minha exposição *A Educação Popular de Adultos - notas sobre a forma de conceber e realizar educação na América Latina*. Também publicado depois, pela mesma oficina da UNESCO, com o nome de: *Os Caminhos Cruzados* (docs. 304 e 305).
- Ottawa, Canadá, International Development Research Centre (IDRC): publicação de meu texto *Estructuras Sociales de Reproducción del Saber Popular*, no Manuscript Reports do Seminário: Teoría y Práctica de la Educación Popular, realizado antes em Punta de Tralca, Chile, p. 130 a 165 (doc. 306).
- Rio de Janeiro, Edições Graal: assumo a coordenação da Biblioteca de Educação (doc. 306 b).
- Rio de Janeiro, Edições Graal: edito o livro *O Educador - Vida e Morte - escritos sobre uma espécie em perigo*. Faço a *Introdução* ("Vida ou Morte?) *Esperança ou Desespero?* e apresento o texto: *Refletir, Discutir, Propor - as dimensões de militância intelectual que há no educador*, p. 9 a 12 e 71 a 87, 7^ª edição em 1986 (doc. 307).
- Campinas, Editora Papirus: sou co-editor da Coleção Krisis (doc. 308).
- Campinas, Editora Papirus: publicação de meu livro *O Ardeur da Ordem - caminhos e armadilhas da educação popular*, 2^ª edição em 1986 (doc. 308).
- Campinas, Editora Papirus: publicação de meu livro de pesquisas *Casa de Escola - cultura camponesa e escola rural*, 2^ª edição em 1985 (doc. 309).
- São Paulo, Editora Brasiliense: *Os Caipiras de São Paulo*, da coleção *Tudo é História* (doc. 310).
- João Pessoa, Ministério de Educação e Cultura: exposição, depois publicada no Relatório da Reunião Técnica de Estudos sobre Educação nas Áreas Rurais do Nordeste: *Participação do Professor e do Aluno na Educação Rural*, p. 64 e 65 (doc. 311).
- Rio de Janeiro, CEDI: prefácio do livro *Poetas do Araguaia*, p. 7 a 16 (doc. 312).
- Rio de Janeiro, Zahar Editores: *Sobre os Homens e seus Deuses*,

prefácio do livro de Alba Zaluar: Os Homens de Deus, p. 7 a 10 (doc. 312 b).

- Brasília e quase todo o Brasil. Fundação Nacional Pró-Memória - até 1986 assessoro a equipe técnica da Pró-Memória no desenvolvimento do "Projeto Interação entre as escolas de 1º grau e os diferentes contextos culturais" (muito trabalho e nenhum documento).
- Brasília, CNPq/IICA: participo, como debatedor, do encontro para análise do programa de pesquisas em desenvolvimento de comunidades (sem documento).
- Porto Alegre, Grupo de Estudos em Antropologia Simbólica (GEAS): pequeno curso sobre a pesquisa em antropologia (sem documento).
- *Bancas de Pós-Graduação*
 18. Sérgio Haddad, USP/FE, Mestrado (doc. 313).
 19. Maria Malta Campos, USP/FFLCH, Doutorado (doc. 314).
 20. Mundicarmo Maria Rocha Ferretti, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Departamento de Ciências Sociais, Mestrado (doc. 315).
 21. Olinda Maria Noronha (orientanda), PUCSP/FE, Doutorado (doc. 316).
 22. Lucila Schwantes Arouca (orientanda), PUCSP, Doutorado, (doc. 317).

1984

- Paris, Université de Paris VIII, Laboratoire de Recherche sur L'Imaginaire Américain: participo do colóquio sobre Identidade Nacional e Expressão Cultural - uma comparação entre Estados Unidos e Brasil, apresentando um documento sobre identidade religiosa no Brasil (docs. 318 e 319).
- Caracas, Conselho de Educação de Adultos na América Latina: participo, como conferência e debatedor, do Iº Seminário Latinoamericano y do Caribe sobre Educação para a Paz e os Direitos Humanos (doc. 320).
- Piracicaba: faço a conferência de abertura do IIIº Seminário Latinoamericano de Pesquisa Participante (doc. 321).

- México, Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropologia Social: convite para participação de simpósio no 45º Congresso Internacional dos Americanistas, em Bogotá. Não participei (doc. 322).
- Campinas, UNICAMP: assumo a coordenação da Comissão de Pós-Graduação de Antropologia Social (setembro 1984 a setembro 1986); participo dos trabalhos de implantação do Programa de Doutorado em Ciências Sociais e faço parte da 1ª equipe de coordenação e, depois, da Sub-CPG do Doutorado em Ciências Sociais (doc. 323).
- Belo Horizonte, Ministério de Educação e Cultura: participo do Encontro Nacional de Política Cultural (doc. 324)
- Belo Horizonte, Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas: conferência no Seminário de Extensão sobre Filosofia da Religião, com o tema Catolicismo Popular no Brasil (doc. 325).
- Goiânia, UFC ICHL: conferência sobre a Antropologia Atual e a Análise da Cultura (doc. 326).
- Campinas, UNICAMP, Coordenação Geral dos Institutos: mesa de discussões sobre Cultura Caipira (doc. 327)
- Rio de Janeiro, XXV Congresso Mundial do INSEA: participo como conferencista da pré-conferência de pesquisa, com um tema ligado a questões de identidade e criatividade na criança (doc. 328).
- Curitiba, Centro de Ciências do Paraná: conferência sobre O Ensino de Ciências frente às exigências atuais do Papel do Educador (doc. 329).
- México, Universidad Pedagógica Nacional, publicação de meu documento: *Repensando Participação*, nos Cuadernos de Cultura Pedagógica (doc. 330).
- Brasília, Ministério da Educação e Cultura, INEP: coordenador de grupo de trabalho do Seminário Nacional sobre Pesquisa Participativa (doc. 331).
- São Paulo, SESC: documento da exposição e participação em mesa redonda sobre o modo de vida do campesinato caipira, como parte da exposição: "Caipiras, Capiaus, Pau a Pique" (docs. 332, 333 e 334).

- Niterói, III^a Conferência Brasileira de Educação, sou participante de simpósio sobre Educação Popular na América Latina (doc. 335).
- Rio de Janeiro, FE: participo como conferencista do ciclo de estudos sobre pesquisa em educação, promovido pelo CNPq e a PUCRJ (doc. 336).
- México: publicação de meu documento apresentado na reunião em Havana sob o título de: *Los Caminhos Cruzados - notas acerca de la forma de concebir e hacer educación en América Latina*, Revista Educación de Adultos, vol. 2, nº 2, abril/junho 1984, p. 28 a 41 (doc. 337).
- Madrid, Oficina de Educación Iberoamericana/CREALC: publicação de meu documento *La Educación Popular en América Latina - experiencias educativas con adultos*. OEI/EDA 16, nov. 1984. Este documento foi encomendado pela Oficina Regional de Educação para a América Latina e o Caribe. Republicado depois em Lima, por TAREA (1986) na série Materiales para la Educación Popular (doc. docs. 338 e 339).
- Rio de Janeiro, CEDI: Publicação de pequeno artigo: *Educação Popular - conversa em família* em Tempo e Presença nº 198, p. 19 a 21 (doc. 340).
- São Paulo, CEDES: publicação, em português, de *Os Caminhos Cruzados* na Revista Educação e Sociedade nº 19, p. 21 a 48 (doc. 341).
- Rio de Janeiro, MCBRAL, ORELAC/UNESCO: *"Quem Julga os Juizes? - algumas idéias para pensar um ritual de fim de períodos, a avaliação"*, artigo publicado em Avaliação em Educação de Adultos - temas e discussões, p. 59 a 61 (doc. 342). Republicado no Cadernos do CEDES nº 12, São Paulo, p. 55 a 64, número do qual fui o editor (doc. 345).
- São Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos: *Histórias de Lutas entre Camponeses do Arroz*, publicado no Cadernos do CERU nº 19, p. 117 a 126). (doc. 346).
- São Paulo, ASESP/CEBRAP, *A Ideologia das Classes Subalternas no Campo*, publicado nos anais do Seminário sobre revisão crítica da produção sociológica voltada para a agricultura, ASESP/CEBRAP, 1984, p. 184 a 197 (doc. 347).

- Rio de Janeiro, CEDI: publicação de *O s P (r) o (f) e t a s*, em Tempo e Presença nº 193, ago/set 1984, p. 21 a 23 (doc. 348).
- Brasília, Ministério da Educação e Cultura, INEP: publicação mimeografada de debate com Maria Malta Campos e Pedro Demo sobre pesquisa participante (doc. 349).
- Campinas, Editora Papyrus: publicação de meu livro *Saber e Ensinar três estudos sobre educação popular*, 3ª edição em 1987 (doc. 350).
- São Paulo, Edições Loyola: publicação de *Pensar a Prática - escritos de viagem sobre a educação* (doc. 350). Até 1987 fui membro do conselho de consultores da coleção Educação Popular da Edições Loyola (doc. 350 b).
- São Paulo, Editora Brasiliense, coordeno a edição de *Repensando a Pesquisa Participante*, de que escrevo *participar-pesquisar* p. 7 a 14 e *A Participação da Pesquisa no Trabalho Popular*, p. 223 a 252. 3ª edição em 1987 (doc. 351).
- Rio de Janeiro, Edições GRAAL: publicação de meu artigo *Educação Alternativa na Sociedade Autoritária*, em *Perspectivas e Dilemas da Educação Popular*, coordenado por Vanilda Paiva. p. 171 a 228 (doc. 352).
- São Paulo, Edições Paulinas: publicação de *Elite e Massa na Religiosidade do povo*, em *A Religiosidade do Povo*, p. 167 a 181 (doc. 353).
- São Paulo, Brasiliense: edição de meu livro *Educação Popular* na coleção Primeiros Passos, 2ª edição em 1985 (doc. 354).
- Petrópolis, Editora Vozes: prefácio do livro *Movimento Social Urbano, Igreja e Participação Popular*, de Ana Maria Doimo, p. 11 a 13 (doc. 355).
- Brasília, prefácio ao livro de poesias de Luzitano Garcia: *Taxco Faz*, p. 1 a 3 (doc. 356).
- *Bancas de Pós-Graduação*
 23. Ana Maria Doimo (orientador), UNICAMP/DCS, Mestrado (sem documento).
 24. Mônica Ângela de Azevedo Meyer, Universidade Federal de Minas Gerais, FE, Mestrado (doc. 357).
 25. Telma Guimarães de Miranda, UFMG/FE, Mestrado (doc. 358).

26. Victor Tomelin, UNICAMP/FE, Mestrado (doc. 359).
27. Dulce Consuelo Anddreatata, USP/FFLCH, Doutorado (doc. 360).
28. Osmar Fávero, PUCSP, Doutorado (doc. 361).
29. Luis Felipe Baêta Neves Flores, UFRJ/Museu Nacional, Doutorado (doc. 362).
30. Adriano Salmar Nogueira e Taveira, UNICAMP/FE, Mestrado (doc. 362).

1985

- Águas de São Pedro, ANPOCS: apresentação de trabalho no grupo Família e Sociedade (doc. 363).
- Buenos Aires, CEAAL: participo, como membro do conselho consultivo do CEAAL, da Assembléia Mundial de Educação de Adultos. Integro o grupo de trabalhos sobre pesquisa em educação em adultos na América Latina (doc. 364).
- Buenos Aires, Secretaria de Cultura de la Municipalidad de Buenos Aires: exposição de conferência no encontro sobre Educación Popular em América Latina y en la Argentina, tendo o Arquitecto Adolfo Perez Esquivel como um de meus debatedores de mesa (doc. 365).
- Lima, CEAAL: participação no Seminário sobre Investigación Social e Participación Popular (doc. 366).
- Santander, Espanha, Universidad Internacional Menendez Pelayo: apresentação de texto e discussão durante o seminário Religión, Feitiçaria e Chamanismo na Iberoamérica, promovido pela UIMP. Meu tema foi: Relações Sociais e Simbólicas na Prática do Curandeirismo no Brasil (docs. 367 e 368).
- Roma, Fondazione Internazionale Lelio Basso: convidado como conferencista e debatedor no ciclo de estudos: América Latina: Quale Democrazia? participando da mesa redonda: Movimenti Sociali e Partecipazione Politica (doc. 369 e 369 b)
- Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba: palestra de abertura na Semana de Arte e Erotismo com o tema: Erotismo e Cultura Popular (doc. 370).

- Campinas. UNICAMP: participação na constituição da área de Agricultura Brasileira e Questões Agrárias, do Programa de Doutorado em Ciências Sociais; formação da equipe de trabalho; seleção das duas primeiras turmas de alunos; participação no Seminário de Área (sem documento).
- Campos de Jordão, Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica: palestra sobre Cultura e Símbolo, durante o VIIIº Moitará (doc. 371).
- Brasília, Ministério da Cultura: convite do ministro Aluisio Pimenta para compor a comissão sobre assuntos de Antropologia e Culturas Populares (convite não realizado porque o ministro foi demitido antes) (doc. 372).
- Salvador, Superintendência para o Desenvolvimento das Comunidades do Estado da Bahia: expositor em Seminário de Política Social e Desenvolvimento Comunitário (doc. 373).
- Ponta Grossa, Universidade Estadual de Ponta Grossa: palestra sobre Ciência e Sociedade no IIIº Simpósio Sulbrasileiro de Ensino das Ciências (doc. 374).
- Stanford, Stanford University: convite para participação em conferência internacional sobre educação comparativa e desenvolvimento internacional (convite não realizado) (doc. 375).
- Curitiba, Escola Nacional de Saúde Pública: palestra sobre educação sanitária e educação popular, no 3º módulo disciplinar de curso de medicina sanitária (doc. 376).
- Quito, CIESPAL: *Decifrar Mistérios, pátria y pasión de Carlos Rodríguez Branão*, entrevista concedida à revista Chasqui - revista latinoamericana de comunicação, nº 14, abril/junho, p. 4 a 15 (doc. 377).
- São Paulo, Crisalis Editora: *Os Elementos*, poemas publicados em antologia a de poetas brasileiros (doc. 378).
- *A Erzulie - esses negros têm deuses*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira: prefácio ao livro "Teu Corpo é Ouro Só", de A.B.M. Cadaxa, p. 13 a 30 (doc. 379)
- Rio de Janeiro, CEDI: *Um Sebastião, Lavrador*, poema publicado em Tempo e Presença, nº 197, mar/abril 1985 (doc. 380).
- México, Instituto Indigenista Interamericano: publicação de *Ser Católico - dimensões brasileiras em um estudo sobre a atri*

- buição da identidade através da religião*, 4, vol. XLV, oct/nov 1985, p. 691 a 722 (doc. 381).
- São Paulo, Editora Brasiliense: publicação de *A Educação como Cultura*, 2ª edição em 1986 (doc. 382).
 - São Paulo, Edições Paulinas: publicação de *Memória do Sagrado*, (doc. 383).
 - Buenos Aires, Ediciones Busqueda: *Estructuras Sociales de Reproducción del Saber Popular*, artigo incluído no livro organizado por Isabel Hernandez: *Saber Popular y Educación en América Latina*, p. 67 a 102 (doc. 384).
 - México, Pátzcuaro, CREFAL: inclusão de *Estructuras Sociales de Reproducción del Saber Popular* no livro *Teoría y Práctica de la Educación Popular*, organizado por Marcela Gajardo. p.132 a 166 (doc. 385).
 - Rio de Janeiro e Goiânia, FUNARTE e Editora da UFG: publicação de *A Festa do Santo de Preto* (doc. 386).
 - Goiânia, Instituto de Artes da UFG: publicação de *A Folia de Reis de Mossamedes - etnografia de um ritual camponês*, vol. 4, nº 1, jan/jun 1983 (mas publicado em 1985) p. 1 a 58 (doc. 387).
- *Bancas de Pós-Graduação*
 31. Allen Arthur Jansen, UNICAMP/Instituto de Biologia, Doutorado (doc. 389).
 32. Telma Anita Piacentini, UNICAMP/FE, Mestrado (Orientador) qualificação e defesa de dissertação (doc. 390).
 33. Dimas Barreira Furtado, UFMG/FE, Mestrado (doc. 390).
 34. Adair Leonardo Rocha, PUCRJ/FE, Mestrado (doc. 391).
 35. Neide Esterici, USP/FFLCH, Doutorado (doc. 392).
 36. Concurso de Professor Titular do Departamento de Ciências Sociais da UFG (doc. 393).

1986

- Campinas, UNICAMP: até setembro sou coordenador da pós-graduação de Antropologia Social e membro da Sub-comissão de Pós-graduação do Doutorado em Ciências Sociais; coordeno também um seminário para os alunos da "Área de Agricultura Brasileira e Problemas Agrários".
- Curitiba, Associação Brasileira de Antropologia: participo de duas mesas redondas, uma sobre a questão da objetividade e a relação sujeito/objeto na pesquisa antropológica e outra sobre a política de valorização da cultura local (doc. 394).
- Stanford, Stanford University: convite para participar de seminários sobre educação na América Latina, como professor visitante (convite não realizado). (doc. 395).
- Roma/Salvador: Movimento Laici America Latina: sou convidado e participo como conferencista do Congresso do MLAL, apresentando palestra sobre um balanço crítico da educação popular no continente (docs. 396 e 397).
- Ottawa, University of Ottawa: convite para participação e "dois dias de reflexão" a respeito de alternativas de sistemas de educação formal (convite não realizado) (doc. 398).
- Goiânia, IV Conferência Brasileira de Educação: (anunciando que esta seria finalmente a última) participo como debatedor (doc. 399).
- São Paulo, Centro de Cultura Social: convidado por anarquistas de São Paulo, faço palestra sobre a educação popular no Brasil: da educação libertária à educação libertadora (doc. 400).
- Goiânia, UFG, FE: 20 horas de aulas sobre Iniciação à Pesquisa em Educação para alunos do Curso de Especialização em Educação Brasileira (doc. 401).
- São Paulo, USP, FE: participação como debatedor do Seminário Itinerante sobre Educação (doc. 402).
- Salvador, MOBREAL: participo do Seminário de Educação de Jovens e Adultos, proferindo palestra sobre os usos políticos dos diferentes métodos e estratégias dos programas de alfabetização de adultos (doc. 403).

- Campinas, Prefeitura Municipal de Campinas: palestra sobre Cultura Popular durante a mostra Arte e Cultura Popular (doc. 404).
- São Paulo, PUC/Ministério da Cultura: aulas no curso de Espe-
cialização em Administração Cultural (doc. 405).
- São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção: pa-
lestra sobre religiosidade popular e práticas de evangelização
(doc. 406).
- Cachoeira do Campo, Minas Gerais, Comissão Pastoral da Terra:
assessoro o 2º curso de formação de assessores (doc. 407).
- Rio de Janeiro, UFRJ, Centro de Letras e Artes: conferência so-
bre Cultura e Folclore no curso de extensão sobre Cultura Popu-
lar Brasileira (doc. 408).
- Porto Alegre, Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, Grupo
de Estudos de Antropologia Simbólica: coordeno seminário sobre
a pesquisa antropológica (doc. 409).
- Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro: participo do programa
televisonado, "A Cultura em Debate", com discussões sobre a
cultura popular (doc. 410).
- Presidente Prudente, Secretaria de Cultura: sou conferencista
do Iº Seminário de Cultura do Interior, falando sobre Cultura,
Cultura Popular e Folclore (doc. 411).
- Goiânia, UFG, Reitoria: em consonância com portaria da reito-
ria da UNICAMP, sou convidado pela Universidade Federal de
Goiás, para realizar como professor visitante, trabalhos de as-
sessoria à reitoria e, especialmente, ao Núcleo de Apoio às
Iniciativas Culturais da UFG. Início com um grupo de alunos do
ICHL um trabalho de "Oficina de Pesquisa" na cidade de Pirenô-
polis (doc. 412).
- Goiânia, UFG, Reitoria e Pró-Reitoria de Extensão: participo
de debate sobre Constituinte e Ciência, no ciclo de conferên-
cias e debates sobre Universidade e Constituinte (doc. 413).
- Campinas, UNICAMP, Turma de Ciências Sociais de 1986: homena-
geado (doc. 414).
- Campinas, Alto Paraiba e Sul de Minas, UNICAMP/FINEP: início
pesquisa sobre Tradição, Saber e Mudança entre Camponeses do
Alto Paraiba, em São Paulo, e do Sul de Minas, com apoio da
FINEP (sem documento).

- Londres: publicação de meu texto apresentado em Paris: *Religion Identity as a Symbolic Strategy - brasilian dimensions*, Social Science Information, SAGE, 21/1, p. 229 a 253 (doc. 415).
- São Paulo, Edições Loyola: *Da Submissão à Resistência*, prefácio ao livro de minha orientanda de doutorado, Olinda Noronha, p. 11 a 16 (doc. 416).
- Rio de Janeiro, CEDI: publicação de meu poema: *A Morte de Nativo Natividade*, em Tempo e Presença nº 205, contra capa (doc. 417).
- Rio de Janeiro: publicação de meu estudo *Os Nomes do Trabalho* no Anuário Antropológico de 1985, Tempo Brasileiro, p. 107 a 137 (doc. 418).
- Goiânia, Editora da UFG: publicação de *Campesinato Goiano*, antigas pesquisas feitas em Goiás por José Ricardo Ramalho e por mim. Meus dois artigos no livro são: *Parentes e Parceiros - relações de parentesco e relações familiares entre camponeses de Diolândia e Representações do Trabalho entre Lavradores de Mossamedes* (doc. 419).
- São Paulo, Editora Brasiliense: publicação de meu livro *Identidade e Etnia* (doc. 419 b)
- São Paulo, Edições Loyola: publicação de meu estudo *Da Escola Rural de Emergência à Escola de Ação Comunitária*, no livro coordenado pelo Dr. Miguel Arroyo: *Da Escola Carente à Escola Possível*, p. 127 a 153 (doc. 420).
- Montevideo, Instituto del Hombre e Ediciones de la Banda Oriental: *Investigación Participativa*, publicação, como um livro, de entrevistas minhas e de Orlando Fals Borda, comentadas por Ricardo Cetrullo (doc. 421).
- Campinas, Editora Papirus: publicação de meu texto "A Turma de Trás" no livro coordenado pelo Dr. Regis de Moraes: *Sala de Aula, que espaço é esse?* p. 105 a 120 (doc. 422).
- São Paulo, Edições Paulinas: publicação de minha palestra *Impor, Persuadir, Convidar, Dialogar - a cultura do outro*, no livro *Inculturação e Libertação*, p. 9 a 17 (doc. 423).
- Goiânia, Instituto Goiano de Folclore: publicação de *A Festa do Espírito Santo na Casa de São José* na revista *Folclórica* nº 8, p. 5 a 42 (doc. 424).

- São Paulo, Revista da AEC: publicação de minha palestra: *A Descoberta da Infância - o educador e a criança*, p. 5 a 7 (doc. 425).
- Campinas, Editora Papirus: *prefácio* do livro de Victor Tomelini: *Pedagogia do Silêncio - o tamanho do medo* (doc. 426).
- *Bancas de Pós-Graduação*
 - 37. Christina da Silva Roquette Lopreato, UNICAMP/IFCH, Mestrado (doc. 420).
 - 38. Eymard Mourão Vasconcelos, UFMG/FE, Mestrado (doc. 421)
 - 39. José Pereira Peixoto Filho, FGV/IESAE, Mestrado (doc. 422)
 - 40. Carmem Cinira Macedo, PUCSP, Assistente Doutor (doc. 423).
 - 41. Francisco Itami Campos, USP/FFLCH, Doutorado (doc. 424).

1987

- México, Escuela Nacional de Antropología e Historia: convite para participação no Simpósio sobre Religião Popular (convite não realizado). (doc. 425).
- São Paulo, USP/Programa de Pós-Graduação em Sociologia: palestra sobre Ethos, Ética e Identidade - o catolicismo popular de camponeses do Brasil, para alunos de mestrado (doc. 426).
- Belo Horizonte, UFMG/Departamento de Sociologia e Antropologia: participo da Semana de Estudos de Antropologia com uma palestra sobre pesquisa e uma reunião com alunos de pós-graduação (doc. 427):
- Brasília, CNPq: convidado para compor o corpo de consultores "ad hoc" para a Área de Antropologia (doc. 428).
- Rio de Janeiro, Museu do Índio: participo em mesa redonda sobre Antropologia/Cinema e Vídeo, durante o IIº Festival Latino-americano de Cinema dos Povos Indígenas (doc. 429).
- Recife, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: participo do Vº Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, proferindo palestra sobre o Esporte e a Socialização da Criança (doc. 430).

- Rio de Janeiro, CEDI: reconvocato a compor o Conselho Editorial da revista Tempo e Presença (doc. 431).
- Rio de Janeiro, ISER: eleito membro da diretoria do Instituto de Estudo da Religião, do qual faço parte ativa do grupo de estudos e pesquisas sobre catolicismo, contando, inclusive, com pequeno auxílio de pesquisa para estudos sobre religião como experiência cotidiana e questões de ethos e identidade no catolicismo de camponeses (doc. 432).
- São José dos Campos, Secretaria Municipal de Educação: participo de Mesa Redonda do IIº Congresso de Educação de São José dos Campos (doc. 433).
- Belo Horizonte, Ministério da Educação/FAE: dia de trabalho com educadores nordestinos envolvidos no EDURURAL, sobre educação rural no Nordeste (doc. 434).
- São Paulo, Fundação Educar: participo do foro de debates sobre Alternativas de Educação Básica (doc. 435).
- Piracicaba, SESC: painel de debates sobre A Festa do Divino - tradições e perspectivas (doc. 436).
- Itajubá, EFEI/UAI: encontro sobre folclore e cultura do Sul de Minas; ele abre a possibilidade de formação de grupos de pesquisadores locais de cultura (doc. 437).
- Brasília, MEC/INEP, publicação de *Professores e o Professor Leigo* em Em Aberto, ano 5, nº 32, out/dez 1986, p. 13 a 15 (doc. 438).
- Rio de Janeiro, ISER: publicação de meu estudo: *O Festim dos Bruços - relações sociais e simbólicos da prática do curanderismo no Brasil* em Religião e Sociedade, 13/3, p. 128 a 156 (doc. 439).
- Rio de Janeiro: Membro do Conselho de Redação de Religião e Sociedade (doc. 440).
- Campinas, Editora Papyrus: *A Antropologia Social*, artigo incluído no livro coordenado pelo prof. Nelson C. Marcelino: Introdução às Ciências Sociais, p. 41 a 50 (doc. 441).
- Goiânia, Cidade de Goiás, Universidade Católica de Goiás: edição dos 05 primeiros de uma série de 8 cadernos do relatório da pesquisa: *Condições de Vida e Situação de Trabalho do Povo de Goiás*. Participei de todas as etapas da pesquisa ao longo

de 2 anos e redigi o relatório final (docs. 442 e 443).

- Campinas: publicação de "*Seis Canções de Tempo e Vento*", poemas, em Palavra Muda, nº 1, ano 1, abril/maio 1987, p. 7 (doc. 444).
 - São Paulo, INTERCON: publicação de minha entrevista *A Influência da Comunicação...* no INTERCON 57, Revista Brasileira de Comunicação, p. 16 a 21 (doc. 445).
 - Rio de Janeiro, CEDI: co-edito o nº 220 da revista Tempo e Presença, de junho de 1987, dedicada ao estudo de "construtores de uma nova cultura". Apresento o documento de abertura: *Repensando a Cultura*, p. 4 e 5. Na capa final do mesmo número: *Morto entre os Índios de Morte não Explicada*, poema dedicado a Vicente Cañas, morto entre os Enauenê-Nauê em 6 de abril (docs. 446 e 447),
 - Belo Horizonte, UFMG/FE: publicação de longa entrevista em Educação em Revista, ano II, nº 5, julho 1987, p. 40 a 48 (doc. 448).
 - Paris, UNESCO: *Índios, Negros e Brancos - as "três raças que criaram o Brasil*, artigo publicado no Correio da UNESCO de dezembro 1986, ano XXXIX, p. 22, 23 e 45 (doc. 449).
 - Lima, Asociación de Publicaciones Educativas TAREA: *El Poder de la Palabra*, artigo publicado no nº 15, maio 1986 (saído em 1987) de TAREA - Revista de Educación y Cultura. p. 3 a 12 (doc. 450).
 - Rio de Janeiro, CEDI: *A Mulher de Sarzedo*, poema incluído no nº 214 de Tempo e Presença, capa final (doc. 451).
- *Bancas de Pós-Graduação*
 - 42. Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins, USP/FFLCH, Doutorado (doc, 452).
 - 43. Jaime de Almeida, USP/FFLCH, Doutorado (doc. 453).
 - 44. Dora Maria de Almeida Souza Tedrus (orientanda) UNICAMP/IFCH, Mestrado (doc. 454).
 - 45. Roberto de Magalhães Veiga, UNICAMP/IFCH, Mestrado (doc. 455).
 - 46, João Baptista Cortez (orientando) UNICAMP/IFCH, Mestrado, exame de qualificação (doc. 456).

Relações de outras participações em bancas de pós-graduação de anos anteriores, mal documentadas ou simplesmente não documentadas:

47. Marie France Garcia, UFRJ/Museu Nacional, Doutorado (1984)
48. Maria Elizabeth Rondelli de Oliveira, UNICAMP/IFCH, Mestrado (1980) (doc. 457).
49. Benedito Tadeu Cesar, UNICAMP/IFCH, Mestrado (1981) (doc. 458).
50. Cristina Possas, UNICAMP/IFCH, Mestrado (1980) (doc. 459).
51. José W. Germano, UNICAMP/IFCH, Mestrado (1981) (doc. 460).
52. Tânia Cristina de Lima (orientanda), UNICAMP/IFCH, Mestrado (1983) (doc. 461).
53. Antônio Carlos Machado, UNICAMP/IFCH, Mestrado (1984)(doc. 462).
54. Diana Cunha Mendonça, UNICAMP/IFCH, Mestrado (1984) (doc. 463).
55. Elda Rizzo de Oliveira, UNICAMP/IFCH (orientanda), Mestrado (doc. 464)

Relações de bancas de exame de qualificação de alunos de Mestrado em Antropologia Social (sem documentação)

1. Beatriz Gois Dantas (1979).
2. Sofia Leal Ivo (1979).
3. Ionne Morita (1979)
4. Tânia Cristina Martins (1979).
5. Sandra Jacqueline Stoll (1980).
6. José Márcio P, Moura Barros (sem data).
7. Rita de Cássia Morelli (1985).
8. Paulo Roberto Michalizen (orientando) (1985).
9. Maria Aparecida P. da Silva (1986).
10. Carlos James dos Santos (1986).
11. Guacira Coelho Waldeck (1986).
12. Leila Sollberger Jeolás (1987).

Hã outros exames de quqlificação, perdidos dos registros oficiais e das sombras de minha memória...

1987

- Hoje, 21 de outubro, Águas de São Pedro: ANPOCS: participo do Grupo de Trabalho Religião e Sociedade e apresento documento sobre Rito, Cortejo e Romaria (doc. 465).
- 28 de outubro, Rio de Janeiro, ISER: reunião da diretoria do Instituto de Estudos da Religião (sem documento).
- 02 de novembro, Goiânia: retomada dos trabalhos na Universidade Federal de Goiás; palestras para alunos do Mestrado em Educação; continuidade dos trabalhos de campo da Oficina de Pesquisa em Pirenópolis (sem documento).
- 08 de novembro, México/Guanajuato, CEAAL: participação na Assembléia Latinoamericana de Educação de Adultos, como membro do Conselho Diretivo do CEAAL. Nesta oportunidade encerra-se o meu período de trabalhos junto ao CEALL (doc. 466).
- 22 de novembro, Managua, UNICEF: participação de seminário sobre pesquisa e trabalhos de educação (doc. 467, a caminho).
- 1º de dezembro, Goiânia, UFG: retomada dos trabalhos em Goiás; trabalhos de campo em Pirenópolis com um mês de duração, junto à equipe da Oficina de Pesquisa (sem documento).
- outubro/novembro, Campinas/São Paulo, Editora da UNICAMP/Editora Ícone: lançamento de meu livro: *O Festim dos Bruxos e outros estudos sobre a religião no Brasil* (doc. 468).
- janeiro 1988, Sul de Minas: retomada do período intensivo de trabalhos de campo de minha pesquisa sobre Tradição, Saber e Mudança Cultural entre Camponeses do Alto Paraiba (São Paulo) e do Sul de Minas, com auxílio de pesquisa da FINEP e do FAP (UNICAMP). Previsão do término dos trabalhos de campo em julho 1988 (sem documento).
- janeiro 1988 (antes de ir para o Sul de Minas, Cuiabá, CIMI/CNBB: Curso com pessoal do Conselho Missionário Indigenista sobre Educação Indígena (sem documento). Ainda que esta não seja minha área de especialização, tenho prestado serviços esporádicos de assessoria ao pessoal do CIMI, sobretudo no que toca

questões de análise antropológica da cultura e discussão sobre questões de cultura e educação.

Projetos atuais, efetivos e em andamento

1º *Estrutura e Processos Sociais de Reprodução do Saber entre Camponeses*

Projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq e pelo IDRC do Canadá. Iniciado em 1982 e já concluído, mas ainda não plenamente editado. Como resultado da pesquisa feita, foi produzido um relatório em dois volumes já enviados ao CNPq e ao IDRC: *O Trabalho de Saber* e *A Partilha do Tempo*. Tais documentos estão no momento na Editora Brasiliense e deverão ser publicados, constituindo uma pequena trilogia de estudos sobre o assunto, com a incorporação futura do relatório *O Trabalho e o Saber do Trabalho*, que faz parte do presente projeto de pesquisas na região do Alto Paraíba em São Paulo e no Sul de Minas.

Em nome do Instituto de Estudos da Religião realizei, no mesmo local, ao longo de 03 anos, uma documentação sonora e fotográfica sobre a experiência cotidiana da religião entre camponeses tradicionais. Eu já havia feito o roteiro antropológico e o texto de um filme de média metragem sobre a Festa do Divino Espírito Santo em São Luís do Paraitinga, cidade sede de minha área de pesquisa (A Divina Festa do Povo, direção de José Inácio Parente). No momento concluo um relatório de pesquisa sobre a experiência cotidiana do catolicismo camponês, tal como ele aparece simbolicamente no corpo, na casa e nos lugares da vida das pessoas de uma pequena comunidade de camponeses tradicionais (os últimos caipiras?). *A Matéria da Crença* é o resultado provisório de minha pesquisa; um relatório que espero concluir até março de 1988.

Finalmente, alguns trabalhos de Antropologia Visual (em que me inicio aos tateios) completam os 04 anos de presença no campo, em São Luís do Paraitinga: a.) um documento de fotos em cores a que dei o nome de *Os Sinais do Sagrado*, já entregue ao ISER; b.) *Corpo, Casa e Lugar*, um audiovisual sobre os usos de tais locais como sinalizações do sagrado; c.) *Ritos e Festas do Alto Paraíba*, outro audiovisual que etnograficamente descreve o

ciclo das festas camponesas da região, dedicadas à religião ou ao trabalho (mutirões); d.) *Faces do Povo em Festa*, um terceiro audiovisual que enfoca as expressões das pessoas em várias e diferentes situações da vida cotidiana e dos momentos de festas. Os três documentários de audiovisuais são um ainda compromisso meu com o Instituto Nacional do Folclore.

2º *Cultura, Educação, Interação*

Desde o ano de 1982 assessoro a equipe técnica da Fundação Nacional Pró-Memória encarregada de coordenar um projeto desenvolvido até dezembro de 1986 e que tomou o nome de: Interação entre Educação de 1º Grau e os Diferentes Contextos Culturais. Fui convidado a prestar, como antropólogo, assessoria à equipe de Brasília e me dispus a iniciar um trabalho de avaliação de experiências locais, notadamente em Minas Gerais. Como resultado de tal atividade redigi um documento: *Cultura, Educação, Interação - observações sobre ritos de convivência e experiências que aspiram torná-las educativas* (doc. 469).

Resolvemos, o pessoal do Pró-Memória e eu, organizar uma coletânea de textos de análise da experiência coletiva. O documento final está pronto e deverá ser editado em convênio entre o Ministério da Cultura e alguma editora. Tomara, provavelmente o nome: *O Difícil Espelho*.

Já antes, um documento da FUNARTE: *Interação Educação Básica x Contexto Cultural*, transcreve um seminário meu na FUNARTE sobre o "Projeto Interação" e, depois, o interminável debate que se seguiu. *Interação Educação Básica Contexto Cultural, FUNARTE, 1986, p. 102 a 123* (doc. 470).

3º *Tradição, Saber e Mudança Cultural entre Camponeses do Alto Paraíba (São Paulo) e do Sul de Minas*

Esta é a minha pesquisa atual principal. Eu a estou desenvolvendo desde 1985 na região do Alto Paraíba, em São Paulo, onde o trabalho de campo está concluído e a respeito da qual tenho parte de relatório terminado. Eu a estou iniciando em regiões do Sul de Minas, com o centro no município de Caldas, e devo

concluir ali o trabalho de campo até julho de 1988. Tal como disse antes, a pesquisa faz parte do programa de estudos do mestrado em Antropologia Social e é financiada pela FINEP e pelo FAP da UNICAMP. O resultado de meu trabalho na região será um relatório (provavelmente em dois volumes, um para cada local estudado - São Paulo e Minas Gerais). Por outro lado, tal como aconteceu na pesquisa anterior, devo incluir em meus estudos questões ligadas à identidade e, principalmente à ética do campesinato do Sul de Minas, explorando com melhor ênfase o substrato propriamente religioso de enunciação de sua lógica e de seus princípios. Tal pesquisa deverá fazer parte dos trabalhos do Grupo de Estudos de Catolicismo, do Instituto de Estudos da Religião.

4º De Palabra y Obra en el Nuevo Mundo - imágenes y acciones interétnicas

Fui recentemente convidado pela Fundación Xavier Sales, de Madrid, para compor com um grupo de cientistas sociais de vários países um amplo projeto de estudos que culminariam com os festejos (intelectuais, suponho) dos 500 da chegada de europeus na América. Toca a meus estudos a questão das relações adaptativas no Brasil e no Sul da América. Tal projeto implica pesquisa documental e a elaboração de um artigo que será discutido na Europa, a partir de julho de 1988, em duas ocasiões (doc. 471).

5º Oficina de Pesquisa em Pirenópolis

Creio haver falado alhures sobre ela. Desde que comecei, há vinte anos, o meu trabalho de docente universitário, busquei sempre que possível e adequado partilhar situações simples de pesquisas de campo com alguns alunos. Aqui e ali mencionei pesquisas que, mimeografadas e distribuídas com parcimônia, foram apenas um dos resultados de tais pequenas e sérias aventuras de aprendizado coletivo de pesquisa em antropologia. Estou anexando aqui os dois volumes de uma experiência gratificante realizada com alunos de graduação em ciências sociais, da UNICAMP *Estrutura e Processos Sociais de Reprodução do Saber Popular - como o povo aprende?* Por outro lado, um próximo Boletim de

Antropologia do DCS/UNICAMP, deverá editar trabalhos de 3 alunos de pós-graduação que viajaram comigo à região de São Luís do Paraitinga

No presente momento trabalho com um grupo de cerca de 13 alunos de ciências sociais e comunicação da ICHL da Universidade Federal de Goiás. Até julho do próximo ano estaremos realizando na cidade de goiania de Pirenópolis uma experiência de "aprendizado de campo". Tal como nas experiências anteriores, alunos, individualmente ou em duplas, escolhem seus "temas", elaboram pequenos projetos e, com a minha orientação, realizam a sua pesquisa.

6º *Música e poesia a vida depois do dever*

Sempre ao lado de minhas pesquisas "oficiais", que me tomam boa parte da vida desde pelo menos 1968, procuro fazer algumas documentações etnográficas sob pessoas, símbolos, acontecimentos e situações que me tocam particularmente. Assim, tenho uma quantidade apreciável de fitas gravadas a respeito de rituais de negros e de camponeses católicos. Assim também, entre slides e fotos de papel, tenho já um repertório respeitável de registros de cenas de vida e festa. Ora os deixo em um simples arquivo para usos posteriores aos que lhes dou quando trabalho na pesquisa de que são parte, ora os reuno em alguns que fazem o "visual" da pesquisa, como aconteceu agora no caso de *A Matéria da Crença*. Participei de alguns filmes, como disse, e a experiência foi bastante gratificante. Tenho no horizonte alguns audiovisuais de que já falei e que são sempre apenas uma "outra face" dos meus relatórios de pesquisas de campo. Juntamente com pessoa da *Tacape* (uma inteligente cooperativa de discos de São Paulo) e alguns artistas alternativos de Belo Horizonte, estou participando da elaboração de um dsico etnográfico sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Oliveira, em Minas Gerais.

Mais do que tudo, entre aulas, reuniões, pesquisas, orientações e exames, espero terminar, até um dia, um outro livro de poesia. Chamei-o *Memória de Errante* e o título sugere quase uma biografia. Mas, afinal, o que não é uma biografia?

Minha Memória

1980 até hoje; depois do doutorado até agora. "O mundo é pouco"
(Cristovam Colombo)

Aquilo que aprendi a chamar de diálogo, nos meus tempos de PUC, JUC e MEB e, agora, de interlocução é hoje intenso, às vezes exagerado, profissionalmente diferenciado e desigualmente fecundo. Alguma coisa já existente e vivida no fluxo de todos os dias, inclusive os de férias (que são dedicados em maioria à pesquisa de campo) tornou-se agora a própria matéria da vida. *Onde, com, contra* ou *através* do que e de quem ele se realiza em mim?

Hoje é 21 de outubro e eu o convoco e mais setembro para virem depor aqui. Uma fiel e pequena etnografia do que me aconteceu entre um 21 e outro, deve ser o melhor retrato de como tenho vivido nos últimos tempos a experiência de minha "vida de trabalho". Desfiado o fio deste "um mês", retorno a uma lógica mais sensata e faço a geografia final da história que nos acompanhou até aqui, amigo leitor.

Eu vinha de Oliveira, em Minas, quando soube na secretaria do Departamento de Ciências Sociais que tinha um prazo até 27 de setembro para apresentar este documento às primeiras instâncias de vigilância e execução da Livre Docência. O prazo poderia ser prorrogado por mais um mês, mas não mais do que isso. Em Oliveira eu participara de estudos meus sobre ritos e festas de negros de origem camponesa no Sul de Minas Gerais e em regiões próximas. Participara também de uma pequena equipe que, afora um especialista uruguaio em música e eu, é toda constituída de mineiros. Fizemos uma semana de trabalhos para a edição de um disco etnográfico a respeito da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Fiz a face mais antropológica da pesquisa e farei o texto do disco.

Dada a notícia da urgência, ainda com o som dos tambores dos "negros do Rosário" nos ouvidos, entreguei-me ao ruído menos musical e meu conhecido de muitos anos, do tambor da máquina de escrever. Mas por poucas horas. Começados ao mesmo tempo, este memorial-minha memória e o documento que devo apresentar na reunião da ANPOCS, deixei-os e voltei por 03 dias a Caldas, no Sul de Minas, onde faço a pesquisa sobre a lógica da modernização e da tradicionalidade na agricultura camponesa (UNICAMP/FINEP). Três dias ligeiros entre lavradores de uva, feijão, milho e batata, e

já na noite do sábado viajei para Goiânia onde, por uma semana completa, esperavam-me alguns alunos do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Goiás, com quem faço seminários sobre saber, sociedade e educação; os alunos de ciências sociais e comunicação que vivem por um ano comigo uma "oficina de pesquisa" em Pirenópolis, no interior do estado, um estranho e perigoso "acidente radioativo".

Deveria interromper o trabalho em Goiás por um dia e ir ao Rio de Janeiro para participar de uma mesa redonda na UFRJ sobre "o ensino da ciência no 1º e no 2º graus", ao lado de Márcio Campos, mas um acidente felizmente cosmetível e, não, nuclear, o impediu. Refeito, viajei para Belo Horizonte e no segundo dia da semana seguinte discuti com cerca de 40 especialistas em educação de todos os estados do Nordeste, associados ao programa EDURURAL do MEC, o andamento da experiência e, uma vez mais com tantas outras entre outros tantos educadores, as razões pelas quais a diferença entre as metas traçadas e os resultados obtidos é tão desfavorável. De Belo Horizonte fui a Diamantina, onde havia aceitado fazer uma pequena conferência sobre "o sentido da cultura" como pretexto para poder voltar por um dia aos começos do Vale do Jequitinhonha. Ali, 05 anos antes iniciara, durante um dos Festivais de Inverno da UFMG de que participei, uma documentação audiovisual centrada na pessoa e no trabalho de um garimpeiro, João Braço, que reencontrei vivo e esperto, com 98 anos. Feitas todas as fotos que me faltavam voltei com pressa (e nada pior do que pressa em Minas) a Belo Horizonte, discuti com a fração mineira do disco de Oliveira alguns detalhes e viajei a São Paulo, onde fiz com os alunos de pós-graduação de Sociologia e de Antropologia da USP um seminário sobre minhas últimas pesquisas de religião. Era um 09 de outubro e eu cheguei em cada um dia atrasado para festejar com minha mãe os seus 70 anos. Quatro dias depois examinei a dissertação de mestrado de uma orientanda e pude então voltar ao documento da ANPOCS e a este. Viajo ainda hoje para Águas de São Pedro e participo do Grupo de Trabalho sobre Religião e Sociedade, onde apresento um estudo sobre "folia, procissão, cortejo e romaria". Gostaria de levar comigo aos companheiros do grupo *O Festim dos Bruxos*, livro que a editora da UNICAMP prometera para o começo de outubro e que, creio, ficará pronto apenas em novembro.

Entre viagens e voltas leio fascinado uma tese de doutorado em dois volumes sobre festas antigas em São Luís do Paraitinga, que deverei examinar dia 30 no Departamento de História da USP. Viajo logo em seguida a Goiás, onde mais uma rotineira e generosa semana de trabalhos com os goianos da UFG esperam-me, em Goiânia e em Pirenópolis. Corro de volta e embarco para o México dia 8 de novembro. Em Guanajuato participo de uma assembléia latinoamericana de educação de adultos com que me despeço de meu cargo de conselheiro do CEAAL e de 25 anos dedicados a viajar, escrever e falar sobre a educação popular. Ainda no correr de novembro vou a Managua, chamado pela UNICEF, para discutir projetos locais de pesquisa em programas formais de educação infantil. De volta retomo o contacto e tento reunir alunos de mestrado e doutorado que começam a compor comigo, na UNICAMP, uma equipe informal de pesquisadores de ritos e religião.

Este não é um período "típico" em minha vida e de minhas interlocuções. Por 04 meses estou licenciado de aulas na UNICAMP e dedicado, com uma suspeita exclusividade, a trabalho de campo em São Paulo (região do Alto Paraiba onde concluo pesquisas sobre reprodução do saber entre camponeses), Minas Gerais (Planalto de Caldas, onde inicio a pesquisa atual) e Goiás (Pirenópolis, com os alunos da "oficina"). Mas ele fotografa com alguma fidelidade com quem estou, onde e o que faço. Desde 1980 não me é estranho saltar de um seminário na UNICAMP para cinco dias de pesquisas no interior de Goiás; para uma manhã de trabalhos com uma equipe da Fundação Nacional Pró-Memória, em Brasília e daí para uma palestra apressada na Faculdade de Filosofia do Vale do Jequitinhonha em Diamantina e, de novo para... um outro dia de seminários na UNICAMP. Absolutamente fiel ao longo destes anos todos, estou sempre dedicado ao meu trabalho na ou derivado da universidade. Ele é a minha vida de todos os dias e eu não sei como saberia viver uma outra. Mas, rotineiramente errante, não aprendi até hoje a realizá-lo a não ser multiplicando sempre, em muitas faces diferentes, a sua matéria.

Quando nos anos mais fecundos consegui editar um livro de Antropologia, dois sobre Educação e um outro de Poesia, depunha neles, ao mesmo tempo, a maneira persistente, mas também perversa como tenho vivido e trabalhado até aqui.

Mas em que lugares se realiza o diálogo deste trabalho? Vejamos.

Antes de qualquer outro lugar e em boa medida determinando os *outros*, o seu principal local de realização é a universidade. É a UNICAMP, o Departamento de Ciências Sociais e o Conjunto de Antropologia, Esta é a minha primeira e mais imediata comunidade. Entre suas reuniões, cursos e seminários, tenho vivido vários dentre os momentos mais férteis da vida de trabalho e estudo descrita aqui. Os dois programas de pós-graduação de que participo, o Mestrado em Antropologia Social e o Doutorado em Ciências Sociais, especialmente em sua área de estudos rurais, têm sido a duração quase ininterrompida de um diálogo intrigante, às vezes difícil, mas sempre desafiador e fértil. Com menos vagar e profundidade que alguns de meus companheiros de estudos, tenho desde 1976 acompanhado as discussões que nos fizeram passar por nomes e teorias, de Leach a Geertz e de alguma coisa próxima ao estruturalismo a algo na fronteira da hermenêutica. Estive sempre mais próximo de alguns companheiros, como aqueles cujas pesquisas estiveram ou estão orientadas para questões da relação entre a cultura e a identidade, da religião ou do mundo camponês. No programa do Doutorado sou, provisoriamente, — porque espero com ansiedade a chegada de Mauro e, possivelmente, de Klaas — a presença de um pensamento antropológico entre uma maioria de professores e alunos de Sociologia.

Uma lembrança precisa ser feita sobre o que partilho com os alunos. Desde os tempos de Goiás tenho convivido com alunos, dentro e fora da universidade, em situações muito diferentes. Esta tem sido uma duradoura experiência produtiva. Tive e tenho orientando de mestrado e doutorado, da UNICAMP e de outras universidades próximas. Com alguns acredito haver aprendido mais do que ensinei e digo isto com uma objetividade matemática. Sempre que pude formei equipes de trabalho "extra-classe" e, algumas vezes, fui ao campo com equipes de alunos de graduação e "da pós". Não os levava como auxiliares de minhas pesquisas — isto também aconteceu — mas como realizadores de suas próprias primeiras pesquisas. Agora mesmo procuro formar, com um inquieto grupo de alunos de mestrado e doutorado ligados a problemas de religião, um novo grupo de trocas e estudos comuns.

É através destas áreas de interesse que o horizonte de convivência e trabalho da UNICAMP alarga-se as de outras universidades onde estou com alguma frequência. Entre elas a USP, a PUC de São Paulo, a Federal de Goiás e a UnB, assim como, por outros

caminhos e lugares, a Federal de Minas Gerais. Tenho participado de reuniões de estudos em todas elas, fora os exames de dissertações de mestrado e teses de doutorado (com a do próximo dia 30, na USP, elas serão próximas de 55 bancas, desde 1980).

Mas em mim é sempre muito mais a realização de pesquisas de campo e a discussão dos meus e dos "achados" de outros iguais pesquisadores, o que me convoca ao diálogo. Por isto, uma vez mais, fora da UNICAMP e em situações como os encontros de ANPOCS, ABA e outros aparentados, é com cientistas sociais dedicados a estudos de cultura camponesa e de sistemas de religião que tenho estado em contacto. Concluída minha pesquisa sobre campo religioso em Itapira, para o doutorado, envolvi-me em dois projetos sucessivos de uma quase longa duração e é a partir do trabalho ali realizado e em realização que tenho buscado escrever, apresentar o que faço e ouvir reações. Uma é a pesquisa já quase concluída junto a camponeses tradicionais do Alto Paraiba, em São Paulo, a quem fui perguntar como o *saber* que diferencialmente eles possuem é criado, reproduzido, transmitido entre as diferentes categorias de "sujeitos do conhecimento" e, finalmente, pensado e posto em confronto com o saber vindo "de fora", especialmente através da escola. Tal pesquisa, vivida durante 04 anos, com dois relatórios prontos e um em finalização, colocou-me em um estreito contacto com pessoas da "área da educação", com as quais eu estive sempre em diálogo, desde pelo menos 1964. No entanto, a partir da pesquisa e de alguns estudos antecedentes, uma certa variação em tal diálogo tornou-se muito evidente. Durante anos escrevi sobre educação e para educadores, como um deles; como um participante (em alguns momentos exageradamente motivado) do que nos acostumamos a chamar de "o movimento da educação popular". Depois, comecei a interessar-me por partilhar a pequena comunidade dos antropólogos preocupados em pensar a educação através da Antropologia. A partir de *Casa de Escola* e, mais ainda, de meus dois relatórios inéditos da última pesquisa, isto é muito visível.

A segunda pesquisa mal se inicia. Ela é um estudo sobre a lógica da reprodução da tradicionalidade, ou do desejo de inovação no trabalho e em outros sistemas de trocas, entre camponeses do Sul de Minas Gerais e do Alto Paraiba, em São Paulo. Esta pesquisa faz parte de um programa coletivo de estudos e investigações de docentes do Conjunto de Antropologia da UNICAMP e nos unifica, por nossas diferenças, com algumas promessas de possíveis

bons momentos de trocas sobre o nosso trabalho.

Tal como os estudos anteriores, ainda que as questões presentes não sejam, ali, a respeito de sistemas de crença e culto do catolicismo camponês, eu as aproximo deles e, através disto, renovo razões de uma presença constante entre outros pesquisadores, antropólogos em maioria, dedicados aos estudos do fenômeno religioso, aqui no Brasil e em outros lugares do mundo (natural e sobrenatural). Participo ativamente do "Grupo de Catolicismo" do ISER, um reduto fértil de poucos crentes e muitos investigadores de questões que vão das relações igreja-e-estado às que, mais próximas a mim mesmo, reiteram perguntas sobre lógicas, éticas e identidades de participantes populares das várias modalidades possíveis do "ser católico" e viver a religião hoje, no Brasil. Participo também do Centro de Estudos da Religião, de São Paulo, e do Grupo de Trabalho de Religião e Sociedade da ANPOCS. A sucessão de livros, artigos e outros escritos recentes que acompanham este MEMORIAL-MINHA MEMÓRIA, é o melhor balanço de minhas tendências atuais. Se até anos recentes foi por causa de meus estudos e escritos sobre educação e educação popular, que fiz a maioria de minhas viagens pelo Brasil, a América Latina e, em menor escala, a Europa, agora os interesses e convites estão de parte a parte sempre mais vinculados às minhas pesquisas de uma Antropologia da Religião. Em meus estudos — e deixo que eles, anexos, falem por mim — uma preocupação mais "sociológica", centrada sobre as relações de reprodução do fenômeno descrito, aos poucos dá lugar a uma vocação, mais definitivamente antropológica, de pesquisa da razão simbólica e da partilha de sentido de que procuro explicar. Infelizmente alguns trabalhos concluídos mas não-publicados, ou ainda em pleno "processo de escrita", não podem ser incorporados a este documento.

Companheiros de Antropologia da UNICAMP e de fora dela, pesquisadores e teóricos (onde separá-los?) do campesinato, da cultura camponesa e, especialmente, da religião, são e serão daqui para a frente os interlocutores mais próximos.

De outros no entanto a partir de agora me afasto. Não das pessoas, porque algumas se eternizam na amizade e, nesta área, elas são muitas, através de um longo tempo, mas de um interesse situado entre a militância e a profissão. Cumpro no correr deste ano de 1987 vinte e cinco anos desde quando comecei a "trabalhar

com a educação popular", e vinte anos desde quando, em Brasília, aprendi a ser professor em uma Faculdade de Educação. Perdi faz tempo o número de viagens, dentro e fora do Brasil, por causa disto. Até quando eu as contei todas, tinha tido cerca de duzentas participações em assessorias a programas de ação direta, em seminários, simpósios e equivalentes. Como não é — ainda bem — nesta área que me apresento para a livre docência, relatei no MEMORIAL apenas o que me pareceu mais próximo à Antropologia e mais relevante, não tanto por sua importância nominal, mas como testemunho de uma presença que, com altos e baixos durante todo o percurso, eu valorizo bastante. Escrevi livros, meus e em coletânea, que multiplicam edições, enquanto festejo a apenas "segunda" de algum livro de Antropologia. Por algum tempo procurei refletir com educadores do Brasil e da América Latina, a questão da pesquisa qualitativa e a contribuição da Antropologia nisto, quando aplicado ao seu campo de trabalho. Editei livros e escrevi artigos sobre *pesquisa participante*, um movimento entusiasta que alguns, até hoje, querem uma teoria, e que explodiu na década de 80, entre participantes intelectuais dos movimentos populares. Conheci e aproximei pessoas e idéias. Partilhei com elas Paris e Londres, mas também Pilão Arcado e Marabá. Acompanhei experiências de igreja nos tempos em que elas foram duramente reprimidas e participei de assessorias longas a experiências oficiais, como as do "Projeto Interação", do Ministério da Cultura, que teve a coragem de, através da Fundação Nacional Pró-Memória, convocar um antropólogo para ser assessor de um trabalho de educação rural (ver anexos).

Se entre os companheiros de universidade e, especialmente, da Antropologia da UNICAMP, vivi e tenho vivido a dimensão mais densamente crítica de meu diálogo com as idéias, tem sido com estes educadores, a meio caminho entre a universidade e os sertões do país, que tenho vivido a dimensão mais ardorosa e intensa de minhas trocas de idéias.

Esta partilha à volta da educação não foi vivida apenas fora ou mesmo à margem da universidade. Tive e tenho ainda orientando de mestrado e doutorado em faculdades de educação, inclusive na própria UNICAMP. Participei de cursos e seminários em tais faculdades de pelo menos 10 estados do país. Examinei uma conta exagerada de dissertações e teses "na área" e fui debatedor ou conferencista das quatro conferências brasileira de educação (CBEs).

Avisei aos amigos do setor que agora chega. Preparo por estes dias uma carta afetuosa em que me despeço, sem me afastar. Ocorreu-me, é preciso lembrar honesta e confidencialmente aqui, a contradição de, logo após o meu doutorado em ciências sociais, desconfiar do modo como então eu as vivia na universidade. Ocorreu-me a possibilidade de dedicar-me de corpo e alma a pessoas, grupos, situações e esperanças em um campo de práticas e idéias para o qual eu era convocado com uma insistência muito mais urgente e intensa do que no meu próprio setor intelectual de docência e pesquisa. Em pelo menos duas vezes foi sondado para cargos internacionais entre educadores. Bendigo até hoje os dias em que os recusei. Sei agora que é de dentro da Antropologia, amadurecendo ainda a experiência do olhar e do pensamento, que tenho e terei uma contribuição a oferecer, até mesmo ou, principalmente, aos educadores e militantes da educação com quem convivi, de um modo ou de outro, todos os dias destes vinte-e-cinco anos. Meus esforços, a partir de 1982, de re-criar no Brasil uma tão esquecida Antropologia da Educação (Hugo Lovisolo, Tânia Dauster, Baeta Neves... quem mais?) fazendo pesquisas e procurando pensar "a educação como cultura" (ver *Casa de Escola* e *A Educação como Cultura*, em anexo), poderiam ser o melhor indicador desta esperança de requalificar a densidade de meus estudos e escritos na área, e incorporar a ela algumas idéias que, aparentemente mais distantes do ardor da prática cotidiana com que se envolvem os seus sujeitos, venham a ser, por isto mesmo, mais úteis.

Não quero me despedir deste depoimento sem fazer referência a um último campo de trabalho e de diálogo com os outros e com o mundo que, último na lista dos relatos, nem por isto me é menos importante. Desde antes de tudo, da psicologia à educação e desta à antropologia, a experiência absolutamente gratuita e pessoal de ver o mundo e escrever sobre ele como poesia tem sido uma persistente constante em mim. Eis o diálogo generosamente mais solitário. Ao contrário de que acontece com o trabalho universitário, dividido entre inúmeras confrarias, grupos de estudos e redes de envolvimento com e através de pessoas, não pertencço por agora a nenhuma equipe, "vanguarda" ou o que quer que seja, em meu ofício de escritor. Convivo com amigos poetas, na própria UNICAMP, como Carlos Vogt e Regis de Moraes, ou fora dela e, então, eles são muitos. Mas somos sempre sujeitos soltos de um diálogo sem fim. Um diálogo finalmente gratuito em tudo, onde os livros não são

dados, mas doados e trocados (dar, receber, retribuir), onde não há seminários e nem cursos, mas, aqui e ali, uma qualidade de *encontro* que eu gostaria de ver reproduzida em todos os outros, de todos os outros campos de trabalho: docente, científico e político.

Já que nestas memórias procurei depor sobre minha pessoa da maneira mais confidente e completa possível, escrevendo sobre dimensões da vida e do trabalho via de regra não esperadas no lugar a que elas se destinam, permita-me, amigo leitor, uma última confissão. Às vezes penso que todo o trabalho científico e docente vivido principalmente na universidade, mas também fora dela; vivido prioritariamente como antropólogo e através da Antropologia, mas não só aí, não é mais, ele também, do que uma etapa do percurso que narrei, provisoriamente realizado em e como minha vida, de um dia no passado até aqui. Uma etapa a ser cumprida e que terá um fim, espero, antes de mim mesmo, Haverá então o tempo de um longo silêncio e depois de pensar e escrever em tantas falas, a tantas *outros*, espero que a poesia o preencha inteiramente, e que os *outros*, os interlocutores, sejam então, pelo menos simbolicamente, *todos*.

anexos do MEMORIAL

I

MEMORIAL SIMPLIFICADO

reprodução de um curriculum vitae

feito para a UNICAMP em 1986

**razoavelmente atualizado, este curriculum
vitae reordena quase todos os dados
apresentados no MEMORIAL cronológico.
ele foi escrito em setembro de 1986
e, portanto, não é completo.**

MEMORIAL SIMPLIFICADO

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

Nascido no Rio de Janeiro em 14 de abril de 1940

Professor Universitário

Casado

Residência: Rua Sampaio Ferraz nº 392 Cambuí 13.025 Campinas-SP
(0192) 53-5180

Trabalho: Universidade Estadual de Campinas UNICAMP
Departamento de Ciências Sociais
C.P. 6110 13.081 Campinas SP
(0192) 39-1301 R. 2368

Formação Profissional

Curso Clássico, Colégio Andrews, Rio de Janeiro, 1960

Licenciado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ), 1965

Especialista em Educação, Centro Regional de Educación Fundamental para América Latina, Pátzcuaro, Michoacan, México, UNESCO, 1966

Mestre em Comunicação, Universidade de Brasília, 1968

Psicólogo, PUCRJ, 1969

Mestre em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 1974

Doutor em Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, 1979

Experiência Profissional

1º. durante os estudos universitários

Monitor de Psicologia, Instituto de Psicologia Aplicada, PUCRJ, 1963

Técnico em Educação, Movimento de Educação de Base, 1963/1966, Rio

2º. após os estudos universitários e fora de magistério

Técnico de Educação, Instituto Brasileiro de Reforma Agrária, Brasília, 1967/68

Coordenador do Centro de Orientação Psicológica, Universidade Católica de Goiás, 1970

Assessor de Educação Popular, Rio de Janeiro (eventual entre 1969 e 1984)

3º. Experiência profissional no magistério superior

Professor Adjunto II, Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 1967/68.

Professor Auxiliar, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1969 (um semestre)

Professor Regente, Universidade Católica de Goiás, Faculdade de Educação, de Arquitetura e de Serviço Social, 1968/72

Professor Assistente, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, 1972/73

Professor Titular, Universidade Federal de Goiás, Instituto de Ciências Humanas e Letras, 1968/76

Professor Assistente Doutor, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Ciências Sociais, atual a partir de 1976

4º. cargos ocupados em universidades

Pesquisador, Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, 1972/75

Chefe de Departamento, Faculdade de Educação, Departamento de Sociologia e Psicologia, 1969

Comissões especiais, Participante de cerca de 30 comissões provisórias e especiais na Universidade Federal de Goiás entre 1968 e 1975

Chefe do Conjunto de Antropologia Social, UNICAMP, Departamento de Ciências Sociais, 1980

Membro da Comissão de Pós-Graduação de Antropologia Social, UNICAMP, Departamento de Ciências Sociais, 1983/84

Coordenador do Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social, UNICAMP, Departamento de Ciências Sociais, 1985/86

Membro do Conselho do Doutorado em Ciências Sociais, UNICAMP, Departamento de Ciências Sociais, 1986

Membro da Sub-CPG do Programa de Doutorado de Ciências Sociais, UNICAMP, Departamento de Ciências Sociais, 1986

5º. cargos ocupados e convites formulados fora da universidade

Membro da Comissão de Folclore e Artesanato, Conselho Estadual de Artes e Ciências da Secretaria de Estado da Cultura, São Paulo, 1984

Comissão de Antropologia e Culturas Populares, Ministério da Cultura (convite formulado pelo ministro da cultura - não realizado), Brasília, 1985

Editor da Coleção de Educação, Edições Graal, Rio de Janeiro, 1983
86

Membro do Conselho Editorial da Revista Religião e Sociedade, Instituto de Estudos da Religião, Rio de Janeiro, 1978/83

Membro do Conselho Editorial, Coleção de Educação Popular, Editora Loyola, São Paulo, atual

Membro do Conselho Editorial da Revista Tempo e Presença, Centro E cumênico de Documentação e Informação, Rio de Janeiro, 1982/84

Co-responsável pela edição de Identidade e Etnia do Anuário Antropológico, Editora Tempo Brasileiro, Brasília/Rio de Janeiro 1979/
81

Co-editor da Coleção Krisis, Editora Papyrus Editora, Campinas, atual

6º. participação ou coordenação de cursos universitários de pequena duração

Mestrado em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 1980/
1983 (uma semana anual)

Mestrado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (um semestre), 1981

Doutorado em Teologia, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, (um semestre), 1979

Curso de especialização para professores de Ciências Sociais, Universidade Federal de Sergipe, 1973 (30 horas)

Curso de especialização para professores de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, 1976, (20 horas)

Curso de especialização para professores de Educação, Universidade Católica de Goiás, 1980/81 (80 horas)

Curso de especialização para professores de Educação, Universidade do Amazonas, 1980/81 (20 horas)

Curso de especialização em Antropologia, Universidade Federal do Paraná, 1983, (30 horas)

Curso de especialização em educação, Universidade Federal de Uberlândia, 1982, (20 horas)

Seminário sobre a pesquisa antropológica, Grupo de Estudos em Antropologia Simbólica, Porto Alegre, 1983, (20 horas)

Curso de especialização para professores de educação, Universidade Federal de Bahia, 1982, (20 horas)

Curso de especialização em Educação Brasileira, Universidade Federal de Goiás, 1986, (20 horas sobre Iniciação à Pesquisa em Educação)

♦♦ não estão relacionados aqui pequenas participações em cursos de especialização e de graduação realizados em universidades brasileiras.

7º. participação em encontros, seminários e simpósios

a. na UNICAMP

IIº Ciclo de Debates: Serviço Social e Educação Popular, Semana do Assistente Social, 1984

Cultura Caipira, 1984

b. no país

Reuniões de entidades científicas:

SBPC, 27ª reunião, 1975, Belo Horizonte, mesa redonda sobre instituições religiosas e religiosidade popular no Brasil

SBPC, 28ª reunião, 1976, Brasília, simpósio sobre identidade sexual e laços inter-sexuais no Brasil

SBPC, 29ª reunião, 1977, Fortaleza, mesa redonda sobre educação popular - alternativas

SBPC, 31ª reunião, 1979, São Paulo, mesa redonda sobre movimentos sociais populares e igreja católica no Brasil

SBPC, 32^a reunião, 1980, Rio de Janeiro, mesa redonda sobre educação popular e grupos marginalizados; debate sobre políticas e práticas de educação permanente e educação popular numa sociedade democrática

ANPOCS, 9^o encontro anual 1985, Águas de São Pedro, apresentador no Grupo de Trabalhos Família e Sociedade

ABA, 15^a reunião brasileira de Antropologia, 1986, Curitiba, mesa redonda sobre a questão da objetividade na pesquisa antropológica; mesa redonda sobre política e valorização da cultura local

Universidade Federal do Maranhão/CNPq, 1981, São Luís, assessoria ao projeto Políticas e Práticas de Educação - duas décadas de trabalho pedagógico no Maranhão

Centro de Estudos da Religião - CER, 1981, São Paulo, Os Deuses do Povo - palestra em homenagem a Duglas Teixeira Monteiro

Universidade de Caxias do Sul, 1981, duas conferências sobre educação popular no V^o Encontro Estadual sobre Filosofia das Faculdades de Educação

Sociedade Brasileira de Física, 1982, Belo Horizonte, Conferência sobre universidade e educação no Brasil

Fundação Nacional Pró-Memória, 1981, Congonhas, participação em seminário sobre Patrimônio e Identidade Cultural

Universidade Federal de Goiás, 1981, conferência sobre educação e nações indígenas no Brasil, no Seminário sobre o índio brasileiro

Universidade de Passo Fundo, 1980, conferência sobre a participação da universidade na educação popular

Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Estudos Avançados em Educação, Rio de Janeiro: 1980, mesa redonda no seminário sobre educação e mundo do trabalho

1982, mesa redonda em seminário sobre educação e igreja no Brasil

Fundação Educacional do Oeste Catarinense, 1979, Joaçaba, mesa redonda sobre messianismo e oligarquias no Contestado

Universidade Federal de Santa Catarina, 1980, Florianópolis, conferência sobre prática do educador e perspectivas de educação popular

Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1980, conferência sobre campo religioso no Brasil para professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

UNESP, campus de Marília, 1979, conferência sobre catolicismo e frentes de expansão, durante a XXª Semana da Faculdade de Filosofia

Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo, 1977, mesa redonda sobre educação e cultura do povo

Centro de Pesquisas e Avaliações Educacionais, 1979, Curitiba, duas conferências sobre educação e classes trabalhadoras

Centro de Pesquisas e Desenvolvimento, 1982, Salvador, mesa redonda sobre tecnologias alternativas

Grupo de Estudos de Linguagem PUC/Campinas, 1982, mesa redonda sobre a constituição histórica da categoria "língua"

Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas, 1984, Belo Horizonte, conferência sobre filosofia da religião e catolicismo no Brasil

Universidade Federal de Goiás, CECUP, 1984, Goiânia, conferência sobre a Antropologia atual e a análise da cultura

UNICAMP, Faculdade de Educação, 1978, conferência no 1º Seminário de Educação brasileira

IBRADES/Centro João XXIII, a educação no âmbito da sociedade civil, conferência no seminário sobre a educação popular

Iª Conferência Brasileira de Educação, Campinas, 1980, "Eva viu a Luta", conferência no simpósio sobre educação popular

IIª Conferência Brasileira de Educação, Belo Horizonte, 1982, mesa redonda sobre educação e pesquisa participante

IIIª Conferência Brasileira de Educação, Niterói, 1984, mesa redonda sobre educação popular na América Latina

IVª Conferência Brasileira de Educação, Goiânia, 1986, mesa redonda sobre a educação rural no Brasil

CNPq/Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas, 1983, Brasília, análise do programa de pesquisas em desenvolvimento de comunidade

CNPq/FUNARTE, 1983, Rio de Janeiro, análise de documento sobre política de cultura no Brasil

Universidade de São Paulo, FFLCH, DCS, 1983, conferência no seminário sobre a morte e os mortos na sociedade brasileira

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 1983, conferência no Iº Encontro de Antropologia

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/IEE, 1982, mesa redonda em curso de extensão universitária sobre religiosidade do povo brasileiro

Universidade Federal do Paraná, 1983, duas conferências na IIIª Semana de Antropologia - estudos afro-brasileiros

Fundação Getúlio Vargas/Centro de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola, 1983, Rio de Janeiro, redes de informação e participação na sociedade camponesa, conferência no ciclo de estudos sobre lei, costume e sociedade rural

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Laboratório de Psicologia Social, debate sobre pesquisa participante

Fundação Cultural de Curitiba, 1983, mesa redonda sobre cultura popular e educação popular, na semana sobre Cultura popular

Fundação Nacional do Índio, 1983, Brasília, conferência sobre a prática da educação indígena, no Iº Encontro de Técnicos da Área de Educação

Fundação Educacional do Estado do Paraná, 1984, Curitiba, duas conferências sobre educação rural no seminário sobre a educação rural

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1984, Brasília, participação no seminário nacional sobre pesquisa participante

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1984, relações sociais de reprodução do saber popular, conferência no ciclo de estudos sobre pesquisa em educação

Forum Nacional de Secretários de Estado da Cultura, 1984, Belo Horizonte, participação no Encontro Nacional de Política Cultural

Sociedade Brasileira de Arte e Educação/SOBREART, 1984, Rio de Janeiro, conferência preparatória do XXVº Congresso Mundial do INSEA

Fundação Cultural de Curitiba, 1985, erotismo e cultura popular, con
ferência na I^a Semana de Arte e Erotismo

Câmara dos Deputados - comissão especial de reforma agrária, 1985,
Brasília, formas de participação do trabalhador na reforma agrária,
mesa redonda

Universidade de São Paulo/Faculdade de Educação, 1985, seminário so
bre pesquisa participante

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Ministério da Cultura,
1986, conferências no curso de especialização em Administração cul-
tural

Secretaria de Estado da Cultura, 1986, São Paulo/Presidente Pruden-
te, cultura, cultura popular e folclore, duas palestras no I^o Semi-
nário de Cultura do Interior

Universidade Federal de Goiás/Faculdade de Educação, 1986, palestras
sobre pesquisa em educação no curso de especialização sobre educa-
ção brasileira

* Deixem de ser relacionados cerca de 100 participações em encontros,
seminários e correlatos, de 1966 a 1986, por serem julgados de me
nor relevância ou por não possuírem documentação julgada suficien-
te

c. no exterior

Universidad del Salvador, 1969, Buenos Aires, seminários sobre psi-
cologia e educação de adultos (60 horas)

Pontifícia Universidad Católica del Perú, 1971, Lima, seminário de
professores do programa de Ciências Sociais (25 horas)

Seminário Teológico Metodista, 1971, Alajuela (Costa Rica), curso so
bre metodologia psico-social de comunicação (25 horas)

Instituto Crandon, 1972, Montevideo, curso de criatividade social
(60 horas)

Oficina Nacional de Desarrollo Cooperativo - ONDECOOP, 1970, Lima,
curso sobre dinâmica de grupos (25 horas)

Centro de Estudios Cristianos, 1970, Buenos Aires, consulta sobre
psicologia das relações grupais

Universidad Autónoma de Nuevo Leon, 1973, Monterrey, México, conferencia sobre identidade e identidade social; curso sobre identidade social para alunos do Curso de Psicologia, durante o 1º Congresso Internacional de Psicologia (45 horas)

Centro Regional de Educación de Adultos para América Latina, 1981, Pátzcuaro, México, conferencia sobre processos sociais de reprodução do saber popular e participação em comissão de trabalhos na Reunión Técnica Regional sobre Política y Estratégias para Encarar el Problema del Analfabetismo y para la Educación Extra Escolar en el Medio Rural

Centro Regional de Educación de Adultos y Alfabetización Funcional para América Latina/Conselho Internacional de Educação de Adultos, 1982, Pátzcuaro, México, conferencia e participação em comissão de trabalho no IIIº Seminário Latinoamericano de Investigación Participativa

Universidade Metodista de Piracicaba/Conselho Internacional de Educação de Adultos, Piracicaba, 1984, conferencia de abertura e participação em grupo de trabalho no IIIº Seminário Latinoamericano de Investigación Participativa

Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo/FLACSO/PIEE, Punta de Tralca, Chile, 1982, Encontro de Educadores e Investigadores de Educação na América Latina, conferencia sobre estruturas e processos de reprodução do saber; participação em grupo de trabalho

44º Congresso dos Americanistas, Manchester, 1982, conferencia sobre religião popular e a igreja de libertação no Brasil, hoje, no simpósio sobre religião e igreja na América Latina; conferencia sobre educação popular e estruturas sociais de reprodução do saber, no simpósio sobre educação popular

Centro de Investigación del Instituto Politécnico Nacional/División de Investigaciones Educativas, 1982, México DF, México, conferencia sobre classes populares e modalidades de educação extra-escolar

Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina/CIESPAL, 1983, conferencia de abertura no seminário: La Comunicación Popular educativa-balances y perspectivas en América Latina

Pontificia Universidad Católica de Chile, 1983, Santiago, mesa redonda sobre educação de adultos na América Latina e a participação das universidades

UNESCO/Oficina Regional de Educação para América Latina e Caribe, 1983, Havana, Cuba, participação na Consulta técnica regional sobre Educação de Adultos na América Latina

Ministério da Educação/Vice Ministério de Educación de Adultos, 1983, Managua, Nicaragua, Encuentro Internacional de Educación Popular para la Paz, participação

Ministério da Educação/MOBRAL 1983, Rio de Janeiro, mesa redonda sobre programas de avaliação em educação

Consejo de Educación de Adultos de América Latina/CEAAL, conferência de abertura do Seminário de Educación para la Paz

Consejo de Educación de Adultos de América Latina/CEAAL, 1985, Buenos Aires, participação no ato preparatório da Assembléia Mundial de Educação de Adultos

Maison des Sciences de l'Homme, Laboratoire de Recherche sur L'Imaginaire Américain, Paris, 1985, palestra no colóquio sobre identidade nacional, religião e expressões culturais

Universidad Internacional Menendez Pelayo/Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1985, o festim dos bruxos, conferência apresentada no seminário Religión, Hechizeria y Gramatismo en Iberoamérica

Asamblea Mundial de Educación de Adultos, 1985, Buenos Aires, membro da equipe preparatória, participação como membro do Conselho de Educação de Adultos da América Latina

Asamblea Mundial de Educación de Adultos y los Educadores Argentinos, 1985, Buenos Aires, conferência sobre educação popular e democratização da cultura, comentada por Adolfo Perez Esquivel em mesa redonda

Fondation Internationale Lelio Basso pour le Droit et la Liberation des Peuples, 1985, Roma, conferência sobre educação popular e democracia na América Latina durante as jornadas: América Latina, qual democracia

Participação em bancas de pós-graduação e equivalentes

a) Na UNICAMP

Maria Elizabeth Rondelli de Oliveira, Mestrado em Antropologia Social, DCS, 1980

Benedito Tadeu Cesar, Mestrado em Antropologia Social, DCS, 1981

Cristina Pozzas, Mestrado em Antropologia Social, DCS, 1980

José W. Germano, Mestrado em Sociologia, UNICAMP, DCS, 1981

Tânia Cristina Lima, Mestrado em Antropologia Social, UNICAMP, DCS, 1983, orientador

Antônio Carlos Machado, Mestrado em Antropologia Social, UNICAMP, DCS, 1984

Mária Fátima Roberto, Mestrado em Antropologia Social, UNICAMP, DCS, 1983

Diana Cunha Mendonça, Mestrado em Sociologia, UNICAMP, DCS, 1984

Maria Helena Pupo, Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, 1980

Telma Anita Piacentini, Mestrado em Educação - orientador - Faculdade de Educação, 1980

Allen Arthur Jensen, Doutorado em Ecologia, Instituto de Biologia, 1985

Victor Tomelim, Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, 1984

Adriano Salmar Nogueira e Saveira, Mestrado de Educação, 1984, Mestrado em Antropologia Social - orientador

Elda Rizzo de Oliveira, Mestrado em Antropologia Social-orientador-DCS, 1983

Ana Maria Doimo, Mestrado em Antropologia Social - orientador - DCS, 1983

b. Em outras Universidades

Maria France Garcia, Doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, 1984

Luiz Felipe Baêta Neves Flores, Doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, 1984

Carlos Corrêa Teixeira, Mestrado em Sociologia, USP, DCS, 1980

Luiz Roberto Benedetti, Mestrado em Sociologia, USP, DCS, 1981

Dulce Consuelo Andreatta, Mestrado em Sociologia, USP, DCS, 1984

Neide Esterci, Mestrado em Ciência Política, USP, DCS, 1985

Francisco Itami Campos, Mestrado em Ciência Política, USP, DCS, 1986

Joel Pimentel Ulhoa, Doutorado em Filosofia, USP, DCS, 1981

Lauro de Vasconcelos, USP, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 1984, mestrado em Sociologia Rural

Osmer Fávero, P. Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Educação, 1984, Doutorado em Educação

Olinda Maria Noronha, Doutorado em Educação, P. Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Educação, 1984

Arnaldo Lemos Filho, Mestrado em Antropologia, P. Universidade Católica de São Paulo, DCS, 1980

Lucila Arouca, Doutorado em Educação - orientador - P. Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Educação, 1983

Paolo Nozella, Doutorado em Educação, P. Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Educação, 1981

Carmem Cinira Macedo, Concurso para Professor Titular, P. Universidade Católica de São Paulo, DCS, 1986

João Francisco Regis de Moraes, Mestrado em Filosofia, P. Universidade Católica de Campinas, Faculdade de Filosofia, 1981

José Pereira Peixoto Filho, Mestrado em Educação, Fundação Getúlio Vargas, IESAE, 1986

Arno Kreutz, Mestrado em Educação, Fundação Getúlio Vargas, IESAE, 1982

Sônia Borges Vieira da Mota, Mestrado em Educação, Fundação Getúlio Vargas, IESAE, 1982

Adair Leonardo Rocha, Mestrado em Educação, P. Universidade Católica do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 1985

Telma Guimarães de Miranda, Mestrado em Educação, UFMG, Faculdade de Educação, 1984

Mônica Ângela de Azevedo Meyer, Mestrado em Educação, UFMG, Faculdade de Educação, 1984

Dimas Barreira Furtado, Mestrado em Educação, UFMG, Faculdade de Educação, 1985

Eymard Mourão Vasconcelos, Mestrado em Educação, UFMG, Faculdade de Educação, 1986

Heldo Vitor Mulatinho, Concurso de Professor Titular Universidade Federal de Goiás, ICHL, 1985

Bárbara Elizabeth Neubarth, Mestrado em Educação, UFRG Sul, Faculdade de Educação, 1982

Pesquisas realizadas e em andamento (M) mimeografada, (X) xerox,
 (Xp) xerox aguardando publicação,
 a. antes e fora da UNICAMP (Pa) publicada como artigo,
 (Pl) publicada como livro).

A Distorção da Comunicação Verbal Oralmente Transmitida (M), Mestrado em Comunicação, Universidade de Brasília, 1968

Uso dos meios de comunicação de massas na UFGoiás (M), Com alunos de ciências sociais, Universidade Federal de Goiás, 1971

A Escolha de estilos de residência em Goiânia (M), com alunos de arquitetura, Universidade Católica de Goiás, 1971

Estereótipos relativos ao Assistente Social entre universitários de Goiânia (Pa), com alunos de Serviço Social, Universidade Católica de Goiás, 1972

Perspectivas de profissionalização entre estudantes de faculdades de Filosofia (M), com alunos de Educação, Universidade Federal de Goiás, 1970

Medos e preocupações em crianças e adolescentes (M), com alunos de Educação, Universidade Federal de Goiás, 1970

Atitudes paternas sobre Educação em comunidades rurais de Goiás (Pl) com alunos de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, 1970

Diolândia: dois estudos sobre Produção e sociedade (Pa) (pl), Pelo Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás (ICHL), 1973

Mossâmedes: dois estudos sobre relações e representações sociais (Pl), pelo ICHL, Universidade Federal de Goiás, 1974

Trabalho e Identidade Étnica em Goiás (Pl), Mestrado em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 1974 (bolsa FORD)

Mossâmedes: religião e sociedade (Pl), Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, 1974/75

Crenças e costumes de comida em Mossâmedes (M) (Pl), Projeto Hábitos e Ideologias Alimentares (UnB, Museu Nacional, FINEP), 1975/76

As Cavalhadas de Pirenópolis (pl), Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, 1973/74; Prêmio Nacional Americano do Brasil 1º lugar

A Dança dos Congos da Cidade de Goiás (Pl) (Pa), Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás Prêmio Nacional Mário de Andrade 2º lugar, 1974/75

O Reinado de São Benedito e o Juizado de N. Senhora do Rosário na Festa do Espírito Santo (Pl); Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, 1975; Prêmio Nacional Sylvio Romero, 1º lugar

O Ritual das Congadas na Festa de Nossa Senhora do Rosário em Catalão (Pl), Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, Prêmio Nacional Mário de Andrade 1975/76, 1º lugar

As Folias de Reis de Mossâmedes, Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, 1975

b. como professor e pesquisador da UNICAMP

Religião e Ideologia Religiosa em Monte Mor (Pa) (Pl), UNICAMP, DCS, 1977 (bolsa CNPq)

Estruturas e Processos Sociais de Reprodução do Saber Popular (M) (Pl parte), UNICAMP, DCS, 1981/82 (com alunos de graduação)

Rituais Religiosos do Catolicismo Popular em São Paulo e Minas Gerais, UNICAMP, DCS, 1977/79 (auxílio FUNARTE)

Os Deuses de Itapira: um estudo sobre a religião popular, USP/DCS, pesquisa do doutoramento, 1976/1979 (bolsa do CNPq, auxílio FAPESP)

Cultura Camponesa e Educação Rural, UNICAMP/DCS, 1983/85 (auxílio CNPq, IDRC - Canadá)

Relações de Trabalho e Reprodução do Saber na Sociedade Camponesa UNICAMP/DCS, 1983/atual (auxílio CNPq, IDRC - Canadá)

Modernização e Tradicionalidade na agricultura de pequena produção no Sul de Minas, UNICAMP/DCS, pesquisa a ser iniciada no 2º semestre de 1986 (auxílio da FINEP).

c. pesquisas feitas fora da universidade

Ideologia de uma igreja no Centro Oeste, CEDI-Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1974/76

Análise do Projeto Interação, do Ministério da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983/85

O Trabalho Simbólico: a religião como cotidiano, ISER-Instituto de Estudos da Religião, 1984/atual (auxílio da FINEP)

Bolsas de estudo e auxílios de pesquisa recebidos

Bolsa de estudos da OEA para estudos de Educação de Adultos no CREFAL, UNESCO, México, 1966

Bolsa de estudos da CAPES para estudos de Mestrado em Antropologia Social na Universidade de Brasília, 1972/74

Bolsa de pesquisa do CNPq durante o período de doutorado em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, 1978/80

Bolsa da Fundação FORD para a pesquisa da dissertação de mestrado, 1973/74

Bolsa da Universidade Federal de Goiás para pesquisas sobre catolicismo popular, 1974/75

Bolsa de pesquisa da FUNARTE (mediante concurso) para pesquisa sobre rituais religiosos do catolicismo popular em Minas e São Paulo, 1977/78

Bolsa da FINEP (convênio UnB/Museu Nacional) para pesquisa sobre hábitos e ideologias alimentares

Bolsa da Fundação FORD para pesquisa sobre estruturas e processos de reprodução do saber popular, 1980/81

Bolsa de pesquisa da FUNARTE para documentação fotográfica e sonora na região do Alto Paraiba, em São Paulo, 1982/83

Auxílio de Pesquisa do CNPq para pesquisa de reprodução do saber na sociedade camponesa, 1983/1986

Auxílio de Pesquisa do International Development Research Centre (IDRC/Canadá) para pesquisa sobre reprodução do saber na sociedade camponesa 1982/1986

Auxílio de pesquisa da FINEP para sub-projeto de pesquisa sobre modernização e tradicionalidade na agricultura do Sul de Minas (atual)

Trabalhos publicados

a. livros científicos

- . Peões, Pretos e Congos: trabalho e identidade em Goiás, 1977, Editora UnB/Oriente, Brasília/Goiania
- . O Divino, o Santo e a Senhora, 1978, FUNARTE, Rio de Janeiro
- . Os Deuses do Povo: um estudo sobre a religião popular, 1980, Brasiliense, S. Paulo, 2^a edição
- . Plantar, Colher, Comer: um estudo sobre o campesinato goiano, 1981, GRAAL, Rio de Janeiro
- . Sacerdotes de Viola: rituais religiosos de Minas e São Paulo, 1981, VOZES, Petrópolis; 1986, Papirus, Campinas, 2^a edição
- . Casa de Escola: cultura camponesa e educação rural, 1983, Papirus, Campinas, 2^a edição
- . A Educação como Cultura, 1985, Brasiliense, São Paulo
- . Memória do Sagrado: estudos sobre religião e ritual, 1985, Paulinas, São Paulo
- . A Festa do Santo de Preto, 1985, FUNARTE/Ed. Universidade Federal de Goiás, Rio de Janeiro/Goiania

- . Campesinato Goiano, 1986, Ed. Universidade Federal de Goiás
- . Identidade e Etnia, 1986, Brasiliense, São Paulo
- . O Festim dos Bruxos, 1986, Ed. UNICAMP, Campinas
- . Pesquisa Participante (organizador), 1981, Brasiliense, São Paulo, 5^a edição
- . Repensando Pesquisa Participante (organizador), 1984, Brasiliense, São Paulo, 2^a edição
- . Parentes e Parceiros. Artigo em: Colcha de Retalhos, estudos sobre a família brasileira, 1982, Brasiliense, São Paulo
- . Os Caipiras de São Paulo, 1983, Brasiliense, São Paulo

- b. livros de natureza didática ou dedicados a questões de educação
- . O Que é Folclore, 1982, Brasiliense, São Paulo, 6^a edição
- . O Que é Educação, 1981, Brasiliense, São Paulo, 20^a edição
- . O Que é o Método Paulo Freire, 1981, Brasiliense, São Paulo, 9^a edição
- . O Ardil da Ordem: caminhos e armadilhas da Educação Popular, 1984, Papyrus, Campinas, 2^a edição
- . Educação Popular, 1984, Brasiliense, São Paulo, 2^a edição
- . Lutar com a Palavra: escritos sobre o trabalho do educador, 1982, GRAAL, Rio de Janeiro, 2^a edição
- . Pensar a Prática: escritos de viagem e estudos sobre educação, 1984, Loyola, São Paulo
- . Saber e Ensinar: três estudos sobre a educação popular, 1983, Papyrus, Campinas
- . A Questão Política da Educação Popular (organizador), 1980, Brasiliense, São Paulo, 5^a edição
- . Lições da Nicarágua: a experiência da esperança, 1984, Papyrus, Campinas, 2^a edição
- . Educação Popular: contribuição ao debate da educação do índio, artigo em: A Questão da Educação do Índio, 1981, Brasiliense, São Paulo

- . Educação Alternativa na Sociedade Autoritária, artigo em: Perspectivas e Dilemas da Educação Popular, 1984, GRAAL, Rio de Janeiro
- . As UEACs: unidades escolares de ação comunitária, artigo de: da Escola Carente à Educação Possível, 1986, Loyola, São Paulo
- . Educação Popular e Conscientização (tradutor), 1980, VOZES, Petrópolis (livro escrito em colaboração com Julio Barreiro, Siglo XXI, Buenos Aires, México, 1974, 12^a edição)

c. artigos publicados em livros no exterior

- . Sobre la Producción Social de la Utopía artigo de: La Esperanza en el Presente de América Latina, 1983, DEI, Costa Rica ((San José) Raul Vidales e Luis R. Pagén (org.)
- . Estructuras y Procesos de Reproducción del Saber Popular, artigo de: Teoría Y Práctica de la Educación Popular, 1985, CREFAL/IDRC, Pátzcuaro, México, Marcela Gajardo (org.)
- . La Participación de la Investigación en los Trabajos de Educación Popular artigo de: La Investigación Participativa en América Latina, 1983, CREFAL, Pátzcuaro, México, Gilberto Vejanero M. (org.)
- . Estructuras Sociales de Reproducción del Saber Popular, artigo de: Saber Popular y Educación en América Latina, 1985, Ediciones Búsqueda, Buenos Aires, Argentina, Isabel Hernandez (org.)
- . La Educación Popular en América Latina, artigo encomendado pela UNESCO, OREALC/UNESCO/Oficina de Educación Iberoamericana, Madrid, Espanha, 1984, republicado em: 1985, Ed. TAREA, Lima, Peru
- . El Poder de La Palabra, artigo de: La Comunicación Popular Educativa, 1985, CIESPAL, Quito, Ecuador
- . El Método Paulo Freire para la Alfabetización de Adultos, 1977, CREFAL, Pátzcuaro, México, Cuadernos de CREFAL n° 3

d. artigos e textos publicados isoladamente

- . A Folia de Reis de Mossamedes, 1977, FUNARTE/CDFB, Rio de Janeiro, Cadernos de Folclore 30
- . Memória do Sagrado: religiões de uma cidade do interior, 1982, ISER/Tempo e Presença, Rio de Janeiro, Cadernos do ISER n° 1

- . Refletir, Discutir, Propor: as dimensões de militância intelectual que há no educador, 1980, ASSUEGO, IIIº Encontro Nacional de Supervisores de Educação, Goiânia

e. artigos publicados em revistas especializadas no Brasil

- . Estereótipos relativos ao Assistente Social entre Estudantes Universitários de Goiânia, 1972, maio, Debates Sociais nº 14, ano VIII, pg. 13 a 24, Rio de Janeiro
- . Congadas, Congos e Reinados - rituais negros católicos, Cultura out/dez 1976, MEC nº 23 ano 6, pg. 76 a 93, Brasília.
- . Religião e Religiosidade Popular, 1975, set., CEI- Suplemento/Tempo e Presença, nº 12, pg.12 a 14, Rio de Janeiro.
- . A Fé e a Festa - tensões entre modos de Crença e prática do Catolicismo Popular, 1975, dez., CEI - Suplemento/Tempo e Presença, nº 13, pg. 2 a 6, Rio de Janeiro
- . A Dança dos Congos da Cidade de Goiás, 1977, Folclórica, nº 6, pg. 15 a 99, Goiânia
- . Religião, Campo Religioso e Relação entre Religião Erudita e Religião do Povo, 1977, Cadernos Studium Theologicum, nº 6, pg. 7 a 38, Curitiba
- . De Errantes a Errados?, 1979, out., Religião e Sociedade, nº 4, pg. 17 a 24, Rio de Janeiro
- . O Profeta do Contestado e os Missionários da Cura Divina: dois agentes de religião estudados por Duglas Teixeira Monteiro, 1981, FUOC/Roteiro, nº 5, ano II, pg. 19 a 28, Joaçaba
- . A Ideologia das Classes Subalternas no Campo, Anais do Seminário: Revisão Crítica da Produção Sociológica voltada para a Agricultura, ASESP/CEBRAP, 1984, pg. 184 a 197, São Paulo
- . Histórias de Lutas entre Camponeses do Arroz, 1984, jun., Cadernos do CERU nº 19, pg. 117 a 126, São Paulo
- . O Número dos Eleitos: religião e ideologia religiosa em uma sociedade de economia agrária no Estado de São Paulo, 1976, out., Religião e Sociedade, nº 3, pg. 53 a 92, Rio de Janeiro.

f. artigos publicados em revistas especializadas no exterior

- . A Dança de São Gonçalo: um ritual religioso do catolicismo popular de camponeses do Estado de São Paulo, Músicas Aptatio, 1981, Liber Anuaris, Collectanae Musicae Sacrae Brasiliensis, Urbana University Press, Roma, pg. 203 a 224
- . A Experiência Evangélica de Trabalho com uma igreja do Povo, 1980 Cristianismo y Sociedad, 3^a y 4^a entregas, Buenos Aires, pg.47 a 51
- . Religion et Ideologie Religieuse à Monte Mor, 1979, Archives de Sciences Sociales des Religions, n° 47/1 pg. 91 a 121
- . Religion Identity as a Symbolic Strategy: brasilian dimensions, 1986, Social Sciences Information, SAGE, 21/1, Londres, pg.229 a 233

g. artigos sobre educação publicados em revistas e anais no Brasil

- . Da Educação Fundamental ao Fundamental na Educação, 1977, FASE, suplemento, Rio de Janeiro, 1980, Cadernos do CEDES, ano 1 n°1, São Paulo, pg. 5 a 34
- . Tecnologia Alternativa, Educação e Saber, 1982, Seminário sobre Tecnologia Alternativa CEDEC/CENDRO, Salvador
- . Um Plano Popular de Educação: subsídios para a elaboração de um plano de educação nacional popular, s/d, Partido dos Trabalhadores, 5 e 8, São Paulo
- . Avaliação, Participação: anotações sobre um ritual de fim de períodos, 1984, Cadernos do CEDES n° 12, S.Paulo, pg. 56 a 64 (fui o organizador da publicação)
- . Aprender a Dizer a Sua Palavra: anotações sobre o trabalho do alfabetizador de adultos, 1982, Cadernos ANPED n° 2, ANPED/CNFEq, Rio de Janeiro, pg. 25 a 33
- . A Cultura do Povo, a Prática da Classe: canções de militância, 1981, anais da 1^a Conferência Brasileira de Educação, set,pg.250 a 261, São Paulo
- . Eva Via a Luta: algumas anotações sobre a pedagogia do oprimido e a educação do colonizador, 1979, Educação e Sociedade, n°3, maio CEDES/Cortez e Moraes,pg.15 a 23, São Paulo

- . Os Caminhos Cruzados, 1984, Educação e Sociedade, nº 19, dez pg. 21 a 45, São Paulo
- . O Saber e o Ensino do Saber, 1981, Revista de Física, vol 3, nº4, dez, pg. 63 a 72, São Paulo
- . Refletir, Discutir, Propor, 1980, anais do IIIº Encontro Nacional de Supervisores de Educação, agosto, pg. 167 a 184, Goiânia
- . Algumas Cenas, Algumas Idéias, 1980, anais do Iº Seminário sobre a Universidade Brasileira, Universidade Federal de Juiz de Fora, pg. 227 a 233, Juiz de Fora
- . Viver a Educação Hoje no Brasil, 1981, anais do IVº Encontro Nacional de Supervisores de Educação, outubro, pg. 49 a 68, Fortaleza
- . Quem Julga os Juizes? algumas idéias para pensar um ritual de fim de períodos: a avaliação, 1984, Avaliação em Educação de Adultos: temas e discussões, MOBRAL/DREALC/UNESCO, pg. 59 a 61, Rio de Janeiro
- . Cultura, Estado e Sociedade, 1982, Enfoque, ano I, nº 11, novembro, pg. 1 a 9, Brasília
- . Educação Popular: converse em família, 1984, Tempo e Presença, nº 195, dez. pg. 19 a 21, Rio de Janeiro

n. artigos sobre educação publicados em revistas no exterior

- . Modificaciones de Actitudes entre Adultos del Medio Rural, Carte Informativa del CREFAL, nº 16 e 19, fevereiro, pg. 89 a 99, Pátzcuaro, México, 1977
- . La Cultura del Pueblo y la Educación Popular: 7 canciones de militancia pedagógica, Educación y Solidariedad, nº 2, ECO pg. 12 a 34, Santiago, Chile, s/c
- . Los Caminos Cruzados: notas acerca de la forme de concebir y hacer educación en America Latina, Revista Educación de Adultos, vol. 2, nº 2, abril/jun, pg. 28 a 41, México DF, México, 1984
- . Concientización y Educación Popular, Cristianismo y Sociedad, 1ª entrega, ano X, nº 29 y 30, pg. 5 a 39, Buenos Aires, Argentina, 1972

- . Estructuras Sociales de Reprodución del Saber Popular, IDRC/Manuscript Reports, pg. 130 a 165 textos do Taller sobre Teoría y Práctica, Ottawa/Santiago, Canadá/Chile, 1983
- . Alfabetización y Educación Extraescolar, Informe final de la Reunión Técnica Regional sobre Políticas y Estratégias para encarar el Problema del Analfabetismo y para la Educación Extraescolar en el Medio Rural, CREFAL, jun, pg. 28 a 45, Pátzcuaro, México, 1981
- . Decifrar Mistérios: pátria y pasión de Carlos, Chasquí - Revista Latinoamericana de Comunicación, nº 14, abril/junho, pg. 4 a 15, Quito, Equador, 1985

i. artigos entregues para publicação em revistas nacionais

- . Os Nomes do Trabalho, Anuário Antropológico, 1985
- . A Folie de Reis de Mossâmedes, Revista do Instituto de Artes da Universidade Federal de Goiás
- . Professores e o professor leigo, Em Aberto, INEP/MEC

j. produção literária e artística

- . Mão de Obra - poemas praxis, 1968, Universidade Federal de Goiás, Goiânia
- . Poemas Praxis, 1965/68, quatro poemas em Praxis - Instauração Crítica e Criativa nº 5, ano 4 e 5, pg. 20 a 25, São Paulo
- . Os Objetos do Dia, Prêmio especial para autores goianos, IIº Concurso Nacional de Literatura, CEF, Oriente, Goiânia, 1978
- . Diário de Campo, e Antropologia como Alegoria, 1982, Brasiliense, São Paulo
- . Oficina, 1982, Papirus, Campinas (antologia de 5 poetas)
- . Três Poemas, Veia Poética, Vertente, São Paulo, 1981, São Paulo (antologia)
- . Os Elementos, 1985, Escritores Brasileiros, Crisalis Editora, São Paulo (antologia)
- . O Operário Faz, 1967, poema incluído em Antologia dos Poetas Brasileiros - poetas da fase modernista, Edições de Ouro, Rio de Janeiro (antologia)

- . Os P (r) o (f) e t e s, 1979, poemas publicados na Revista da Civilização Brasileira, nº 7, janeiro, Rio de Janeiro
 - . A Trama da Rede, Poemas escritos para A Trama da Rede, filme de José Inácio Parente, Tempo e Presença nº 172, nov/dez 1981, Rio de Janeiro
 - . A Morte de Nativo Natividade, Poema, Tempo e Presença nº 205, jan/fev 1986, Rio de Janeiro
 - . Um Sebastião, Lavrador, Tempo e Presença nº 197, mar/abril 1985
 - . A Trama da Rede, participação em filme curta metragem de José Inácio Parente, 3 prêmios no Festival Nacional de Brasília, 1980, Prêmio Margarida de Prata, da CNBB, 1980
 - . A Divina Festa do Povo, participação e pesquisa antropológica em filme curta metragem de José Inácio Parente
1. prefácios e resenhas de trabalhos científicos, artísticos e didáticos
- . Poetas do Araguaia, 1983, Prefácio, CEDI, pg. 7 a 16, Rio de Janeiro
 - . Essa Água de Pedro, Poesia, 1983, Prefácio de Água de Rebelião, de Pedro Tierra, VOZES, Petrópolis, pg. 9 a 18
 - . Sobre Homens e seus Deuses, 1983, Prefácio a Os Homens de Deus, de Alba Zaluar, Zahar, Rio de Janeiro, pg. 7 a 10
 - . A Mensagem de um Poeta a um Outro, 1980, prefácio a Oito Poemas para o Vizionário, de Regis de Moraes, PUCC, Campinas, pg. 7 e 8
 - . A Erzulie: esses negros tão deuses, 1985, prefácio a Teu Corpo é Ouro Só, de A.B.M. Cadaxa, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, pg. 13 a 30
 - . Tanto Faz, ou o que faz a poesia, 1984, prefácio a Tanto Faz, de Luzitano Garcia, Brasília
- Movimento Social Urbano: Igreja e Participação Social, 1984, prefácio ao livro de Ana Maria Doimo, VOZES, Petrópolis, pg. 11 a 13
- . Da Submissão à Resistência, 1986, prefácio a De Camponesa a Mãe me, de Olinda Noronha, Loyola, São Paulo, pg. 11 a 16

- . Reencontro com a Educação Popular, 1980, resenha de Vivendo e Aprendendo e A Questão Política da Educação Popular (vários autores), Tempo e Presença nº 161, jul/ago, CEDI, Rio de Janeiro
- . Caipiras de São Paulo: camponeses, 1984, texto da exposição: Caipiras, Capiaus, Pau a Pique, SESC, São Paulo
- . "Do Índio ao Bugre": da assimilação à etnia, 1977, resenha da obra de Roberto Cardoso de Oliveira, Anuário Antropológico, ano 1976, pg. 295 a 300

Pesquisas Atuais em Andamento

Estruturas e Processos Sociais de Reprodução do Saber entre Camponeses de São Paulo, UNICAMP/IDRC/CNPq, 1982/86. Um relatório concluído e outro em fase de conclusão

O Trabalho Simbólico: a religião como cotidiano, ISER/FINEP, 1984/86. Relatório em fase de redação final

Tradição e Mudança entre camponeses de Minas Gerais, UNICAMP/FINEP, início em agosto de 1986

Cargos em Exercício Atual

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UNICAMP, setembro 1984/setembro 1986

Membro do Conselho do Programa de Doutorado de Ciências Sociais da UNICAMP, junho 1985/setembro 1986

Coordenador do convênio FINEP/UNICAMP: Apoio ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, atual

Membro do Conselho Latinoamericano de Educação de Adultos, março 1983/atual

Bancas de exame de teses

Agueda Bernardete Uhle, Mestrado em Educação, UNICAMP, 1982

Maria Machado Malta Campos, Doutorado em Ciências Sociais, USP/DCS, 1983

Sergio Haddad, Mestrado em Educação, USP, Faculdade de Educação, 1983

Heldo Vitor Mulatinho, Doutorado em Ciências Sociais, USP, DCS,
1982

Heloisa Helena Gomes de Matos, Mestrado em Comunicação, USP, ECA,
1982

Nazira Abib Oliveira Vargas, Mestrado em Antropologia PUCSP, DCS,
1982

Maria da Conceição Brenha Raposo, Mestrado em Educação FUNDAÇÃO
GETULIO VARGAS, IESAE, 1982

Mundicarmo Maria Rocha Ferretti, Mestrado em Ciências Sociais, Uni
versidade do Rio Grande do Norte, DCS, 1983

Lucila Bezerra Quinderé da Cruz, Mestrado em Educação, Universida-
de Federal do Rio Grande do Norte, Faculdade de Educação, 1983

Campinas, 29 de setembro de 1986



CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

II

relação do trabalho realizado na UNICAMP
entre 1976 e 1987

1976	1º semestre	Organização Social I	Graduação	G
	2º	Sociedades Camponesas	Pós	P
		(auxiliando Luis de Barros Mott)		
		trabalho em comissão de matrícula		
1977	1º	Introdução à Antropologia		G
	2º	Antropologia da Religião		G
1978	1º	dispensa para pesquisa do doutorado		
	2º	seminário com alunos de pós da "área da saúde)		
1979	1º	Antropologia da Religião		G
		Antropologia Política		G
		Responsável pelo Conjunto de Antropologia		
	2º	Top. Esp. de Humanidades		G
		Responsável pelo Conjunto de Antropologia		
1980	1º	Antropologia Agrária		P
		Elab. de Projeto de Pesquisa		P
		Responsável pelo Conjunto de Antropologia (fim do mandato)		
	2º	Elab. de Projeto de Pesquisa		P
1981	1º	Identidade Social		P
	2º	Tópicos Especiais de Antropologia		P
	2º	Elab. de Projeto de Pesquisa		P
1982	1º	História do Pensamento Antropológico		G
	2º	Organização Social II		P
		Estudos de Campesinato (leitura)		P
1983	1º	dispensado de cursos para pesquisa		
	2º	Organização Social e Simbolismo		G
1984	1º	Organização Social I		P
	2º	História do Pensamento Antropológico		G
	2º	Elab. de Projeto de Pesquisa		P
	2º	Educação Popular (na FE)		G

		Coordenador do Programa de Pós- Graduação em Antropologia (de- pois de setembro)	
1985	1º	Leitura Dirigida	P
	1º	Elaboração de Projeto de Pesquisa	P
	1º	Organização Social I	P
	2º	Elaboração de Projeto de Pesquisa	P
		Coordenador do Programa de Pós Graduação em Antropologia Participação na comissão de implan- tação do Doutorado em C. Sociais	
1986	1º	Elaboração de Projeto de Pesquisa	P
	1º	Religião, Mito e Ritual	G
	2º	Mito, Rito e Simbolismo	P
	2º	Tópicos Avançados em Teoria Antropológica (doutorado) Coordenador do Programa de Pós Graduação em Antropologia (até setembro) Membro da Sub-Comissão do Programa de Doutorado em Ciências Sociais	
1987	1º	Introdução à Antropologia Social	G
	2º	Em licença para pesquisa de campo	

4 orientandos de mestrado com dissertação defendida; um na Faculdade de Educação. 6 orientandos atuais de mestrado em Antropologia Social, 2 da Faculdade de Educação. 2 orientandos de doutorado em Ciências Sociais e 2 da Faculdade de Educação.

Participação em 17 bancas de exame de mestrado e em 12 de exame de qualificação.

anexo III

RELAÇÃO DOS LIVROS E ARTIGOS
PUBLICADOS APÓS O DOUTORADO
E SELECIONADOS PARA EXAME.

L I V R O S

OS DEUSES DO POVO - um estudo sobre a religião popular

Trata-se de minha tese de doutoramento, publicada pela Editora Brasiliense em 1980. Um estudo em Itapira, no interior de São Paulo a respeito do campo político de relações entre agentes e grupos religiosos e da atribuição de identidades através da religião.

Brasiliense, São Paulo, 1980, 2ª edição

MEMÓRIA DO SAGRADO - estudos de religião e ritual

Os três primeiros capítulos do livro constituem o início de minha tese de doutorado: Os Deuses de Itapira, não incluídos no livro acima mencionado. Retraçam a história imediata da composição do campo religioso de uma cidade do interior do país. Os outros são relatórios de pesquisas de campo feitas em Goiás, Minas Gerais e São Paulo. Em um deles, apresentado no Congresso dos Americanistas realizado em Manchester, procuro analisar as relações entre agentes "populares" e "eruditos" de cultura através da religião.

Faulinas, São Paulo, 1985

PLANTAR, COLHER, COMER - um estudo sobre o campesinato goiano

O livro é a ampliação de meu relatório de pesquisa sobre ideologia e hábitos alimentares entre lavradores de Mossamedes, no interior de Goiás. Originalmente tal relatório fez parte do projeto de estudo sobre costumes populares e representações a respeito de alimentos. Em minha pesquisa, procuro antes descrever como o campesinato estudado representa as suas próprias relações com a natureza e as suas variações.

GRAAL, Rio de Janeiro 1981

DIÁRIO DE CAMPO - a antropologia como alegoria

Como é que se escreve a emoção? Uma experiência do olhar e da fala entre a observação antropológica e a expressão poética. Um livro feito em viagens e entre viagens em que falo sobre as pessoas, os lugares e as situações que vivi.

Brasiliense, São Paulo, 1982

A FESTA DO SANTO DE PRETO

A etnografia de uma festa de negros em Goiás, em louvor de Nossa Senhora do Rosário. Sob pretexto de descrever uma festa, discuto na verdade toda uma complexa trama de relações de poder e de trocas de bens, serviços e deferências entre as diferentes categorias de sujeitos sociais e étnicos participantes dos festejos.

FUNARTE/Ed. da UFG, Rio de Janeiro e Goiânia, 1985

IDENTIDADE E ETNIA - construção da pessoa e resistência cultural

Este trabalho foi feito originalmente para compor um programa de textos de iniciação à Antropologia para alunos da UNB. Após introduzir uma discussão maussiana a respeito de como socialmente se constroi e se transforma a própria idéia de pessoa, tomo o exemplo de sociedades tribais estudadas por antropólogos brasileiros, e procuro descrever estratégias de identidade em diferentes situações de contacto com a sociedade regional.

Brasiliense, São Paulo, 1986

CASA DE ESCOLA - cultura camponesa e educação rural

Se quisesse dar um exemplo dos meus esforços por pensar a educação do ponto de vista da Antropologia, usaria este livro. Nele, ao contrário do que se faz usualmente, descrevo as trocas e processos culturais do saber a partir da lógica da própria cultura camponesa e, não, através da escola ou de outra qualquer agência de produção e reprodução de conhecimentos. São quatro estudos de campo, dentre os quais interessam os dois primeiros, mais atuais e mais intrigantes.

Paipirus, Campinas, 1983, 2ª edição

A EDUCAÇÃO COMO CULTURA

Ao contrário do anterior, este é meu livro de Antropologia da Educação mais propriamente teórico. São sete estudos todos eles feitos para serem apresentados em simpósios nacionais e internacionais. Ora estou tentando reinterpretar a idéia de cultura segundo os movimentos populares de cultura, ora discuto a questão cultural da educação de crianças. Um artigo introdutório dirigido a uma reunião continental sobre pesquisa participante, busca aprofundar a discussão corrente a partir de uma análise do próprio processo social do saber.

Brasiliense, São Paulo, 1985, 2ª edição

SABER E ENSINAR - três estudos sobre a educação popular

O principal artigo deste livro foi escrito para a UNESCO e reconstitui polemicamente a história das diferentes modalidades de sistemas de educação dirigidos a adultos das classes populares. Mas, para antropólogos, melhor é a leitura de O Poder da Palavra, onde procuro - provavelmente por uma primeira vez - aproximar Pierre Clastres da questão da educação, pensada antropologicamente como uma forma de poder que se realiza através da palavra.

Papirus, Campinas, 1985, 3ª edição

OFICINA

Por que não um livro de poesias? Ali eu convivo com outros quatro poetas de Campinas ou de Minas Gerais. O livro pode ser, mais até do que Diário de Campo, inadequado a um exame como o presente. Mas, tal como a narrativa que fiz de mim mesmo, ele depõe sobre uma parte muito importante de minhas idéias ... e sentimentos do mundo.

Papirus, Campinas, 1982.

A R T I G O S

- PARENTES E PARCEIROS - relações de produção e relações de parentesco entre camponeses de Goiás
incluído em Colcha de Retalhos
Brasiliense, São Paulo, 1983

OS NOMES DO TRABALHO

no Anuário Antropológico 1985

Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1986

O FESTIM DOS BRUXOS - relações sociais e simbólicas da prática do curandeirismo no Brasil

Religião e Sociedade nº 8, 1985

(Com este mesmo título e incluindo uma versão mais completa do texto, a Editora da UNICAMP e a ÍCONE devem estar editando até novembro um livro com quatro estudos sobre religião no Brasil).

RELIGIOUS IDENTITY AS A SYMBOLIC STRATEGY - brasilian dimensions

Social Science Information vol 25 nº 1 1985 Londres

A FESTA DO ESPÍRITO SANTO NA CASA DE SÃO JOSÉ

Religião e Sociedade nº 8, 1982

RELIGION ET IDEOLOGIE RELIGIEUSE À MONTE MOR

Archives de Sciences Sociales des Religions

nº 47/1 1979

LA PARTICIPACION DE LA INVESTIGACION EN LOS TRABAJOS DE EDUCACION POPULAR

in.: Investigacion participativa, Gilberto Vajerano ed.

Pátzcuaro, México

Estructuras Sociales de Reproducción del Saber Popular

in: Saber Popular y Educación en América Latina

Izabeñ Hernandez ed.

Ed. Búsqueda y CEAAL, Buenos Aires, 1985

- LOS CAMINOS CRUZADOS: formas de pensar y realizar la educación en América Latina
Revista de Educación de Adultos, vol 2 nº 2 abril/jun 1984
México DF, México

A TRAMA DA REDE

poesia para o filme de mesmo nome

Tempo e Presença Editora, nº 172 nov/dez 81